

A decorative border of small, five-petaled flowers with long stems and leaves, rendered in a light gray tone, frames the central text on all four sides.

*Marés
Perigossas*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Marés Perigosas*

AUTORIA: *Christine Feehan*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 *Edições Saída de Emergência*

Título original Dangerous Tides © 2006 *Christine Feehan*.

Publicado originalmente em Nova Iorque por Penguin Group, 2006

TRADUÇÃO: *Nanci Marcelino*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Caflesa – Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Abril, 2013*

ISBN: *978-989-637-502-7*

DEPÓSITO LEGAL: *355641/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

Tel. e Fax: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



Marés Perigosas

CHRISTINE
FEEHAN

Tradução de Nanci Marcelino

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Este livro é muito especial para mim, porque foi escrito para a minha irmã mais nova, Nanci Goodacre. Numa altura da minha vida em que poucas pessoas acreditavam que eu alguma vez seria capaz de publicar um livro, ela não só me encorajou como também me ajudou, datilografando as minhas histórias manuscritas num processador de texto antigo até altas horas da noite. É uma mãe maravilhosa, uma enfermeira excelente, mas, acima de tudo, é aquilo sobre o que estes livros realmente tratam: amor de família, força, a magia que existe entre irmãs e o apoio incondicional quando mais se precisa!

AGRADECIMENTOS

Tive uma sorte enorme em encontrar Will Prater, piloto do helicóptero *Huey*, frequentemente usado para sobrevoar água em missões de salvamento e evacuação na costa do Norte da Califórnia, exatamente na área em que a minha cidade mística de Sea Haven está situada. Ele passou horas comigo: a mostrar-me equipamento, vídeos e até mesmo salvamentos e o próprio helicóptero. Explicou-me pacientemente todas as fases do salvamento e respondeu a imensas perguntas. Ele e os homens do *California Department of Forestry*¹, especialmente os que fazem parte da *Howard Forest Station*², são homens extraordinários que prestam um serviço heroico.

¹ Organismo de proteção florestal, nomeadamente contra incêndios, da área da Califórnia, EUA. (N. da T.)

² Corporação de bombeiros do condado de Mendocino, no Estado da Califórnia, EUA. (N. da T.)



Capítulo 1

O vento soltou um lamento, um som suave que se elevou gradualmente até se transformar num clamor lamentoso, quase como se uma voz o tivesse convocado. Ondas rebentaram contra as rochas escarpadas, produzindo espuma branca e espalhando-se bem alto no ar em borrifos. O ruído era ensurdecedor: enormes estrondos trovejantes que ecoavam pela falésia. Uma chuva intensa deixara os penhascos instáveis, mas Drew Madison ignorou as placas de aviso e saltou a vedação, deslizando e escorregando à medida que avançava pela terra que se desmoronava perto da beira do penhasco.

A água fervilhou de tão agitada; um convite sombrio, vindo bem lá do fundo dos penhascos entalhados, ganhou força. A vista era hipnotizante. Por muito que tentasse, não conseguiu afastar o olhar fascinado ou deixar de ouvir as vozes que murmuravam na tempestade: a chamar... a chamar. Passou a mão pela cara numa tentativa de pôr a cabeça em ordem. Tinha a pele molhada, mas não tinha a certeza de se dever à chuva miudinha ou às suas próprias lágrimas. As ondas voltaram a ribombar: desta vez não passou de um som oco aos seus ouvidos, uma alma perdida tão assombrada quanto ele. Um chamamento.

Obrigou as suas próprias mãos a taparem-lhe os ouvidos, para abafar o uivo pesaroso, mas o vento atingiu-o, exigindo atenção, insistindo para que o ouvisse. Ele tropeçou para trás, abanando a cabeça, escorregou, cambaleando apenas por um momento. *Deixa-te ir! Deixa-te ir!*, insistiram as vozes ao vento. A liberdade estava a um passo ou dois de distância.

— Não! — Abanou a cabeça e procurou com as mãos, por trás de

si, a segurança da vedação. Os seus dedos agarraram a madeira com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Olhou fixamente para as mãos, obrigando-se a desviar o olhar da água agitada lá em baixo. Ele tinha de contar a alguém, tinha de tentar que entendessem o que se estava a passar. Mas a quem é que poderia contar? Fechá-lo-iam algures se lhes dissesse que as marés eram perigosas. Havia ali qualquer coisa, e estava faminta.

Hannah Drake estava no Passeio do Capitão, a varanda do telhado, a olhar para o mar. O vento batia-lhe com uma fúria invulgar, fazendo com que o seu cabelo comprido lhe chicoteasse a cara. As ondas batiam violenta e implacavelmente e ela pensou ter ouvido um grito de alarme algures à distância. Hannah aproximou-se da grade de proteção e virou-se para o lado de onde achou ter vindo o som impreciso. Já era a terceira vez que ela se sentia inquieta... e era a terceira vez em que não fora capaz de descobrir o motivo.

Olhou de relance para casa. As suas irmãs estavam à sua espera, a preencherem o vazio frio com o seu afeto e felicidade, mas ela ainda não podia ir ter com elas. Tinha de tentar mais uma vez. Atirou a cabeça para trás e fitou o céu. A lua estava parcialmente escondida por nuvens, lançando sombras escuras sobre a Luz. Ficou subitamente sem fôlego ao aperceber-se do círculo duplo à volta da lua: indo de um tom vermelho-escuro até ao preto.

— Hannah! — chamou Libby Drake. — Vem salvar-me! Estão a gozar comigo.

Hannah aconchegou a camisola ainda mais à sua volta e apressou-se a entrar no refúgio seguro do seu lar. Em breve haveria problemas, mas não sabia onde nem quem seria atingido. Ela estava a precisar da alegria e da camaradagem das suas irmãs para conseguir afastar o medo que crescia dentro de si. Às vezes, os seus dons eram uma maldição.

Libby fez deslizar o braço em torno de Hannah enquanto desciam as escadas juntas.

— Estás bem? Estás a tremer de frio.

— Estou bem. Estou mortinha para nos juntarmos todas hoje à noite — respondeu Hannah, abraçando Libby com força. Bastava tocar em Libby para que os seus medos desaparecessem. Fez um sorriso forçado ao juntar-se às irmãs, deixando-se cair no chão, no círculo animado. — Então, digam-me lá porque é que estão todas a implicar com a Libby. — Olhou de relance para além da janela, uma última vez, e depois virou-se de costas para esta. Não havia nada que pudesse fazer, portanto, concentrou a atenção nas irmãs e na satisfação que obtinha sempre com elas.

— Eu só disse que estou farta de ser uma santinha. Vou mudar

completamente a minha imagem e vou tornar-me numa rapariga rebelde — anunciou Libby.

— Libby, tu partes-me toda — disse Sarah Drake à irmã. — Tu não tens ponta de maldade. Nem mesmo se tentasses, conseguirias ser uma rapariga malcomportada!

Libby lançou um olhar carrancudo a Sarah e depois olhou para o círculo de rostos que a rodeavam.

— Eu não sou a santinha que toda a gente pensa que sou.

— Ai é? — No sítio em que estava esparramada no chão, Joley Drake ergueu o sobrolho. — Diz-me o nome de uma única pessoa que adorasses que fosse viver para Marte. Alguém que desprezes mesmo.

Risos retiniram pela sala de estar.

— Isso é absolutamente impossível. — Hannah inclinou-se para dar um beijo na têmpora de Libby. — Todas nós te adoramos, querida, mas tu não tens mesmo capacidade para seres uma rapariga rebelde. Não és como eu, ou a Joley. — Olhou para a irmã mais nova. — Ou a Elle.

Os risos aumentaram e Elle encolheu os ombros.

— É do cabelo ruivo. Não me responsabilizo pela minha... hum... personalidade interessante.

— É muito mais divertido ser-se má — disse Joley, impenitente. — Ninguém fica à espera que façamos o que está certo e nunca ficamos realmente em sarilhos. A mãe e o pai nunca tiveram expectativas de que eu fosse educada e boazinha quando éramos pequenas. Eles passavam a vida a dizer-me para eu me censurar a mim própria. — Esticou-se para pegar numa bolacha e sentou-se para beber o chá. — Tentei explicar-lhes que eu me *censurava*, que tinha tido cinco ideias diferentes e que tinha escolhido a menos desagradável, mas nem assim eles se entusiasmaram.

Elle sorriu a Joley por cima da chávena de chá.

— Eles habituaram-se a serem chamados ao gabinete do diretor da escola. Fiquei mesmo contente por ter nascido depois de ti. Tu abriste-me o caminho. Eu discutia com os professores por tudo e por nada e o psicólogo da escola dizia que eu tinha problemas com figuras de autoridade.

— Eles nunca conseguiam apanhar-me em flagrante — disse Hannah, expirando sobre as unhas e polindo-as com um ar satisfeito. — Um ou dois dos professores suspeitaram que eu tinha tido alguma coisa a ver com o jorro de sapos das secretárias das miúdas que não eram lá muito simpáticas comigo, mas nenhum deles conseguiu prová-lo.

Libby suspirou.

— Eu quero ser assim. Detesto ser a rapariga comportadinha.

— Mas tu és uma rapariga comportadinha — observou Kate, dando uma palmadinha no joelho de Libby. — Não consegues evitá-lo. Mesmo

quando eras criança, já tinhas causas pelas quais lutavas. Não podias meter-te em sarilhos, porque andavas muito ocupada a salvar o mundo. Isso não é uma coisa má.

— E tu não tens pensamentos maldosos, Libby — acrescentou Abigail.
— É algo que não faz parte de ti.

— Tu és responsável — disse Sarah. — Isso é bom.

Sentada no chão com as pernas cruzadas, Libby tapou a cara com as mãos e lamentou-se em voz alta à medida que tombava, indo aterrar com a cabeça sobre o colo de Hannah.

— Não! É tão aborrecido. Eu sou uma seca. Quero ser má como as cobras. Selvagem. Imprevisível. Tudo menos a velha Libby boazinha.

— Eu pinto-te o cabelo, Libby — ofereceu-se Joley. — Pontas de um rosa-vivo e madeixas cor-de-rosa e roxas.

Libby espreitou por entre os dedos.

— É impossível ter pontas rosa-vivo e madeixas cor-de-rosa e roxas e ser levada a sério quando estiver a trabalhar no hospital. Conseguem imaginar a reação dos meus pacientes?

Joley franziu o sobrolho.

— A intenção é essa, Lib. Tu queres obter uma reação. Queres mandar a prudência e o bom senso às urtigas. Mudares a cor do teu cabelo não vai fazer com que passes a ser uma má médica. Tu és tão respeitada como médica quanto qualquer outro médico.

Libby deixou cair as mãos da frente da cara e esticou-se para alcançar uma bolacha da maior importância. Estava a precisar de comida que lhe desse um conforto emocional.

— Tenho viagem marcada com os Médicos Sem Fronteiras. Não posso ir para África com cabelo rosa-vivo.

— Podes pois. Os miúdos vão adorar — insistiu Joley.

— Contigo é diferente, Joley. Tu és compositora. As pessoas já estão à espera que sejas radical e doida. Eu tenho de apresentar uma certa imagem.

— Porquê? — O prato de bolachas estava vazio e Joley acenou na direção da cozinha. Na sua deixa, o prato elevou-se no ar e deslocou-se lentamente para a cozinha, de onde o aroma a bolachas acabadinhas de fazer flutuava para a sala de estar.

— Lá está a Joley a armar-se — disse Elle. — Demorou eternidades para aprender a fazer aquilo.

Joley bateu a Elle com um jornal enrolado.

— Não demorei nada. Antes de nasceres, já eu o conseguia fazer. Vê lá se te atualizas, Hagatha, estamos a tentar ensinar à Libby como ser uma rapariga rebelde.

— Por falar em Hagatha — defendeu-se Elle —, hoje de manhã tentei

acordar-te e tu só fizeste barulhos insolentes e ameaçaste que me atiravas da torre abaixo, para um mar cheio de tubarões.

Joley acotovelou Libby.

— Estás a ver, querida? É assim que se é uma rapariga malcomportada. Por acaso, eu levantei-me e fui aspirar como sua majestade queria que eu fizesse? Não, fiquei a dormir até mais tarde e ela fê-lo por mim.

— Até parece — resmungou Elle. — Não fui eu que fiz o teu trabalho. A Libby fê-lo para tu poderes pôr o teu sono em dia, o que não precisarias de fazer se não ficasses acordada até altas horas da noite.

Ouviu-se um suspiro coletivo de reprovação.

— Libby, não fizeste nada! — Joley tentou soar desiludida, contudo apenas conseguiu engasgar-se com o seu próprio riso.

Libby baixou a cabeça subitamente, fazendo com que o seu cabelo preto caísse, qual nuvem, à volta do rosto e dos ombros.

— Achei que poderias precisar de mais umas horitas. Não foi nada de mais.

Sarah abraçou Libby.

— Tu és incrível e nem sequer te apercebes disso.

— Não, não sou nada — insistiu Libby. — Eu quero ser uma Hagatha. Só não quero é pintar o meu cabelo. Desculpa, Joley, e obrigada por tentares. Mas, a sério, cabelo cor-de-rosa não é para mim.

Joley dirigiu-lhe um sorriso rasgado.

— Lá estás tu a tentar não me magoar. Precisamos de uma escola para raparigas malcomportadas. Seria a única altura da tua vida em que terias notas abaixo de 20.

Libby ergueu o queixo e olhou para a irmã.

— Eu era capaz de tirar um 20 numa disciplina para raparigas malcomportadas. Eu tiro *sempre* 20 a tudo!

Joley encolheu os ombros.

— Eu tentei não tirar boas notas. Assim que começamos a tê-las, a mãe e o pai querem que continuemos a ter. Então estás tramada.

Hannah deu um pequeno toque a Joley com o pé.

— Boa filosofia! Quem me dera ter pensado nisso. — Acenou a mão em direção à cozinha. — E nunca estás concentrada. Até podíamos morrer todas sem bolachas.

— Fizeste daquelas bolachas com aquela cobertura cremosa que costumavas fazer, Hannah? — perguntou Kate. — Adoro essas.

— Para ti. — Hannah sorriu a Kate, mas virou-se para dirigir um olhar severo a Sarah. — Mas para ti *não*. Na outra noite ficaste do lado do Jonas Harrington por causa do filme. Perdi toda a consideração que tinha por ti, portanto não tens direito a cobertura nas tuas bolachas.

— Hannah! — protestou Sarah. — Não podes privar-me disso por eu ter gostado de um filme de que tu não gostaste!

— Não estou a privar-te disso por tu teres gostado do filme, sua campónia traidora, estou a privar-te porque admitiste ter gostado do filme à frente do troglodita e aumentaste-lhe ainda mais o ego.

— Tenho a certeza que a intenção da Sarah não era ficar do lado do Jonas — defendeu Libby.

O som de mais uma risada elevou-se no ar.

— Não tens remédio, Lib — disse Hannah. — Estou a mostrar-te como é que podes ser uma Hagatha, mas tu pareces não estar a entender a ideia.

A casa foi percorrida por uma rajada de vento assim que a porta da sala de estar se abriu, deixando entrar um homem alto de ombros largos. Jonas Harrington, o xerife local, bateu com a porta por trás dele e entrou a passos largos como se fosse dono daquilo tudo.

O olhar de Hannah saltou para a janela enorme que dava para o mar, com o coração a bater com toda a força, subitamente alarmada. A fúria do vento espalhou as nuvens escuras pelo céu, mas não foi capaz de ocultar o círculo vermelho-sangue que se infiltrava lentamente no anel obscurecido em torno da Lua. Ela levou a mão à garganta, num gesto puramente defensivo, à medida que o seu olhar se encontrava com o olhar da sua irmã mais nova. Elle tinha exatamente o mesmo ar de perigo iminente no olhar.

— Hannah? — Libby passou a mão pelo braço de Hannah para a reconfortar. — Passa-se alguma coisa?

De modo a distrair as irmãs, Hannah gesticulou na direção do xerife e resmungou.

— Por falar no diabo... Juro que é como se sussurrássemos o nome dele e este o invocasse, tal como um demónio dos infernos.

Joley deu um pequeno toque com o cotovelo a Libby.

— Estás a ver? Aquilo se chama censurar. Ela estava a pensar em algo muito pior, não estavas, Hannah?

Hannah assentiu com a cabeça.

— Podes crer. — Ela sentiu a alteração súbita de poder na sala, a energia subtil das irmãs a ajudarem-na, protegendo-a da maldição de começar a gaguejar ou algo pior: de ter um dos seus ataques de pânico só porque alguém que não fazia parte da família estava com elas.

— Bonequinha — Jonas cumprimentou Hannah, provocando-a deliberadamente com uma alcunha que ela detestava. — É impossível conseguires ensinar a Libby a ser uma Hagatha. Tu já nasceste assim. Mas ela, por outro lado, não é feita de mais nada para além de bondade. — Ele pegou

numa mão cheia de bolachas quando o prato flutuou à frente dele e atirou o casaco habilmente para cima do sofá sem sequer olhar.

— Porque é que os teus cães de guarda horríveis não lhe mordem? — perguntou Hannah a Sarah. — Da próxima vez que um deles estiver com fome e a pedir comida, vou lembrá-los de que falharam na tarefa mais importante deles.

Sarah encolheu os ombros.

— Eles gostam do Jonas.

— Têm bom gosto — disse Jonas, com um sorriso afetado. Sentou-se no chão, entalando-se a si próprio entre Hannah e Elle. — Chega-te para lá, docinho. — Empurrou a perna com força contra a coxa de Hannah. — Hoje à noite vou juntar-me à reunião de família.

Hannah abriu a boca e depois voltou a fechá-la abruptamente, examinando os traços de um sorriso triste gravados à volta da boca de Jonas e reparando que o sorriso não se refletia nos olhos dele. Ela, tal como todas as suas irmãs, sabia que, sempre que alguma coisa corria muito mal no trabalho dele, Jonas procurava o reconforto das pessoas e do sítio a que chamava de família e lar. Hannah acenou as mãos num padrão gracioso e complicado na direção da cozinha e a chaleira do chá apitou de imediato.

— A Libby quer ser uma menina malcomportada — anunciou Sarah.

As sobrancelhas de Jonas ergueram-se rapidamente. Um sorriso lento foi-se espalhando pelo rosto dele.

— Libby, querida, é impossível seres corrompida pelas tuas irmãs. Tu és simplesmente demasiado pura.

Libby dirigiu-lhe um olhar furioso, absolutamente irritada.

— Não sou nada. Vá lá! Podias ajudar-me um bocadinho, Jonas. Sou capaz de ser tão malvada quanto o resto da minha família.

— Apoiado — disse Elle. — Bem dito, mana!

Joley acenou a cabeça de acordo.

— Nada do que disseste é verdade, mas foi bem dito — concordou.

Hannah ergueu a palma de uma mão virada para cima e uma chávena de chá fumegante saiu da cozinha a flutuar, indo em direção ao círculo de irmãs. Ela pegou nela com cuidado, soprou o chá até as bolhas da fervura acalmarem e entregou-a a Jonas.

— Então e porque é que queres ser má? — perguntou Jonas.

— A minha vida é uma seca. Seeeecaa — respondeu Libby, prolongando a palavra. — Quero divertir-me. Já não quero ser a responsável.

— Então vais deixar os Médicos Sem Fronteiras e as tuas causas do Salvem as Baleias e do Apoio ao Salvamento dos Grandes Felinos? — perguntou Jonas. Ele estalou os dedos. — E vais ter mesmo de parar

de fazer reciclagem e aquela coisa para salvar o meio ambiente que fazes todos os anos.

— Espera — disse Joley. — Também podes abandonar as tuas tentativas para salvar a floresta tropical. Isso deve dar-te imenso tempo para te portares mal.

Libby pontapeou a irmã com uma delicadeza notável.

— Não estás a ser simpática. E o Jonas também não. Estão a gozar comigo.

— Não estou não — retorquiu Joley imediatamente. — Adoro-te exatamente como és. Tu só tens de aceitar que não tens pontinha de maldade em ti. É por isso que não consegues lembrar-te de ninguém que gostasses de enfiar num foguetão e mandar essa pessoa para Marte.

— O Jonas — disse Hannah. — Por ser tão mandão.

— A Hannah — disse Jonas em simultâneo —, porque deseja tanta atenção que anda sempre por aí a exhibir o corpo dela a toda a gente que queira ver.

— Eu sou modelo, sua rã — defendeu-se Hannah. — Não exibo o meu corpo, exibo as roupas.

— E, ainda por cima, de uma maneira brilhante — disse Kate, soprando-lhe um beijo. — Eu também voto no Jonas, por ser mau para a Hannah.

— Não é justo vocês unirem-se todas contra mim — protestou Jonas. — Ela foi má para mim primeiro.

— Vocês disseram-no ao mesmo tempo — fez notar Kate.

— Só o disse porque já sabia o que é que ela ia dizer.

— O Jackson Deveau. — Elle nomeou o delegado. — Porque ele irrita-me profundamente.

— O Illya Prakenskii — acrescentou Joley um segundo depois. — Porque ele só pode ser de outro planeta e é simplesmente assustador. — Esfregou a palma da mão como se tivesse comichão.

— O Frank Warner, por ter partido o coração à Inez — disse Sarah.

— Não posso dizer a Sylvia Fredrickson porque ela começou uma nova vida — disse Abigail —, por isso desta vez vou ter de votar na Joley.

Toda a gente olhou para Libby. Ela suspirou, sentindo o peso dos olhares deles.

— O Jonas não. Ele é mandão mas, na verdade, só deseja o nosso bem. Hannah revirou os olhos quando Jonas lhe deu uma cotovelada.

— De certeza que o Jackson é que eu não mandava. Sinceramente, Elle, como é que ele pode ser irritante? O pobre do homem nunca fala. O Illya Prakenskii ajudou-nos, Joley, e o Frank está na cadeia a pagar pelos crimes que cometeu. É claro que a Inez se sente magoada, mas ela é uma mulher forte e compreende que as pessoas cometem erros.

— Então quem é que tu enviarias para Marte num foguetão? — incitou Joley.

— Estou a pensar. — Libby bebericou o chá, franzindo o sobrolho. — Havia uma enfermeira que passava a vida a gozar comigo. Ela dizia que eu parecia uma tábua e que não era nada atraente.

Hannah sentou-se direita.

— Quem é? Tenho uma palavrinha ou duas para lhe dizer.

O ar da sala ficou pesado com a tensão súbita que se fez sentir. O chá ferveu nas chávenas.

Libby abanou a cabeça.

— Não, coitada, ela tinha uma vida tão horrível. Tem tantos problemas que nem é de admirar que ela não seja muito simpática. Tenho pena dela.

As irmãs Drake sopraram os respetivos chás antes de se entreolharem, Libby, porém, tinha o sobrolho franzido de tão concentrada que estava.

— Hei de lembrar-me de alguém.

— Admite, Lib, não consegues pensar em ninguém porque tu, simplesmente, não és má.

Libby baixou a cabeça.

— Consigo lembrar-me de uma pessoa. Ele andou na escola comigo e andou em todos os programas avançados. Ele até andou em Harvard ao mesmo tempo que eu. — Ergueu o olhar para as irmãs. — As notas dele eram mais altas do que as minhas.

Jonas sorriu-lhe.

— Aposto em como isso te irritava profundamente.

— Não era só isso, Jonas, ele não acreditava em magia. Ele acha que nós mentimos acerca dos nossos dons e que as pessoas da minha família não passam de charlatões e artistas ilusórios. Ele é muito arrogante e obstinado.

— Então, mete o nome dele no foguetão para Marte, mana — insistiu Elle.

Libby suspirou.

— É só que ele tem um cérebro incrível. O mundo precisa mesmo dele. Ele até já ganhou um Nobel da Medicina. É muito dotado. Apesar de não o usar pelas melhores razões.

— É um adepto fervoroso de triunfos? — perguntou Kate.

— Não, ele não quer saber da publicidade para nada. Está sempre enfiado no laboratório. Só quer saber da ciência. Quer dizer, da ciência e da adrenalina.

— Estás a falar do Tyson Derrick — adivinhou Jonas. — Ele é doído. Quando não está a trabalhar no laboratório, está a trabalhar para a

silvicultura. Ele é completamente viciado na adrenalina. Seja paraquedismo em queda livre, corridas, motas, *rafting*, o que quer que ele tenha à disposição, ele é homem para isso.

— Ele não tem o direito de arriscar o talento especial que tem — disse Libby.

— Não o meteste no foguetão — notou Joley.

Libby corou. O rubor trepou-lhe pelo pescoço até ao rosto, fazendo com que a sua pele ficasse com um tom vermelho-claro. Escarlate. Carmesim. Era a cruz da existência dela, isso e ser lisa como uma tábua.

— Oh, oh — disse Joley. — Acho que o teu Tyson Derrick é um bonzão. É, não é, Jonas?

— Como raio é que hei de saber? — objetou Jonas. — Não olho para o homem, a não ser que tenha de o mandar parar por ultrapassar os limites de velocidade e multá-lo.

— Ele ultrapassa os limites de velocidade? — perguntou Libby, abanando a mão, qual leque, à frente do rosto e tentando fazê-lo de um modo subtil.

— Tanto de mota como de carro. O homem não conhece o significado das palavras «Modere a velocidade».

— Ele tem bom aspeto — admitiu Sarah —, mas é uma maçada. O homem é incapaz de ter uma conversa educada. Já o vi a ir-se embora a meio de um encontro duplo com o primo dele, sem dar qualquer tipo de explicação, e a deixar o Sam ali sozinho com duas mulheres zangadas. Ele simplesmente não quer saber.

— Se ele não falasse, seria um bonzão — admitiu Libby. Não estava disposta a admitir mais nada. Ela não parecia ter um instinto sexual normal. As únicas vezes em que este entrara em ação fora quando Tyson Derrick estivera por perto e, depois, a libido dela ficara enalhada em alta rotação. Ela nunca esquecerá aquele homem. Por isso, de maneira nenhuma é que ela o meteria num foguetão em direção a Marte, pelo menos não antes de ter uma oportunidade de ir para a cama com ele. E isso jamais aconteceria porque ele era um absoluto idiota que se achava o maior. Ela *já* admitiria a alguém que sonhava com ele. O facto de ela se sentir atraída por um homem que a tratava tão mal era humilhante. Ele era totalmente o oposto de tudo o que ela defendia e a que dava valor.

— Então, o que é que aconteceu hoje à noite, Jonas? — Elle mudou de assunto abruptamente. — Estás incomodado com alguma coisa.

O sorriso desapareceu do rosto do xerife.

— Vocês não me querem ouvir a falar de trabalho.

— Este é o melhor sítio para o fazeres.

Ele suspirou e bebeu um gole de chá, que parecia sempre acalmá-lo, ou então era por estar perto das sete irmãs.

— Hoje de manhã fomos chamados. Uma vizinha disse que tinha ouvido gritos. Um homem de quarenta anos estava a cuidar da mãe, que, obviamente, está doente. Ele tem levantado os cheques dela, à medida que os vai recebendo, só que ele andava a deixá-la passar fome e batia-lhe, se ela o chateasse. Tinha montado um cinema em casa completo, topo de gama, e a mãe estava no quarto das traseiras, com a roupa toda suja, sem comida e sem água. Deu-me vontade de... — Calou-se de repente, olhando em volta da sala. — Desculpem. Eu sei que vocês todas são capazes de sentir o que eu sinto e tento manter as coisas em segredo, mas... — Calou-se, encolhendo os ombros ao de leve.

Tanto Hannah como Elle meteram a mão sobre o joelho dele. Libby inclinou-se e fez o mesmo. Sarah e Kate tocaram-lhe nos ombros, enquanto que Abigail e Joley lhe envolviam o braço com os dedos. Ele sentiu imediatamente o fluxo de calor, a sensação de ter uma família a apoderar-se dele.

— Vocês não têm de fazer isso — insistiu ele. — Não vim cá para vocês gastarem a vossa energia comigo. Só precisava de estar convosco. Tinha esperança de que os vossos pais e a tia Carol já tivessem voltado.

— Não, decidiram tirar uns dias para passearem pela região vinícola. O vale de Napa é tão bonito nesta altura do ano que eles pensaram em aproveitar e passear por lá — explicou Kate.

— O mais certo é eles terem precisado de um descanso de nós — disse Joley. — A tia Carol trouxe algumas revistas, tu sabes, aquelas com as últimas novidades de uma cantora maluca, a Joley Drake. Ao que parece, é suposto eu estar a fazer uma reabilitação qualquer esta semana.

— Isso foi na semana passada — corrigiu Elle. — Esta semana foste detida por teres dado cabo do quarto de um hotel.

— Dei? — Joley pareceu ficar satisfeita.

— Eu quero dar cabo do quarto de um hotel — disse Libby. — Bem, talvez não. Não tenho grande vontade de destruir a propriedade de outra pessoa.

— Ainda estou na prisão? — perguntou Joley, esperançosamente.

— Não. O teu amante mais recente pagou-te a fiança. Caso não te lembres dele: tem um cabelo mais comprido do que o teu, uma barba toda mal arranjada e toca numa banda qualquer de heavy metal.

— Não cheguei a conhecê-lo — disse Joley —, estivemos no mesmo hotel durante cerca de cinco minutos. Ele deve ser bem rápido a agir, sem nenhuns preliminares.

— As revistas têm mesmo andado atrás de ti ultimamente, Joley — disse Sarah.

Joley suspirou.

— Eu sei. Esperemos que isso passe em breve.

— Nunca percebi porque é que não processas esses escritores, quando inventam tantas mentiras sobre ti, Joley — disse Jonas. — Isso deixa-me furioso.

— No início também me sentia furiosa e magoada, e preocupada com o facto de a minha família ler mentiras realmente horríveis, ou talvez até mesmo por me entrevistarem e me fazerem perguntas sobre mim, mas aprendi a viver com isso. Há por aí tanta gente maluca, Jonas, mas acho que já sabes isso.

— Infelizmente. Falei com o Douglas por causa da tua segurança neste teu último concerto — acrescentou Jonas. — Eles deixaram alguém correr pelo palco. Nem quis acreditar. Se tivesse sido alguém que quisesse fazer-te mal, estaria tudo acabado. — A voz dele voltara a ficar triste outra vez.

— Era um fã demasiado zeloso, Jonas. — Joley tentou acalmá-lo. — Os seguranças levaram-no de lá e eu fiquei perfeitamente bem. — Cantar à frente de trinta mil pessoas era fácil. Lidar com perseguidores e fãs doidos e *paparazzi* podia dar cabo dos nervos de uma pessoa.

— Bem... — Elle hesitou, mordendo o lábio inferior. — Havia mais naquela revista. — Olhou para Libby. — Lembras-te daquele incidente há alguns meses, quando tu curaste aquela criança e os pais dela contaram a história milagrosa?

Libby acenou que sim com a cabeça. A revista publicara uma fotografia dela de página inteira. Felizmente, o artigo era tão teatral que ela acreditava que a maior parte das pessoas não daria qualquer importância àquilo.

— Houve um outro jornalista que entrevistou os pais e andou a investigar. Ele descobriu mais alguns pacientes antigos dispostos a elogiar-te. Um deles era a Irene Madison.

— Não pode! — disse Sarah. — A Irene jamais trairia a Libby.

— Da última vez que fui visitar o filho dela, ela estava muito perturbada, Sarah — observou Hannah. — Ela não parou de insistir que a Libby curasse a leucemia do Drew. A Libby conseguiu dar-lhe mais tempo, mas o que a Irene quer é uma cura.

— A revista pagou-lhe — disse Elle.

— Como é que sabes? — perguntou Jonas.

Elle olhou simplesmente para ele.

Jonas meteu as mãos como se estivesse a render-se.

— Desculpa por ter perguntado.

Libby esfregou as têmporas subitamente latejantes.

— Eu devia ter percebido. Hoje foi uma pessoa ter comigo ao trabalho. Estava bem vestido, de fato, definitivamente não era da cidade e queria marcar um encontro comigo e com o chefe dele.

O ténue sorriso de Jonas desapareceu do rosto dele e ele aproximou-se dela.

— Quem era o homem?

— Aí é que está? Não sei, mas reconheci o nome do chefe dele: Edward Martinelli. É um grande nome da indústria farmacêutica, mas ele tem uma certa reputação. Os rumores sobre ele e sobre as pessoas que apoiam a empresa dele são constantes. Eu disse ao representante dele que estava muito ocupada. O homem não me ameaçou, mas eu *senti-me* ameaçada. Ele referiu a minha família, principalmente a Hannah, disse que ela era bonita e influente.

— Raios partam, Libby, quando é que tencionavas contar-me sobre essa conversinha? — Jonas passou-se. — Devias ter-me contado isso imediatamente.

— Conteí à segurança do hospital, e às minhas irmãs — retorquiu Libby. — Ele não me ameaçou, nem ameaçou a Hannah. O que é que eu ia dizer à polícia?

— Não era à polícia, era a mim — corrigiu Jonas. — Contavas-me a mim.

— Até parece que isto não está sempre a acontecer — defendeu-se Libby. — As coscuvilheiras adoram sair-se com artigos sobre «curandeiros da fé» e «obreiros de milagres» quando não têm notícias para dar. — Passou uma mão pela nuvem de cabelo escuro que lhe caía à volta do rosto. — Eu só fiquei com a esperança de que não voltasse a acontecer durante muito tempo.

— O Martinelli tem ligações com uma família mafiosa de Chicago. Já há alguns anos que ele está em São Francisco com a empresa dele e, supostamente, tem estado impecavelmente limpo, mas a família dele tem estado várias vezes sob investigação.

— Talvez o negócio dele esteja mesmo legal — disse Libby. — Se ninguém conseguiu descobrir nada contra ele, talvez ele seja mesmo um homem de negócios com laços familiares infelizes. Toda a gente tem problemas.

— Então porque é que ele havia de mandar alguém para ameaçar a Hannah se não cooperares com ele?

— Ele não a ameaçou — repetiu Libby. — Eu estava cansada, Jonas. Estava a acabar um turno de dezoito horas e não estava nada satisfeita por ter um estranho a exigir que eu me encontrasse com o patrão dele. Ele não me dizia o que é que o Martinelli queria, mas quando lhe disse que não fazia experiências, ele disse que não tinha nada a ver com a empresa dele. Se calhar, eu estava tão cansada que percebi mal.

— Vou andar de olho no Martinelli. Não havia motivo nenhum

para ele falar na Hannah. Alguma vez viste a lista de chanfrados que lhe escreve cartas ameaçadoras? Ela tem tantos, ou mais, doidos atrás dela quanto a Jolie.

— Que sorte que eu tenho. E como é que tens tido acesso a essas cartas? — perguntou Hannah.

— Como já sei que és demasiado teimosa para mas entregares, fiz um acordo com os teus seguranças e o teu agente.

— Que bom. Já ouviste falar em privacidade?

— Esquece lá isso, cara de boneca. Nunca serei politicamente correto. Quando penso que é preciso proteger-vos a todas, protejo-vos quer vocês queiram, quer não.

As irmãs Drake trocaram pequenos sorrisos entre si.

— Tens tanto jeito para bater nesse teu peito masculino — disse Joley. — Juro-te, Jonas, estou prestes a desfalecer.

— Ninguém te pode censurar. — Jonas fechou os olhos, sem se sentir minimamente intimidado pelas mulheres ao redor dele.

Hannah acenou com a mão para apagar as luzes e fazer com que as velas começassem a reluzir.

— És tão arrogante e mandão, Jonas, nunca te fartas de ser assim?

— Não. Estou preso a vocês as sete e um de nós tem de ter juízo.

Sarah bateu-lhe com uma almofada.

— Tens sorte por gostarmos de ti, caso contrário deixaríamos que a Hannah te transformasse num sapo.

— Ela já tentou fazer isso, mas não resultou. O meu amuleto é demasiado forte. Onde é que andam os homens condenados esta noite? — perguntou Jonas, deitando-se para trás, de mãos unidas atrás da cabeça. — Fugiram para as montanhas?

— Vamos fazer uma noitada só para raparigas — disse Sarah com um pequeno sorriso afetado. — Nada de noivos. Só irmãos.

Jonas rosou, abrindo os olhos apenas o suficiente para poder lançar um olhar furioso.

— Podiam ter dito. Não me vou esquecer disto durante algum tempo. Eles vão ser implacáveis comigo.

— É o que tu mereces — disse Hannah. — Tu só cá vieste hoje para nos incomodares e para comeres bolachas.

— É muito verdade — concordou ele. — Faz-me sempre sentir melhor. Mas a Kate surriprou a última bolacha com cobertura. Quando é que vai ser esse casamento? Começo a achar que não vai haver nenhum e que vocês só querem ficar em Sea Haven para me arreliar.

— Nasci para fazer isso — concordou Hannah.

— O Aleksandr quer fugir comigo — confessou Abigail. — Não quer

esperar pelo casamento do século. Ele acha que é uma loucura e que devíamos simplesmente casar-nos sem confusões.

— Sem confusões? — Jonas emitiu um som rude e trocista. — O casamento do século vai ser um circo. Será que ele não percebe que a cidade inteira tem de ser convidada, caso contrário haverá pessoas magoadas?

— Daí ele querer fugir comigo para nos casarmos sozinhos.

— Eu acho que tu queres fugir para ir casar longe — reparou Sarah.
— Tu nunca gostaste de multidões, Abbey.

Abigail baixou a cabeça.

— A mãe e o pai iam ficar tão desiludidos. Os nossos parentes vêm todos para cá e vai ser um acontecimento gigantesco.

Kate meteu a mão no braço de Abigail.

— Isso não interessa. É o teu casamento. Se quiseres uma coisa pequenina, podemos roubar um padre aqui para casa e fazê-lo aqui mesmo só com a mãe, o pai, a tia Carol e nós.

Jonas levantou a mão.

— Dou um pontapé no traseiro do Aleksandr se não me incluírem, Abbey, mas estou plenamente de acordo. Ele está tão desconfortável com um casamento grande quanto tu.

Abigail expirou.

— Acham que a mãe e o pai vão ficar muito chateados?

Elle virou-se de barriga para baixo e esticou-se ao lado de Jonas.

— A mãe já sabe que não queres ter um casamento grande. Tenho a certeza que falou sobre isso com o pai. Eles querem que sejas feliz, Abbey, não querem que te sintas infeliz num dia tão importante. Já devias saber isso.

— É só porque a mãe parece andar tão contente a planear os casamentos.

— Eu estou a torturar o Damon — disse Sarah. — Ele vai ter de fazer isto porque eu sempre quis um casamento grande e ele tem de perceber que as pessoas de Sea Haven são importantes para mim.

— Tu só gostas é de o torturar — comentou Jonas. — Então e o Matt, Kate? Ele não se importa com o casamento grande?

Kate fez um pequeno sorriso.

— A mãe dele está nas suas sete quintas. E quer que tenhamos bebés imediatamente. Ela mandou-nos andar pelo mundo a multiplicarmo-nos. Depressa. Nunca vi ninguém tão ansioso por ter netos. Ela até já mandou montar um parque infantil em casa dela. Eu não ia querer desiludi-la e o Matt também não. Contigo é diferente, Abbey, não tens de agradar a mais ninguém. Eu acho que tu devias fazer uma pequena cerimónia privada aqui mesmo. Nós podemos manter tudo em segredo.

— Eu trato da música para vocês — ofereceu-se Joley.
— Eu posso tratar da comida toda, incluindo o bolo de casamento — disse Hannah. — Assim ninguém de fora da família vai aperceber-se do que está a acontecer.
— Eu trato da decoração da casa — disse Kate. — O Matt dará uma ajuda.

O rosto de Abigail iluminou-se.

— Têm a certeza que a mãe e o pai não vão ficar chateados? — Olhou para Elle ao fazer a pergunta.

A irmã Drake mais nova encolheu os ombros.

— Eles estão à espera que lhes digas que preferes uma cerimónia pequena e privada. A mãe e a tia Carol também têm dons. Vocês têm de se lembrar disso.

— A mãe tem todos os dons — lembrou-as Elle com um tom de voz baixo.

Joley fez uma careta.

— Digo-vos uma coisa. A mãe sabia sempre quando eu ia tentar esgueirar-me para fora de casa antes ainda de eu sequer tentar. Sarah, vais ser cá uma sortuda quando tiveres filhos. Eles nunca vão conseguir escapar-te. Os meus vão ser como eu, portanto, nem pensar em reproduzir-me. O mundo, e principalmente eu, não aguentaria.

— Tu vais ter filhos, Joley — disse Sarah.

— Como? Não estou para deixar que um idiota qualquer me amarre a ele. — Joley abanou a cabeça categoricamente. — Não suporto o autoritarismo. E quando são autênticos carneirinhos, fico tão aborrecida que só me apetece gritar. Para mim não há meio-termo. Estou condenada a ficar sozinha.

Jonas resmungou com ironia:

— Não me pareces muito infeliz por causa disso.

— Tu gostavas de viver com alguém igual a ti? — indagou Joley.

— Eu sou perfeito — declarou Jonas.

— Um homem viril — provocou Sarah.

— É isso mesmo, querida.

— Vou transformar-te num sapo — disse Hannah. — Ninguém seria capaz de viver com a tua arrogância e o teu autoritarismo. A tua pobre mulher sentir-se-ia intimidada e os teus filhos fugiriam.

— A minha pobre mulher manter-se-ia vestida perto de outros homens e do mundo em geral e só se despiria para mim — disse ele.

— Porque é que insistes que eu me dispo? Eu *visto* roupas, é o meu trabalho.

— A Inez leva as revistas todas se tu estiveres na capa, bonequinha.

Não tenho bem a certeza se aquilo que vestes a maior parte das vezes se pode chamar de roupa. Quando é que vais arranjar um trabalho a sério?

Hannah virou a cara a Jonas. Elle e Libby pousaram uma mão instantaneamente sobre ela, deixando fluir calor e energia para dentro dela. Sarah deu um pontapé a Jonas.

— Vai para casa. Agora estás a chatear-nos a todas. Sabes bem que não queres que fiquemos todas zangadas contigo.

Jonas levantou-se suavemente.

— Lá estão vocês a proteger a Bonequinha outra vez. Não estão a fazer-lhe favor nenhum. Ela não pode viver da aparência dela para sempre.

Hannah estremeceu visivelmente. As mãos dela tremeram até os dedos começarem a enrolar-se sobre si mesmos e ela cerrar os punhos.

Elle levantou-se, ficando a sua figura pequena e delicada diminuída pela figura muito maior de Jonas.

— Sabes uma coisa, Jonas? Se eu não soubesse as coisas que sei a teu respeito e que as tuas intenções são realmente as melhores, eu própria te corria daqui ao pontapé. Vai-te embora. E já! — O cabelo ruivo dela crepitou de electricidade e o corpo dela pareceu emanar luz ali na sala obscura, como se toda a energia que ela continha estivesse à procura de uma forma de sair. As paredes da casa expandiram e contraíram-se e o chão moveu-se por baixo dos pés dele.

Jonas fez-lhe uma cara feia, sem se sentir minimamente intimidado por ela.

— Estou-me nas tintas para o que tu sabes, Elle. E não me ameaces.

— Não estou a ameaçar-te. Se estivesse, não estarias aí, já estavas a correr, a fugir para te salvares. Caso ainda não tenhas percebido, não é fácil ser eu. Achas que quero saber o que é que toda a gente está a pensar ou a sentir em qualquer altura? Achas que é fácil ter um humor igual ao de toda a gente, mas ser tão perigosa que nem sequer me atrevo a tentar expressar a minha raiva?

— Estás a expressá-la agora.

— Isso é porque te adoro e jamais te faria mal acidentalmente. Não gosto de toda a gente, seu idiota. Vai embora antes que a casa se desmorne e a mãe e o pai fiquem verdadeiramente fulos comigo.

— És capaz de fazer isso? De fazer com que a casa venha abaixo?

— Parece-te que sou capaz? — contradisse-se Elle, gesticulando na direção das paredes.

As irmãs já estavam de pé, à volta dela. Libby colocou as mãos sobre os ombros da irmã mais nova de modo a que o calor calmante dela fluísse para o interior daquele aglomerado de energia efervescente. Elle inclinou-se na direção dela para que Libby pudesse fazer deslizar os braços à volta dela.

— Está a tornar-se mais difícil para ti, não está? — sussurrou Libby. Elle acenou afirmativamente e virou-se, enterrando o rosto no ombro de Libby. — Não sei o que hei de fazer.

Jonas aproximou-se e puxou ambas as irmãs para si.

— Desculpa, Elle. Jamais te dificultaria a vida se o pudesse evitar. Não consigo deixar de ser eu próprio, por muito que o queira fazer por ti.

Elle dirigiu-lhe, repentinamente, um sorriso breve.

— Eu sei que sim, Jonas. Sinto-me uma sortuda por te ter na minha família.

Libby esfregou as costas da irmã enquanto via Jonas a sair porta fora. O vento precipitou-se para o interior quando ele abriu a porta, fazendo com que as chamas das velas dançassem e bruxuleassem violentamente, lançando sombras pelas paredes. Libby não gostou da maneira como as sombras pulavam, como se pretendessem alcançar as Drake, esticando garas na direção delas. Ela olhou de relance para Sarah, a mais velha, e viu o mesmo pensamento nos olhos dela. Hannah e Elle trocaram outro longo olhar apreensivo à medida que Libby apertava Elle um pouco mais com os braços, abraçando-a com mais força para confortar ambas.

Capítulo 2

Pete Granger, um rapaz de dezassete anos, olhou na direção do oceano e vislumbrou alguém, ou alguma coisa, por entre os chuviscos, a mexer-se nos penhascos que se elevavam sobre Sea Lion Cove. Sentiu um baque no coração enquanto travava a sua carrinha velha a fundo. Felizmente não vinha ninguém atrás dele e ele espreitou para a parede de rocha a pique que se elevava por cima do mar agitado, subitamente engolindo com dificuldade devido ao nó na garganta que uma sensação de medo lhe provocara.

Pegou no telemóvel instintivamente, lembrando-se, ao metê-lo contra o ouvido, que apenas dispunha de serviços limitados na linha costeira e que não se encontrava na única falésia de onde era possível fazer uma chamada. A figura mexeu-se e, mesmo ao longe, Pete teve a certeza que reconheceria o seu amigo de infância, Drew Madison. Sentindo-se frustrado e com o coração aos pulos, pôs a carrinha a trabalhar e percorreu velozmente as várias curvas apertadas até virar para um caminho de terra que dava para os penhascos. Quase se esquecia de puxar o travão de mão ao estacionar.

O vento bateu com força contra ele assim que abriu a porta e ele desatou a correr pelo chão lamacento até à parte de cima da falésia. O boné dele voou pelo ar e o vento puxou-lhe a camisola. Ignorando a pequena vedação e as placas de aviso que diziam para se manter afastado da beira devido ao perigo de desmoronamento, deitou-se no chão e foi esticando o corpo à medida que rastejava para a beira e espreitava para lá desta.

— Drew! — O nome perdeu-se no ribombar do mar efervescente. Pete juntou as mãos em forma de concha à frente da boca e voltou a tentar,

aplicando toda a sua energia no grito. — Drew! Estás bem? — Duvidou que o seu amigo o tivesse ouvido, mas depois houve algo que o deixou em alerta, talvez tivessem sido os pequenos pedaços de terra que ele movera, porque Drew virou o rosto para cima na direção de Pete.

Drew Madison estava a alguns metros abaixo da superfície lamacenta da parte de cima do penhasco. A cerca de trinta metros por baixo dele as ondas batiam violentamente contra as enormes rochas escarpadas, atirando salpicos brancos bem alto para o ar. O ribombar do mar era ensurdecedor, ecoando pelas paredes íngremes de rocha. A chuva apareceu com um tom cinzento-prateado, era uma chuva fina constante que tornava muito mais difícil a Pete de vislumbrar o rosto extremamente branco de Drew.

Drew parecia pequeno e indefeso, com o rosto sujo de lama. Ele acenou com a cabeça e gesticulou para que Pete se fosse embora, encolhendo-se depois para se proteger dos salpicos da água do mar assim que uma onda se atirou rapidamente contra a enorme formação de rochas exatamente por baixo dele. Pete conseguiu ver marcas de escorregadelas na lama, por onde o corpo de Drew passara, escorregando pelo penhasco até atingir o pequeno afloramento onde estava agarrado.

Pete ergueu o telemóvel e fez um movimento como se estivesse a atirar uma corda. Para espanto dele, Drew abanou a cabeça ainda mais. A chuva continuou a cair constante e torrencialmente, entrando nos olhos de Pete, obrigando-o a usar os nós dos dedos para tirar a água dos olhos, o que fez com que perdesse o rosto branco e desesperado de Drew de vista por uns instantes. Quando recuperou a visão, Pete sentiu o coração a saltar-lhe pela boca. Drew desaparecera.

— Drew! — Pete gritou o nome até ficar rouco. Avançou alguns centímetros até que deslizou mesmo pela lama e teve de ancorar o seu próprio corpo, prendendo-se à vedação pelas botas. Assustado, espreitou para baixo, para a água enraivecida, para as cristas das ondas cheias de espuma e para os salpicos que explodiam por cima das rochas e agitavam a superfície do penhasco, à procura de um corpo. Parecia impossível que alguém sobrevivesse a uma queda daquelas. Mesmo que Drew tivesse conseguido evitar as rochas, teria caído naquele mar revoltado.

Lágrimas desfocaram-lhe a visão. Olhou fixamente durante tanto tempo para a parte superior daquela rocha que lhe pareceu que alguma coisa se estava a mexer em câmara lenta. Limpou os olhos com os nós dos dedos e voltou a olhar. Havia ali vários afloramentos que faziam com que o seu ângulo dificultasse ver alguma coisa, por isso, deslizou para trás e colocou-se numa posição melhor. Conseguiu ver de imediato que Drew estava deitado sobre as rochas que se erguiam de encontro ao penhasco, em

cima da terra que se desmoronara, e que estava a mexer-se! Excitado, Pete juntou as mãos em concha à volta da boca.

— Drew!

Não obteve resposta, mas sabia que Drew estava vivo. Este parecia estar entalado entre dois pedregulhos que se projetavam para fora do mar e que faziam parte das grutas que ficavam abaixo da linha de água. Parecia impossível ainda estar vivo, mas estava definitivamente a mexer-se.

— Vou buscar ajuda. Eles vão aí buscar-te, Drew!

Pete rastejou para trás, qual caranguejo, até rastejar por baixo da vedação e ficar em segurança, e correu de volta para a sua carrinha. Tinha de se afastar um pouco mais para o outro lado da enseada, onde a rede do telemóvel realmente funcionava. Era complicado: tinha de ficar num sítio numa altura em que tinha o corpo inundado de adrenalina e com vontade de fazer alguma coisa, mas forneceu todos os pormenores à esquadra do xerife.

Já estava quase a chegar outra vez ao penhasco quando ouviu o pranto das sirenes e soube que Jonas Harrington e Jackson Deveau, o xerife e o seu delegado, vinham a caminho. Deixou-se curvar de alívio e esperou pelo carro patrulha.

— O Ty não está a ligar-nos nenhuma — anunciou Sam Chapman ao círculo de bombeiros sentados à mesa a jogar às cartas. — Estas são as férias dele, sabem? Ele passa semanas, até mesmo meses, fechado no laboratório que tem na BioLab Industries. Não come, nem dorme e esquece-se de tudo menos de olhar para o microscópio. Não fala para vivalma, só olha para coisas minúsculas rastejantes a rabiá numa lamela.

— Também não fala muito quando está aqui — disse Doug Higgens.

— Ele consegue obter licença para fazer os salvamentos de helicóptero de noventa em noventa dias — disse Sam —, mas é só porque gosta da adrenalina, não é por gostar de nós.

— Eu também não gosto assim tanto de vocês, Sam — anunciou Jim Brannigan, o piloto de helicóptero. — Vocês ficaram com o meu dinheiro todo no último jogo de cartas.

Tyson Derrick mal reparava na troça contínua por parte dos outros bombeiros do heliporto. Era verdade, ele esquecia-se com frequência de comer e passava dias sem dormir, de tão concentrado que estava nas suas pesquisas que até se esquecia do mundo que o rodeava. Trabalhar ali na época de incêndios permitia-lhe fazer uma pausa, uma oportunidade de interagir com outras pessoas, bem como lhe proporcionava a adrenalina de que precisava fora do laboratório. Contudo, ultimamente nem isso

parecia ter algum efeito nele. Faltava-lhe alguma coisa. Ele *tinha* de arranjar uma vida.

— Acorda, Ty! — Sam Chapman bateu-lhe nas costas. — Não ouviste uma única palavra do que eu disse.

— Ouvi — retorquiu Tyson. — Apenas não mereceu qualquer resposta. E, já agora, Sam, passo a vida a dizer-te que as probabilidades estão sempre contra ti num jogo de cartas. Neste preciso momento estás a olhar para uma probabilidade de duzentos-e-vinte-para-uma. O que não é nada bom. O Sean tem muito melhores hipóteses com uma percentagem de quarenta-e-três-ponto-dois para uma.

— Muito obrigado por essa pequena lição — disse Sam, atirando as suas cartas para cima da mesa. Sorriu para o círculo de rostos que os rodeavam enquanto fazia pouco do primo. — O Ty contou-me ontem à noite que está pronto para assentar com a mulher perfeita. Agora só tem de encontrar uma mulher que não se importe que ele desapareça durante semanas ou meses sem fim enquanto ele trabalha no laboratório dele ou enquanto vai fazer paraquedismo ou *parasailing* ou escalada. Uma santa, estão a ver?

Fez-se ouvir um bramido de gargalhadas às custas de Ty. Ele não era descontraído nem se sentia à vontade como o seu primo Sam. Sam simplesmente encaixava bem em qualquer sítio e tinha um dom inato para fazer rir. Ty obrigou-se a mostrar um sorriso tímido.

— Era no que eu devia pensar — concordou Ty. — Não consigo parar de pensar num dos projetos da BioLab.

Sam resmungou: — Pensava que tinhas acabado todos os teus projetos e que o que quer que fosse em que estavas a trabalhar...

— Não é bem assim, neste momento estou a trabalhar num projeto em curso para identificar uma série de compostos que são inibidores potentes *in vitro*...

— Para, Ty! — Sam passou a mão pelo cabelo. — Vais deixar-nos a todos com dores de cabeça. Não admira que andes a pensar em assentar. Ninguém seria capaz de se preocupar com coisas desse tipo a tempo inteiro. Provavelmente nem consigo pronunciar o nome de metade das coisas com que trabalhas.

Ty encolheu os ombros e o seu rosto foi dominado por um semblante severo. — Não era no meu projeto da Hepatite C que estava a pensar. Há algum tempo a empresa começou a desenvolver um medicamento novo, recorrendo às descobertas relacionadas com o estudo sobre a regeneração celular para ferimentos externos que eu realizara há alguns anos. Eles acreditam que possuem uma potencial droga interna para combater o cancro, mas eu desconfio que essa droga tem alguma coisa de errada. Tenho feito mais algumas pesquisas não oficiais...

— Ty... — Sam abanou a cabeça. — É suposto esqueceres-te dessas coisas todas quando vens para aqui. Estavas com um aspeto horrível quando apareceste no treino. Ainda acabas preso por te envolveres tanto nessas coisas.

— É só que essa droga tem um verdadeiro potencial para ajudar muitos doentes de cancro se eles a fizerem bem. O Harry Jenkins está à frente do projeto e ele não é tão minucioso como devia ser. Tem tendência a seguir atalhos, porque está mais interessado em ser reconhecido do que em fazer as coisas bem. — De repente tomou consciência do silêncio dos outros à volta dele. Com ele era assim. Por mais que tentasse, não encaixava. A maior parte das conversas pareciam-lhe banais, já que a sua mente estava sempre a trabalhar para desvendar algum mistério e, por muito que ele tentasse desligar-se do trabalho, preferia continuar a trabalhar.

— Essa droga interna nem sequer faz parte do teu departamento — disse Sam. — Aposto em como o diabo do Harry não gosta lá muito de ti, pois não?

— Bem, não — admitiu Ty relutantemente. Harry não gostava mesmo nada dele. Ele duvidava que houvesse muita gente que gostasse. Desejou que isso tivesse alguma importância para ele, mas só Sam é que realmente importava. Ele não gostava de desiludir Sam. — Mas isto não é nenhum concurso de popularidade. Esta droga poderia salvar vidas. E este medicamento novo baseia-se no meu trabalho anterior relacionado com a regeneração celular. Se eles fizerem tudo mal, sentir-me-ei responsável.

— Que bom. Vais passar o teu tempo livre naquele laboratório improvisado da nossa cave, não vais? — perguntou Sam. — Eu planeei irmos fazer *rafting* e algumas viagens de escalada, e *parasailing* também. Acho bem que não voltes a falhar-me.

Ty recostou-se na cadeira e analisou o rosto atraente do primo. Por vezes, Sam conseguia ter um ar impertinente. Era o único homem que Ty conhecia que era capaz de ficar com aquele olhar e ainda assim ser apelativo para as mulheres. Ele já vira aquela expressão milhares de vezes. Sam tinha charme. Ty desejava frequentemente também possuir um pouco do que quer que fosse que Sam tinha. Sam dava-se bem com as pessoas. Dizia os maiores disparates à maior parte deles e toda a gente gostava dele.

Ty sabia que envergonhara Sam mais de uma vez ao longo dos anos devido à sua maneira de ser abrupta e cáustica. Quantas vezes é que ele perdera uma viagem ou uma saída que Sam planeara só porque não se apercebera do tempo a passar e porque divertir-se com os rapazes não era tão excitante quanto trabalhar no laboratório, a seguir o rasto de um inibidor qualquer que poderia funcionar com células T? A conclusão a retirar era: o facto de ele possuir um QI elevado não importava, ele não se sentia

à vontade na companhia dos outros, e provavelmente sentir-se-ia sempre assim, mas ele simplesmente não se preocupava assim tanto com isso para arranjar tempo para melhorar as suas capacidades sociais.

Viver com Sam durante três meses por ano era sempre uma adaptação. Quando falecera há cinco anos, Ida Chapman deixara a sua casa como herança ao filho Sam e ao sobrinho Tyson. Ty andava sempre ansioso por visitar o primo, mas aquele primeiro mês era sempre difícil. Ty estava habituado a estar sozinho e a não falar com ninguém e Sam gostava de conversar.

— Eu não falho as nossas viagens — disse Ty. O seu semblante carregado intensificou-se perante o silêncio contínuo de Sam. — Pois não? — Esfregou a cana do nariz. Provavelmente falhara; mais de uma vez. Lá estava ele a desiludir Sam outra vez.

Sam encolheu os ombros.

— Não interessa, Ty. Só estou a meter-me contigo. Tu és bioquímico e os bioquímicos são todos doidos.

— E os tripulantes de helicópteros não são?

Elevou-se um bramido de gargalhadas. Sam ergueu as mãos, de palmas viradas para cima.

— Pronto, nesse ponto tens razão.

— Eu quero saber mais sobre a santa do Ty. É loura e bem constituída? — perguntou Rory Smith. Esfregou as mãos uma na outra. — Vamos lá falar de coisas boas.

— Essa é que é a tua ideia de mulher perfeita, Rory? — observou Doug Higgins, batendo no braço do bombeiro. — E, de certeza absoluta, que não queres nenhuma santinha. Como é que ela é, Ty? Já a encontraste?

De repente surgiu uma imagem na mente de Ty, antes de ele poder sequer reprimi-la. O rosto dela. Pálida. Cabelo preto como a noite. Uns grandes olhos verdes. Uma boca de morrer. Ty abanou a cabeça.

— Ela tem de ser inteligente. Não consigo passar mais de dois ou três minutos com alguém que seja idiota. — E esse era o problema e seria sempre o problema. Ele queria conversar sobre coisas que o apaixonavam. Queria partilhar os problemas que tinha no trabalho com alguém. Nem sequer Sam fazia a mínima ideia do que ele costumava dizer e Sam realmente tolerava-o. O olhar da maioria das mulheres simplesmente ficava ausente assim que ele começava a falar. E Deus o livrasse se uma delas começasse a falar sobre cabelos, unhas e maquilhagem.

— Credo, Ty! Que raio se passa contigo? O que é que interessa se elas têm cérebro? Tu é que não andas a fazer as coisas certas com ela — disse Rory. — Para de tentar ter uma conversa e passa logo à ação. Tu precisas de ajuda, pá.

Ouviu-se outra série de gargalhadas.

O ar foi invadido por três toques e os homens ficaram instantaneamente silenciosos. Os três toques voltaram a fazer-se ouvir e eles levantaram-se de imediato. O rádio crepitou e o centro de comando anunciou um alpinista ferido nos penhascos de Sea Lion Cove, exatamente a sul de Fort Bragg.

Ty e os outros pegaram no material de salvamento, metendo-o dentro do helicóptero *Huey* o mais rápido e sistematicamente possível.

— Ben, vai ao centro de comando de Fort Bragg primeiro, mas quero que te aproximes o máximo possível — disse Brannigan, o piloto do helicóptero, ao engenheiro do equipamento anti-incêndio. Ben conduziria o caminhão cisterna que levaria combustível para o helicóptero, bem como meios de salvamento extra, como as macas de recuperação em que as vítimas são colocadas, e tudo o que é necessário em casos de emergência. Ele teria percorrer o itinerário montanhoso com o caminhão grande para chegar a Fort Bragg e demoraria pelo menos uma hora, ou mais. O helicóptero chegaria lá em catorze minutos.

Ben acenou afirmativamente e correu para o seu veículo. O helicóptero devorava combustível e eles nunca iam a lado nenhum sem o caminhão-cisterna.

A precipitação tão familiar de adrenalina percorreu o corpo de Ty, fazendo com que ele voltasse a sentir-se vivo depois de ter passado tanto tempo na caverna que era o seu laboratório. Ele precisava disto: do bater selvático da sua pulsação, da aventura, até mesmo da camaradagem dos outros bombeiros. Ocupou o lugar dele na parte de trás do helicóptero, juntamente com os outros quatro bombeiros; o capitão e o piloto seguiam na parte da frente. O capacete dele estava equipado com um rádio e a familiar lista de verificação fez com que toda a gente se instalasse.

— Verificação de comunicações — disse Brannigan para o microfone.

O chefe da tripulação respondeu, seguido de cada um dos membros da equipa.

— Isolamento do sistema de intercomunicações — anunciou Brannigan.

Na parte de trás, Ty e os outros verificaram as suas caixas de comunicação e desligaram todos os rádios de modo a ficarem isolados de todos os ruídos desnecessários. Era essencial que nada os distraísse durante a operação de salvamento.

Sean Fortune, o chefe da tripulação, respondeu: — Isolado.

— O piloto está isolado à exceção do canal vinte. Todos os itens soltos na cabina.

— Seguros — respondeu Sean.

Ty sentiu o habitual nó no estômago. Ele adorava o perigo e ansiava pela excitação. Em poucos minutos estariam no ar.

— Portas.

Sean inspecionou as portas.

— Porta direita aberta e imobilizada. Porta esquerda fechada e trancada.

— Cintos de segurança.

— Apertados — confirmou Sean.

— Arnês de segurança do supervisor de salvamento e do chefe de tripulação.

Sam e Sean verificaram os arnês minuciosamente.

— Chefe de tripulação seguro. Supervisor de salvamento seguro.

— Mecanismos de manobra do recuperador salvador.

Sam avançou para verificar os mecanismos de manobra, mostrando o polegar erguido a Sean.

— Seguro.

— DFP — prosseguiu Brannigan com a lista de verificação.

A tensão aumentou perceptivelmente dentro do helicóptero. Eles iam voar sobre água e o piloto e o chefe de tripulação tinham de usar dispositivos de flutuação pessoal ou DFP, já que a probabilidade de o piloto ficar preso no helicóptero, caso este caísse à água, era mais elevada.

— Colocados — veio a resposta.

— DEEH e pressão. DEEH do piloto está a postos e a pressão está a três mil.

O DEEH era o dispositivo de evacuação de emergência do helicóptero, que era uma minibotija de ar com um regulador de duas etapas.

— DEEH do chefe de tripulação está a postos e a pressão está boa.

Sam também respondeu: — DEEH do supervisor está a postos e a pressão está boa.

— Mosquetões.

Ty agarrou-se à beira do banco. Era agora. Estavam a subir e ele apenas fizera um pequeno salvamento durante os treinos há dois anos. Continuara a treinar e tinha a esperança de que não desiludiria os outros, mas o recuperador salvador era determinado por rotação e hoje calhara-lhe a ele. Seria ele a ficar pendurado por uma corda.

Sean respondeu ao piloto: — Soltos. — Sobre água, voavam sempre com os mosquetões desapertados, já que eles perderiam imenso tempo a desapertá-los caso o helicóptero se despenhasse.

— Estamos no ar — anunciou Brannigan calmamente ao centro de comando enquanto fazia com que o *Huey* se elevasse.

A adrenalina derramou-se pelas veias de Ty, numa precipitação nunca

antes sentida por ele. Não havia nada que pudesse comparar-se a isto, nem mesmo a altura em que ele desvendara o mistério para a regeneração celular e ganhara o prémio Nobel da Medicina. Nada se assemelhava a isto, a voar a grande altura dentro de um helicóptero, rodeado pelos outros homens tão determinados quanto ele a fazerem o que era necessário ser feito.

O centro de comando respondeu com a latitude e a longitude, a distância e as coordenadas, as direções. Brannigan introduziu a informação no GPS e traçou uma rota direta até à vítima.

Ty ouviu o capitão dos bombeiros, que estava no local, a dar mais pormenores. Seguiu-se uma breve conversa sobre a vítima e se os bombeiros no local achavam que teria de ser feito um salvamento de curto alcance. Já tinham falhado num salvamento de grande ângulo na falésia. O coração de Ty bateu com força no peito dele. O salvamento de curto alcance era uma das manobras mais perigosas e eles só realizavam o salvamento se todos os membros da equipa concordassem que esta manobra era necessária para se salvar uma vida e que a podiam executar em segurança. Ele sabia que a tripulação decidiria por si só se fariam o salvamento ou não, mas Ty já estava a preparar-se para o fazer.

Eles podiam voar sob chuva e até mesmo com ventos constantes superiores a noventa e seis quilómetros por hora, contudo, tal não era possível com rajadas superiores a trinta e dois quilómetros por hora. Estava a chover na costa, mas o vento apresentava-se estável e sem sinais de nevoeiro. Era precisamente por isto que ele decidia alistar-se todos os anos. Era por isso que fazia queda livre e *parasailing*. Ele precisava de alguma coisa que requeresse toda a sua atenção. O afluxo de adrenalina era a única coisa que ele achava que lhe libertava a mente da bioquímica e dos segmentos de ADN e lhe permitia que os seus pensamentos fossem completamente consumidos por o que quer que fosse que o estivesse a ocupar.

Sentiu o olhar de Sam e sorriu-lhe em jeito de reafirmação. Agora que não tinha a tia Ida, Sam era a única pessoa que lhe restava que se importava com ele. Não queria que o primo ficasse preocupado com o facto de ele estar ou não à altura de fazer aquilo. Os seus nervos já estavam a acalmar-se e as suas mãos estavam firmes. Até mesmo o seu coração retomara um bater ritmado. Sim. Ele estava pronto. O treino rigoroso valera muito a pena para o deixar em forma outra vez.

Sobrevoaram as montanhas até à costa a uma velocidade surpreendentemente rápida e Brannigan deixou o helicóptero a pairar sobre a vítima de modo a poderem avaliar as possibilidades de um salvamento seguro. Como sempre, examinaram a lista de análise de salvamento de curto alcance para determinarem se o salvamento era necessário e se justificava o perigo em que colocaria a tripulação. Tinham pessoal treinado à disposição. As

condições de voo eram favoráveis. As estimativas de carga estavam dentro dos limites. Os bombeiros tinham tentado um plano de salvamento alternativo e este demonstrara-se arriscado. A tripulação concordou que tentar um salvamento de grande ângulo na falésia poderia pôr em risco a segurança da vítima.

Brannigan pousou o helicóptero depois de terem examinado a posição da vítima de todos os ângulos. Como sempre, preservaram o combustível enquanto discutiam as possibilidades e chegaram a um plano viável para resgatar a vítima.

Ty conseguia sentir agora o zumbido do seu próprio corpo, de todas as suas células vivas e em alerta. Prontas. Pediram a cada membro da equipa que confirmassem se iam ou não em frente. Era agora ou nunca. Bastava um voto contrário para ficarem por ali. Iriam todos para casa e todos permaneceriam vivos. Ninguém discordaria, e muito menos Ty. Ele mostrou o polegar de concordância e Sean transmitiu a sua confirmação via rádio ao piloto. Iam em frente.

A geografia da costa determinava sempre de que lado do helicóptero era efetuado o salvamento. A costa seguia tão tipicamente de sudeste para noroeste que eles costumavam fazer os salvamentos do lado direito, a não ser que estivesse um vento meridional invulgar, que, felizmente, agora não se fazia sentir. Os helicópteros gostavam de voar a favor do vento e não gostavam de levar com o vento na porta esquerda. O aparelho não era aerodinamicamente estável com vento a entrar pela porta esquerda.

Brannigan confirmou que o helicóptero médico estava a caminho e deu-lhes instruções para que pousassem na clareira que ficava acima do velho moinho, no lado oposto do penhasco. Ele voltou a levantar voo, com a intenção de fazer uma verificação da energia. Tinham de ser capazes de pairar com uma margem de energia suficiente para efetuarem o salvamento em segurança. Tinham acesso aos gráficos, mas as tripulações de helicópteros eram notoriamente céticas e preferiam ser elas próprias a verificar tudo.

— Verificação de energia concluída. Os nossos níveis de energia estão bons — disse Brannigan.

Cores cintilavam com um brilho intenso espantoso. Ty observou as nuvens e a água a reluzir, a chuva parecia diamantes. Ele inspirou o aroma da costa, do oceano. Ao lado dele, Sam cheirava a um *aftershave* apimentado e a alho. Doug precisava de um desodorizante novo e Sean tinha posto água de colónia. Ty sentiu um leve cheiro a clorofórmio e, com um sorriso, abanou a cabeça para libertar a mente da sua outra vida de uma vez por todas. Concentrou-se na habilidade do piloto enquanto este iniciava o seu padrão de voo.

— A virar ao sabor do vento. Estou de través para o alvo. Eu digo-vos quando deixar de o ver.

Ty tinha um enorme respeito por Brannigan. Há mais de vinte anos que o homem pilotava helicópteros e fazia uma espécie de magia com eles. Ele «sentia-os». Quanto mais ele se aproximava dos penhascos, mais se destacava a perícia dele. O *Huey* abrandou significativamente. Ty sentiu um nó no estômago.

— Temos velocidade outra vez, podes descer para o patim.

Sean despertou a sua correia de segurança secundária enquanto respondia:

— Chefe de tripulação a descer para o patim. — Saiu para cima do tanque e depois para o patim, segurando-se com uma precisão cuidadosa. — Ok, chefe de tripulação seguro e no patim.

O circuito do voo prosseguiu ao sabor do vento, na perna base e na final. Brannigan virou para a perna base e deu autorização para que o primeiro recuperador salvador descesse para o patim.

Ty sentiu o coração aos pulos no peito. Estava preso à corda de salvamento e o chefe de tripulação disse a Ty, através de sinais com as mãos, para despertar o cinto de segurança do banco.

— Recuperador salvador um a descer para o patim. — Haveria uma grande alteração de peso assim que Ty passasse para o lado direito e o piloto teria de compensar isso. Como supervisor de salvamento, Sam ocupou uma posição em que pudesse observar e verificar tudo mais do que uma vez. Ty esperou enquanto os homens inspecionavam tudo uma terceira vez, desde as cordas até ao arnês de segurança dele.

— Chefe de tripulação a efetuar manobras finais e inspeção de segurança. O supervisor de salvamento concorda?

A voz de Sam soou rouca.

— O supervisor de salvamento concorda.

— O piloto concorda com a missão?

— O piloto concorda. O piloto perdeu o contacto.

— O chefe de tripulação tem o alvo, continua a avançar cinquenta, quarenta, trinta, vinte. Cauda e rotor principal desimpedidos, podes descer para dez. — O avanço era horizontal e a descida vertical. Sean orientou o piloto para o mais perto possível do alvo enquanto os mantinha a todos em segurança.

Ty esperou, ouvindo o seu coração a bater quase com tanta força quanto o barulho do helicóptero. Estava a segundos da ação agora. O helicóptero ficou em modo estacionário, pairando sobre o alvo.

— O recuperador salvador será agora descido.

Sam começou a fazer passar a corda pelo guincho para baixar Ty.

Ty baloiçou por baixo do patim com um movimento suave e treinado e a parte de baixo das suas botas bem assentes no patim de modo a prevenir que oscilasse.

— Recuperador salvador um em inversão — relatou Sean ao piloto enquanto Ty ficava de cabeça para baixo.

A partir dessa altura, estava tudo nas mãos de Ty. Ele fez sinal, acenando exageradamente com os braços ao chefe de tripulação, que transmitiu instruções ao piloto. Tudo dependeria do que descobrisse quando alcançasse a vítima. O sangue corria velozmente pelo seu corpo e o seu coração batia quase tão ruidosamente quanto as ondas violentas lá em baixo. O tempo pareceu abrandar, estreitar-se, à medida que ele se ia concentrando na vítima à espera.

Enquanto descia, conseguiu ver as ondas a irromper contra as rochas escarpadas muito mais abaixo, onde a vítima, um adolescente, parecia estar consciente mas contorcia-se de dor. Assim que Ty se aproximou, conseguiu ouvir o rapaz a gritar.

— Recuperador salvador a um metro e vinte, noventa centímetros, sessenta, trinta. Recuperador salvador no chão. Descer um metro e meio para dar alguma folga.

Ty soltou-se no momento em que se equilibrou em cima da enorme formação rochosa.

— Recuperador salvador a caminho. Recuperador salvador em movimento: para a frente e para a esquerda.

A corda começou a recolher enquanto Ty se aproximava da vítima. As rochas estavam escorregadias e ele tinha de ser extremamente cuidadoso.

— Corda de regresso à cabina. Supervisor de salvamento dentro da cabina. Chefe de tripulação a ir para a cabina. Chefe de tripulação na cabina. Podes retomar o voo.

Ty respirou fundo assim que Brannigan levou o helicóptero de volta para a clareira e o desligou de modo a dar-lhe tempo para examinar o paciente sem qualquer distração. O rosto do rapaz estava todo contorcido de dor, mas seguiu o seu salvador com o olhar enquanto Ty se movimentava pelo afloramento e em torno de rochas soltas. Para espanto dele, reconheceu o miúdo.

Drew Madison era um paciente com leucemia. Que diabos é que andaria ele a fazer a escalar os penhascos de Sea Lion Cove?

— Drew. Meteste-te num belo sarilho, mas já aqui estou. Nós vamos tirar-te daqui. — Manteve um tom de voz tranquilizador e calmo. — Tens de ajudar-me. Eu sei que dói, mas vamos dar-te uma boleia de helicóptero. Quantas pessoas é que podem dizer isso? — Enquanto falava, foi verificando

rapidamente os sinais vitais e procurou os sítios por onde estava a sangrar.
— Sabes onde é que estás?

Drew acenou afirmativamente com a cabeça, com o olhar agitado.

— Nas rochas.

— Isso, isso. E o teu nome?

— Drew Madison.

Ty sorriu-lhe.

— Ao que parece caíste do penhasco, Drew, e tens alguns ossos partidos. Preciso que fiques deitado e muito quieto. Isto é muito escorregadio.

Drew tinha um alto na testa. As suas pernas suportaram o embate da queda. Ele caíra sobre os pés, depois sobre os joelhos e, por fim, caíra para a frente, de cara para baixo, o que não era consistente com a maioria das quedas. A maior parte das vítimas de quedas sofria de traumatismos cranianos enormes por aterramentos de cabeça.

Não havia dúvida de que Drew tinha várias fraturas na perna esquerda e pelo menos uma zona partida na direita. Tinha vários arranhões e alguns cortes profundos, possivelmente também uma costela partida, contra a qual o seu cotovelo batera com o impacto, mas o mais importante era que a sua cabeça escapara com apenas alguns altos e nódoas negras. Apresentava sinais de estar em estado de choque, a sua pele estava fria e pegajosa e tinha a pulsação acelerada.

— Helicóptero cento e um, daqui recuperador salvador cento e um.

— Recuperador salvador cento e um, daqui helicóptero cento e um, prossiga. — A voz de Brannigan ouviu-se com clareza.

— Preciso de um segundo recuperador salvador e de uma maca de recuperação.

— Ok. Estamos a cerca de dois minutos, vemo-nos em dois.

Drew agarrou-se ao braço de Ty.

— Não me deixe aqui. Eu não devia ter feito aquilo. Desculpe! Desculpe! Está a doer. Está a doer tanto.

— Não vou deixar-te aqui, miúdo. Vamos dar uma volta juntos. — A mente de Ty estava a trabalhar a toda a velocidade, assimilando informações e nada naquela queda fazia sentido. Drew Madison era um rapaz de dezassete anos, que lutara contra a leucemia durante a maior parte da sua vida. Não tinha nada que andar a escalar um penhasco fosse em que dia fosse, quanto mais num dia em que estava a chover, e muito menos sozinho. Será que ele se metera em algum tipo de desafio? O rapaz que ligara a pedir ajuda, será que estivera envolvido em alguma partida parva que correrá mal?

Ty tratou dos ferimentos de Drew, estabilizando-lhe as pernas para poder viajar na maca de recuperação. O miúdo estava com dores terríveis,

contudo lutou contra a necessidade que sentia de gritar e tentou cooperar com Ty. O rapaz estava a começar a ser dominado pelo estado de choque e tremia continuamente.

Ty continuou a conversar com ele.

— Já não falta muito. Vais gostar do helicóptero. E os paramédicos estão à espera e depois podem dar-te alguma coisa para as dores.

— Não vai deixar-me aqui? — Drew continuou a agarrar na camisola de Ty com toda a força.

— Não, vamos juntos. O helicóptero já aqui está. Eles vão mandar a maca de recuperação com outro recuperador salvador cá para baixo. — O rapaz estava a tremer tanto que Ty temeu que ele escorregasse para fora da rocha. Continuou a falar com ele, para o distrair da dor. — A maca de recuperação é um cesto onde vamos meter-te para te levarmos e depois vamos prender-te a ti e ao cesto ao anel de recolha e lá vamos nós. Saímos daqui num instantinho.

Doug Higgins era o recuperador salvador dois, que desceu cuidadosamente para cima das rochas com a maca de recuperação a reboque.

O piloto afastou o helicóptero.

— Recuperador salvador um, de quanto tempo precisa?

— Cerca de quinze minutos — respondeu Ty.

— Ok, vamos voltar para a clareira e desligar o helicóptero.

Doug e Ty trabalharam rapidamente para colocar Drew na maca, fazendo o melhor que podiam para não o sacudir enquanto lhe imobilizavam as pernas e voltavam a verificar as cordas de segurança. Eles já tinham feito isto anteriormente e, à exceção de a rocha estar extremamente escorregadia e o mar estar a embater em torno deles, todo o processo correu sem problemas. Ty manteve um diálogo corrente com o rapaz, com um tom tranquilizador e calmo, reparando que o adolescente ficava mais agitado quando ele parava de falar.

— Estamos prontos — anunciou a Brannigan.

— Ok. Estamos aí em cinco — respondeu Brannigan imediatamente.

— E se eu caio do cesto? — perguntou Drew.

Ty reparou que a voz do rapaz estava a começar a ficar esganiçada. Franziu o sobrolho a Doug por cima da cabeça do miúdo.

— Tu estás ligado a um anel de recolha que está separado da maca de recuperação, Drew. Mesmo que a maca caísse, ou se alguma coisa falhasse, tu continuavas preso. Não te preocupes, eu vou contigo o tempo todo. É como passear pelas nuvens.

O helicóptero estava lá em cima. Brannigan estava a fazer manobras abaixo da margem do penhasco com a sua precisão habitual. A corda caiu praticamente no colo de Ty. Ele prendeu a sua corda ao anel de recolha em

primeiro lugar, depois prendeu a de Drew e, finalmente, a maca de recuperação. Fez sinal ao chefe de tripulação para subir.

— Sobe dez para esticar a corda. — Sean instruiu Brannigan. — A corda está esticada. A maca está a elevar-se, aguarda pelo ajuste do recuperador salvador.

Ty ajustou os nós prússicos de modo a que a maca de recuperação ficasse na posição correta com o corpo dele para a viagem. O recuperador salvador viajava sempre ao nível da cintura da maca de recuperação para encorajar as vítimas e as acalmar. Ele fez sinal em como estava pronto.

A voz de Sean no ouvido dele transmitiu o sinal a Brannigan e o helicóptero reiniciou a subida. Drew gritou, fechando os olhos com força.

— Está tudo bem — disse Ty. — Não queres dar uma vista de olhos à tua volta...

A voz de Ty cessou abruptamente assim que ele foi dominado por um sentimento de terror. Puro choque. Subitamente estava a cair em queda livre. Sem qualquer tipo de aviso, caiu simplesmente para longe da maca, para longe de Drew, e em direção às rochas escarpadas lá em baixo. O tempo abrandou. Ele sentiu-se como se estivesse a cair em câmara lenta. Ouvia o rugido do mar e apercebeu-se de que se tratava do som do bater trovejante do seu próprio coração nos seus ouvidos. Viu o horror estampado no rosto de Sean e depois a sua visão ficou desfocada, enquanto o seu corpo caía e as rochas iam ficando maiores.

— Foda-se! Ai, merda. Espera! Espera! Espera! O recuperador salvador acabou de cair — disse Sean bruscamente. — Raios partam, o recuperador salvador acabou de cair.

Houve um momento de silêncio atónito, horrorizado. De compreensão.

Brannigan voltou a falar de um modo sério, numa tentativa de se manter calmo e de manter toda a gente concentrada.

— Então e a vítima?

Sean fixou o olhar nas rochas mais abaixo. No sangue a espalhar-se por todo o lado. No corpo imóvel abatido praticamente aos pés do segundo recuperador salvador, que olhou para Sean com o horror estampado no rosto.

— O que é que disseste? O que é que tem a vítima?

Sean engoliu o medo que lhe apertava a garganta e obrigou-se a desviar o olhar, e a atenção, do corpo partido lá em baixo.

— A vítima ainda lá está. A maca de recuperação está a baloiçar. Vai para a esquerda.

— Espera. Vou parar o balanço.

A tripulação de salvamento agarrou automaticamente no que estivesse

mais à mão assim que Brannigan manobrou o helicóptero rapidamente sobre a vítima a meio do movimento de vaivém.

— A maca de recuperação está estável — relatou Sean.

— Baixo a vítima?

Sean respirou fundo.

— Não, vamos levá-la para a clareira.

Doug quebrou o silêncio através da rádio.

— Recuperador salvador em mau estado. Ele está mal.

— Faz o que quiseres, recuperador salvador dois — disse Brannigan.

— Nós já voltamos. Comando, estão a ouvir isto tudo? Precisamos que um bombeiro retire a vítima por nós. Vamos precisar de outra maca de recuperação e de outro helicóptero médico. Ben, a que distância estás?

— Dez minutos.

— Equipa de terra em espera. A caminho da clareira. — Ninguém olhou para Sam. Estava sentado em silêncio, com uma expressão triste e com o olhar cheio de choque e horror. Ninguém falou e eles esperaram que soltassem a vítima para que pudessem regressar para junto do seu membro de tripulação caído.

Capítulo 3

— É o último paciente que vejo, Evelyn — disse Libby à enfermeira com um sorriso exausto. — Para mim está na hora de ir para casa.

— Ouviu aquela confusão toda no Serviço de Urgência, doutora? — perguntou Evelyn.

— Ouvi dois helicópteros a chegar — respondeu Libby —, mas estava demasiado ocupada para ir ver o que é que se passava. — Não era normal chegarem dois helicópteros, portanto ela pensou que tivesse havido algum acidente na autoestrada.

— Só consegui ouvir uma palavra aqui e outra ali, mas parece que o Drew Madison andava a escalar os penhascos em Sea Lion Cove e caiu. Chamaram o helicóptero de salvamento e houve alguma coisa que correu mal.

Libby inspirou profundamente.

— O Drew? Tem a certeza? Que diabos é que ele andaria a fazer fora de casa com um tempo destes? E o que é que ele andaria a fazer nos penhascos? Ele sabe que são muito perigosos. — Os penhascos eram extremamente perigosos: fraturados por fendas enormes no chão, enfraquecidos pela erosão marítima constante, com a queda inadvertida de rochas. Mesmo que as placas de aviso colocadas ao longo de toda a linha costeira não existissem, os habitantes não arriscavam a vida a escalar as superfícies rochosas traiçoeiras e instáveis. — Sabe se ele está muito ferido?

— Ele está agora na Ortopedia. Terá de perguntar isso aos médicos do Serviço de Urgência. Temos estado aqui tão ocupados com cirurgias hoje que ainda não tive oportunidade de ouvir grande coisa.

— Obrigada, Evelyn. Quando sair, vou vê-lo.

Libby atirou as luvas para um caixote do lixo e levantou uma mão enquanto se apressava a percorrer o corredor em direção ao Serviço de Urgência. Ela conhecia Drew desde que ele nascera. Não era miúdo para fazer coisas parvas. Ele crescera na pequena cidade de Sea Haven e de certeza que conhecia os perigos dos penhascos em desintegração devido ao constante embater do mar contra eles e da erosão natural. Para ela não tinha lógica nenhuma que Drew tivesse andado à chuva num penhasco perigoso, quando tinha lutado tanto para manter a leucemia em remissão.

O Serviço de Urgência estava num rebuliço com um movimento muito maior do que o normal. Assim que ela entrou no espaço das urgências, sentiu o corpo a reagir ao chamamento da cura. Sentiu o estômago a contorcer-se e as suas têmperas começaram a latejar. Alguém estava muito mal. Normalmente ela não sentia o chamamento para curar com tanta urgência, mas, desta vez, todas as células do seu corpo começaram a crepitar de energia. As palmas das suas mãos ficaram quentes.

Uma das enfermeiras do Serviço de Urgência era Linda Bowers, uma amiga do liceu.

— O que é que se passa? — perguntou Libby bruscamente.

— Um salvamento de helicóptero — respondeu Linda —, nos penhascos de Sea Lion Cove.

— O tempo está horrível com tanto vento e chuva. Ouvi dizer que era o Drew Madison. Não consigo imaginar em que é que ele estava a pensar para ir para lá fazer disparates. Toda a gente sabe como aquilo é perigoso.

— O Jonas e o Jackson têm estado a acompanhar o Drew e, pelos bocaditos de conversa que tenho ouvido, eles não têm assim tanta certeza de ter sido um acidente. O Pete Granger avistou-o depois de o Drew aparentemente ter caído ou escorregado, ou ter talvez escalado o penhasco até meio. Depois caiu o resto do caminho até às rochas.

— Ele está muito ferido?

— Não sofreu quaisquer traumatismos cranianos, mas é certo que terá de ser submetido a uma cirurgia às pernas. Estão agora a examiná-lo na Ortopedia. Ele recusa-se a falar com a mãe. Não quer vê-la e ela está completamente histérica. Nós até lhe oferecemos um calmante. — Linda franziu o sobrolho. — Acho que é melhor contar-te que ela está a culpar-te a ti e às tuas irmãs.

— O quê? Como é que nós poderíamos ser responsáveis por ele ter ido para os penhascos? A Kate é dona da propriedade, mas os penhascos estão assinalados claramente como não sendo seguros e há uma vedação ao longo de toda a falésia com placas de aviso em todo o lado. Ela não pode culpar a Kate, ou a nós, já agora.

— Ao que parece, ela pediu-te para curares o Drew.

Libby pressionou o estômago com a mão. A necessidade de agir estava a tornar-se cada vez mais premente. Alguém estava em apuros e não era Drew com a sua necessidade de cirurgia. Sentiu-se impelida para a sua esquerda e até chegou mesmo a dar um passo nessa direção antes de conseguir impedir-se a si própria de o fazer.

— Não consigo curar o Drew. Eu disse-lhe isso. As minhas irmãs foram lá comigo e nós esforçámo-nos para conseguirmos que ele tivesse mais tempo, na esperança de que as investigações nessa área se tornassem mais agressivas.

Libby esforçou-se por se manter concentrada na conversa. Esta era importante para ela, contudo, a atração contínua para o compartimento à esquerda era muito forte. Através da divisória de vidro, conseguiu ver alguém ligado a máquinas. A vida daquele paciente, fosse ele quem fosse, estava a desvanecer-se.

— A Irene acha que o Drew tentou cometer suicídio.

Aquilo chamou a atenção de Libby.

— Isso é impossível. Há anos que ele luta contra a leucemia. Sempre foi muito determinado em viver.

— Ela meteu-o num programa experimental em que estão a usar um medicamento novo, na esperança de o curar por completo. Ela também culpa esse medicamento, diz que um dos efeitos secundários é a depressão.

Aquilo chamou a atenção de Libby.

— Não é *PDG-ibenregen*, é?

Linda acenou afirmativamente.

— É esse o medicamento. Porquê? O que é que ouviste falar sobre isso?

— Eu avisei a Irene para ter cuidado com esse medicamento. O Drew está na faixa etária presente nos relatórios prévios que apresentaram problemas com a depressão. Eu pensava que o medicamento ainda não estava pronto para ser testado em humanos e eu disse-lhe isso tudo. — Libby esfregou as têmporas latejantes, tentando resistir à atração em direção ao paciente no quarto ao lado. — Por que diabos é que ela não me deu ouvidos? Ela perguntou-me sobre isso e eu tenho feito muita pesquisa nessa área. Fiquei interessada porque o medicamento é baseado no trabalho original de uma pessoa com quem andei na escola, mas, acima de tudo, por causa dos dados clínicos: houve dois adolescentes com problemas e isso fez com que eu ficasse alerta para o perigo. Deves lembrar-te do investigador original, o Tyson Derrick; ele até costuma viver aqui durante algumas alturas do ano com o primo, o Sam Chapman. Há alguns anos recebeu o prémio

Nobel da Medicina pelos estudos dele sobre a regeneração celular na cicatrização de ferimentos.

— Bem, não vai receber mais nenhum prémio Nobel. Ele é o recuperador salvador que caiu. O arnês de segurança dele falhou e ele caiu. Sofreu enormes lesões neurológicas e lesões internas. As tomografias estão más. Vão mandá-lo para São Francisco, mas duvido que ele sobreviva para além desta noite.

Libby susteve a respiração e levou a mão ao estômago, que sentiu a embrulhar-se, pressionando-o.

— O Tyson era o recuperador salvador? — Virou a cabeça na direção da divisória de vidro e tentou ver o rosto do paciente. — Tens a certeza? Ele é bioquímico. Um investigador de renome. Ele é brilhante. Absolutamente *brilhante*. Só ontem à noite é que o Jonas referiu que o Ty trabalhava na silvicultura, mas não achei... — A voz dela foi desvanecendo.

— Os pais dele morreram há alguns anos e deixaram-lhe mais dinheiro do que o que toda a gente de Sea Haven juntou. Muito provavelmente o Sam ficará com tudo. Isto deve estar a ser horrível para ele. Eles são muito chegados e o Tyson é a única família que ele tem.

— Por isso é que ele trabalhava na silvicultura. O Sam é bombeiro. — Libby não conseguia desviar o olhar do vidro. — Não consigo acreditar que isto aconteceu. Quem é que tratou do Ty?

— Lamento, Libby, dá para perceber que estás preocupada, mas o Dr. Shayner fez um diagnóstico minucioso do paciente. O Tyson foi entubado de imediato e o doutor mandou fazer uma TAC, bem como uma radiografia espinal e à cabeça. As pupilas dele estavam dilatadas e ele não apresentou nenhuns reflexos, nem córneo nem faríngeo, tal como nenhum movimento ocular. Ele está em estado de coma.

— Quero ver os exames.

Linda conduziu-a para dentro do quarto sem fazer qualquer comentário.

— O Dr. Shayner está a tratar dos preparativos para o voo dele para São Francisco. Ele está a falar com o neurologista.

O coração de Libby caiu-lhe aos pés enquanto ela analisava os exames.

— A taxa de mortalidade em lesões axonais difusas é elevada — disse ela baixinho em voz alta, franzindo ainda mais o sobrolho. O cérebro dele fora demasiado sacudido durante a queda, fazendo com que sofresse uma rutura nos axónios. — A única forma de tratamento é estabilizá-lo. Ele tanto tem hematomas subdurais como epidurais — continuou Libby a falar consigo própria.

Tyson tanto tinha um sangramento no cérebro como abaixo. O cérebro estava a inchar. Libby fechou os olhos brevemente. Não conseguia olhar

para ele. Tinha de ir embora enquanto podia. Tinha de sair porta fora sem olhar para trás. As suas pernas pareciam de borracha. O seu corpo estava a balançar ligeiramente e ela equilibrou-se encostando uma mão à parede e inclinando-se para a frente para respirar fundo várias vezes.

— Libby, estás bem? — Linda encostou a mão nas costas dela para a estabilizar. Levou a palma da mão à boca ao soltar um pequeno grito. — Estás a esaludar, Lib. — Sentiu como se tivesse queimado os dedos e sentiu-os a doer.

Não havia como tentar disfarçar. Libby não podia deixar Tyson, não devido à sua genialidade, à sua mente incrível com tamanha capacidade de fazer tanto bem. Ela *não podia* ir embora. Ouviu Linda como se ela estivesse muito longe, ficando com as palavras a zumbir na sua cabeça, mas não conseguia concentrar-se. Libby afastou-se da parede e reparou que o seu corpo estava a dirigir-se automaticamente na direção do quarto onde Tyson Derrick estava deitado prestes a morrer.

Não! Libby, sai daí! É demasiado perigoso.

Elle, a Drake mais nova, era uma forte telepata. Libby ouviu a urgência na voz dela, ouviu como o medo se transformava em terror, mas ela não conseguia parar, mesmo apesar de reconhecer que não seria só ela a correr perigo, mas também *todas* as suas irmãs. Elas estavam presas umas às outras, tal como as suas antepassadas tinham estado antes delas. Os dons podiam ser individuais, mas elas partilhavam poder e energia e, de um modo que não conseguiam entender perfeitamente, estavam ligadas umas às outras, através desses dons.

Ela ouviu o seu próprio soluço de desespero, a sua súplica para que a compreendessem e o seu pedido de desculpas às suas irmãs pela sua incapacidade de parar. Agarrou na beira da porta na esperança de dar a si própria tempo para pensar, para parar, mas os seus pés moveram-se de moto próprio, levando-a para o lado da maca. À medida que se aproximava de Tyson, do corpo dela derramou-se luz, que irrompeu das pontas dos seus dedos.

Libby baixou o olhar para o rosto pálido e raiado de sangue. Ela sentiu um baque no coração. Apesar de ter os penetrantes olhos azuis fechados, com as suas pestanas pretas a formarem dois crescentes densos sobre círculos escuros, era, definitivamente, o Tyson Derrick de que ela se lembrava. O seu cabelo ondulado negro como azeviche caía-lhe sobre a testa, com madeixas coladas onde tinha sangue. Os seus ombros eram ainda mais largos do que o que ela se lembrava e os braços estavam definidos por músculos. Ela ficou sem fôlego e, por um qualquer motivo estranho, o seu coração disparou.

Tyson Derrick era o único homem que alguma vez fora capaz de a

irritar. Libby estava habituada a comportamentos cerimoniosos e de respeito ao trabalhar na sua área. Ela era brilhante e sabia-o. Somente um único homem tirara melhores notas do que ela. Só um homem falara para ela de uma forma condescendente, por vezes de uma maneira tão rude que à noite ela adormecia a chorar. Era uma parvoíce, mas ela nunca fora absolutamente capaz de o tirar da cabeça. Ela pensava mais nele do que gostaria de admitir. O facto de ele não a respeitar de igual para igual não devia ter qualquer importância, mas tinha. Ela escondeu aquela verdade bem no fundo de si própria, onde ninguém, nem mesmo as suas irmãs, jamais a descobriria, devido à vergonha que tinha pela possibilidade de se sentir atraída por um homem que a tratava tão mal, por causa de uma possibilidade que ela nem sequer aprovava.

— Tanto sangue. Tanta dor — sussurrou ela. Ele parecia estar todo retalhado, com o rosto pálido e esticado. Não estava bem. Tyson Derrick era um homem de que o mundo da medicina necessitava. Ele via coisas que os outros não viam e era aferrado à sua busca por respostas.

Libby tocou com as pontas dos dedos em ambos os lados da cabeça dele.

Libby! Para! Elle e Hannah gritaram a ordem na mente dela, com as vozes repletas de desespero. Os gritos das outras – Sarah, Kate, Abigail e Joley – ecoaram pela cabeça dela enquanto o calor no seu corpo aumentava.

A energia crepitou à sua volta. Respirou fundo para se concentrar. Na maioria das vezes ela confiava na medicina tradicional, mas aquele sítio dentro dela, aquele poço de energia, de luz, já estava em mudança, a abrir-se; aquela força já corria velozmente por todas as suas células, preenchendo-a.

Era demasiado tarde para recuar. Ela parecia ter sido dominada por uma compulsão, uma necessidade contra a qual não conseguia lutar: salvar este homem em particular, mesmo arriscando a sua própria vida e saúde mental, mesmo colocando as pessoas que amava em risco. Era uma loucura, mas a necessidade era tão elementar quanto respirar. Ela permitiu que a luz e a energia jorrassem do seu corpo para o de Tyson.

A dor irrompeu sobre ela, através dela, apunhalando-a na cabeça, no peito, nas entranhas, até ela pensar que ia desmaiar. Obrigou os pulmões a receberem ar, respirando profundamente para ultrapassar a dor. O calor moveu-se pelo corpo dela, descendo pelos braços até às suas mãos e entrando no cérebro dele, levando consigo uma energia pura e luz. Um fio de sangue escorreu do canto da boca dela, riscando-lhe o rosto e os braços. Sentiu um peso, como se pedras pousassem sobre o seu peito, esmagando-lhe os pulmões.

Libby começou a ver tudo desfocado. Tropeçou para trás, para o lado oposto de Tyson, assim que ele começou a mexer-se. O monitor do coração

disparou com atividade, bem como o ECG. As pestanas de Tyson agitaram-se. Ele pestanejou rapidamente, erguendo o olhar para ela.

Ty pensou que estava a sonhar. Por vezes, quando se sentia completa e absolutamente sozinho, o rosto dela aparecia-lhe. Libby Drake. Como agora. Perfeita. Mais ninguém tinha umas feições tão perfeitas. Ele deixou-se simplesmente absorvê-la, ancorando o seu olhar ao rosto oval dela. A pele dela estava a brilhar exatamente como ele se lembrava. Pálida como alabastro, tão suave que só queria alcançá-la e passar as pontas dos dedos sobre ela numa carícia. Os lábios dela eram carnudos, quase como se fizesse beicinho. Lábios que apetecia beijar e que invocavam demasiadas fantasias eróticas, até mesmo quando ela lhe dirigia um semblante carregado em jeito de reprovação. Ele pensava demasiado nos lábios dela, até mesmo durante as alturas mais excitantes em que estava no encalço de uma resposta esquiva, esquecendo-se de comer e de dormir. Fixou o olhar nela, afastando a dor por alguns minutos preciosos enquanto se concentrava nela.

Fora nela que ele pensara quando contara a Sam, na outra noite, acerca da sua intenção de sair com alguém e depois casar. Ele vira Libby Drake como mulher pela primeira vez há alguns anos, no campus, e apercebera-se de que se tratava da mesma rapariga que ele conhecera em criança agora já bem crescida. Ela tinha aqueles olhos: grandes, com uma forma perfeita, de um verde cintilante e vívido, franjado de umas longas e densas pestanas. Sempre que ela olhava para ele, a vontade dele era puxá-la contra si e beijá-la até que nenhum deles conseguisse pensar em condições. Ela tinha, simplesmente, aquele tipo de olhos sonhadores, do género leva-me-para-a-cama a que ele parecia não resistir ou conseguir tirar da cabeça.

O olhar dele passou para o cabelo dela. Nos seus sonhos estava sempre solto, naquele estilo sensual, e como se tivesse sido despenteado pelo vento, que ela costumava usar de uma forma tão casual durante os anos de escola. Contudo, hoje trazia-o apanhado, afastado da cara e torcido numa espécie de nó complicado junto ao cachão. Reluzia com um tom preto, escuro como breu profundo e rico. Era macio como seda, como toda ela. Era suposto ser um corte sóbrio, mas este apenas realçava ainda mais a sua estrutura óssea clássica e exibia a sua pele macia. Ele conseguia sempre sonhar com as coisas certas, quando sonhava. Mesmo com a cabeça a latejar com o poder constante de um martelo pneumático e o corpo a vibrar de dor, sentiu a agitação familiar que o dominava sempre que pensava nela.

Ele queria levantar a mão e tocar-lhe no rosto. Queria sentir, uma única vez, a pele dela, mas, quando tentou mexer a mão, os martelos pneumáticos irromperam num frenesim, furando-lhe o crânio. Ele ouviu um

gemido a escapar por entre os seus próprios dentes cerrados. Sentiu o sabor a sangue na boca.

Ty permitiu que o seu olhar vagueasse uma vez mais pelas faces dela, reparando na concentração absoluta dela, quase como se ela estivesse em transe. De uma maneira estranha, a dor pareceu trepar para a barriga dele, fluindo depois para o peito e para os ombros dele e mais para cima, para a cabeça dele, até ele ter vontade de gritar por causa da dor. De repente, o rosto de Libby contorceu-se numa máscara de agonia.

A dor que Ty sentira na cabeça desapareceu e a consciência de tudo quanto o rodeava rastejou para o interior da sua mente. Os seus sonhos tinham-se transformado num pesadelo. Ele parecia estar ligado a máquinas, num sítio que não reconhecia. Já não sentia como se o seu cérebro estivesse no meio de uma confusão enevoada e começou a recuperar a memória lentamente. Ele resgatara o miúdo Madison do penhasco e algo correrá mal. Lembrou-se de cair pelo ar, mas isso era impossível. Queria dizer que o seu arnês de segurança falhara. O equipamento deles não falhava sem mais nem menos. Lembrou-se do som de ossos a partirem violentamente, do seu crânio a desfazer-se qual casca de abóbora podre. Fora algo atroz e do qual *não devia ser capaz de se lembrar*.

Um som suave e piedoso chamou a sua atenção e ele virou a cabeça, vendo Libby Drake a agachar-se longe dele. Ele não tinha a certeza absoluta de ela ser real. Os seus olhares encontraram-se e eles olharam um para o outro enquanto o tempo parecia abrandar, até ele prestar atenção apenas a ela, a todos os pormenores. O rosto dela ficou ainda mais pálido. Sobre a pele dela formaram-se pequeninas gotas de suor. As mãos dela tremeram e ela encostou-se à parede para se manter em pé. Parecia estar extremamente doente.

Com a mão, Libby pressionou o estômago que agora andava às voltas, olhando ao seu redor, muito desorientada. Onde é que ela estava? *Elle? Hannah? Ajudem-me!* Recuou mais um passo, afastando-se da maca e de todas as máquinas. Estava alguém a observá-la: os penetrantes olhos azuis dele, a golpeá-la, de tal modo que ela ficou ofegante.

Vai até à porta, Libby. A porta. A voz de Elle soou de um modo muito calmo. *Não estás sozinha, estarei sempre contigo.*

Libby ouviu as irmãs a falarem consigo, encorajando-a, sempre a uma grande distância e a passearem pela mente dela. Estranho, não conseguia distingui-las umas das outras, nem perceber o que elas estavam a dizer, à exceção de Elle.

Tenho tanto frio. Libby começou a tremer ao abrir a porta e tropeçar para o corredor. Olhou à sua volta, incapaz de reconhecer onde estava. Um corredor. Havia pessoas, algumas a olhar para ela, outras a tratarem dos seus afazeres. Mesmo do lado de fora da porta por onde ela aparecera,

estava um homem vestido com um fato cinzento. Parecia-lhe vagamente familiar, como se ela devesse conhecê-lo. Ele ia meter-se à frente dela, mas ela recuou, estendendo uma mão trémula para o manter longe de si. Ele pareceu baralhado, desviando-se ligeiramente. Libby pestanejou várias vezes, perguntando-se se estaria a ter alucinações.

Continua a andar, Libby. Concentra-te em mim. Elle encorajou-a. *Não vou deixar-te sozinha. Vou manter-te em segurança. Ignora-o e continua a caminhar na minha direção. Eu já estou a caminho.*

Libby não conseguia sentir nem ouvir as suas outras irmãs, excepto Hannah, talvez. Estaria ela a chorar? Se Hannah estava a chorar, então Libby tinha de ir ter com ela. Obrigou o seu corpo a mexer-se, com um pé atrás do outro. Duas enfermeiras que estavam no fundo do corredor a conversar viraram-se para a fitarem. A visão de Libby ficou turva assim que ela esfregou os olhos. A sua mão ficou vermelha com sangue. Pestanejou ao olhar para os dedos.

Continua a vir ter comigo, Libby. A Hannah precisa de ti. Consegues ouvi-la a chorar? Continua a andar, não pares. Estou quase a chegar aí.

Só nesta altura é que Libby ouviu a voz de Elle, e esta foi praticamente abafada por um estranho bramido na sua cabeça. Ouviu o seu próprio coração a bater nos ouvidos, mas ela não conseguia entender onde é que estava nem o que estava a fazer. Obedeceu cegamente à irmã, tropeçando pelo corredor ao dirigir-se às portas.

Antes de Libby conseguir avançar mais do que uns meros passos, uma mulher acorreu para ela, metendo-se firmemente no caminho de Libby.

— A culpa disto é tua, Libby. Toda tua! — Irene Madison gritou a acusação com uma voz esganiçada o mais alto que pôde. Tinha o rosto contorcido de raiva e vinha a agarrar na bolsa como se esta fosse uma arma. — *Tu és responsável por isto.*

Libby abraçou-se a si própria, a tremer. Conseguiu ver que as pessoas estavam a olhar para ela, mas não sabia onde estava. A mulher aos gritos não estava a fazer grande sentido. Assustada, chamou pela irmã. *Elle? O que é que se passa comigo?*

— De certeza que não pensas que a queda do meu filho foi um acidente. — A voz de Irene elevou-se para um grito agudo desagradável. — A que propósito é que o Drew havia de ir escalar o penhasco? Se tivesses demonstrado um bocadinho de compaixão, só um bocadinho, Libby, isto nunca teria acontecido.

Libby abanou a cabeça, o que fez com que sentisse pequenas agulhas a perfurarem-lhe o crânio. Ela gritou e pressionou as têmporas com as palmas das mãos, olhando em volta descontroladamente à procura de uma maneira de fugir.

— Nunca o curaste. O cancro estava dentro dele, a devorá-lo vivo e eu não conseguia ficar só a vê-lo a morrer. Eu *tinha* de fazer alguma coisa. Não me deste mais nenhuma hipótese. Recusaste-te a curá-lo e o programa do medicamento experimental foi a única opção que me restou. Disseste-me que o medicamento podia dar origem a uma depressão. Nunca disseste absolutamente nada sobre suicídio. — O tom de Irene ascendeu para um grito muito agudo e alto. — Podias tê-lo curado. Porque é que não o fizeste?

Elle irrompeu pelas portas duplas do hospital, correndo pelo corredor assim que Irene bateu violentamente a Libby com a bolsa, não uma vez, mas repetidamente, fazendo com que ela andasse para trás. Libby levantou um braço numa tentativa de se defender, mas estava demasiado fraca e caiu com força, estatelando-se no chão.

Elle ergueu os braços ao mesmo tempo que corria em direção à irmã, com uma expressão facial qual máscara de raiva. À frente dela precipitou-se vento por todo o corredor: forte e feroz, rodopiando como um minitornado, batendo contra Irene com tamanha violência que quase levantou a mulher enlouquecida do chão.

Irene gritou e tapou a cara assim que o vento se moveu subitamente à sua volta cada vez mais depressa, mantendo-a prisioneira. O seu cabelo cuidadosamente penteado estava de pé e as suas roupas enrodilharam-se em torno do seu corpo. Até os brincos saíram disparados das suas orelhas e bateram contra a divisória com força suficiente para rachar o vidro.

— Elle! — Jackson Deveau colocou a sua figura grande e entroncada entre a Drake mais nova e Irene. — Para! — A voz dele soou baixinho, mas transportou consigo o açoite firme de uma ordem. O vento pareceu varrer os ângulos e as superfícies bem definidos do rosto dele, agitando o seu cabelo num frenesim turbulento. Contudo, ele permaneceu firme e hirto perante toda aquela ira.

Os olhos de Elle cintilaram de raiva.

— Diz-lhe para parar. Ela atacou a minha irmã e tu ficaste aí sem fazer nada. Prende-a por maus-tratos. É suposto seres tu a lei.

Ninguém discutia com o delegado, nem mesmo quando estavam completamente embriagados. Jackson era simplesmente demasiado perigoso. Estava sempre calmo e raramente falava, mas quando mandava alguém fazer alguma coisa, as pessoas obedeciam. Tinha um olhar sombrio e frio, tão frio quanto gelo. Cicatrizes percorriam-lhe o rosto e o pescoço e desapareciam por dentro da sua camisa. O seu cabelo escuro era denso e rebelde, as suas feições tinham sido polidas por tempos violentos. Ao lado de Jackson, Elle parecia pequena e frágil, o corpo dela tinha metade

do tamanho do corpo do delegado, mas ela não recuou um único passo. Nem Jackson, nem mesmo quando o vento selvagem começou a puxar as roupas dele.

Jonas abriu caminho para lá de Elle e ajoelhou-se ao lado de Libby.

— Para com isso, Elle! — interrompeu ele bruscamente. Ele entrara com Jackson e vira a parte final do ataque de Irene a Libby. — Não estás a ajudar nada. A Libby vai dar cabo de ti quando voltar a si. — Passou o seu olhar furioso para Irene. — A Libby está muito mal. Está inconsciente. Raios te partam, Irene! Que diabo é que fizeste? — interrogou ele. Havia sangue à volta da boca e do nariz de Libby.

Irene respondeu a chorar histericamente.

— Não sei. Enlouqueci. Matei-a? — Permaneceu toda encolhida contra a parede, com a roupa toda desalinhada e o cabelo completamente emaranhado. — Não queria fazer-lhe mal. — Ela começou a soluçar ainda mais e deslizou contra a parede até ficar sentada no chão, de pernas esticadas e abraçando a sua bolsa com força enquanto chorava.

Elle desmoronou de joelhos ao lado de Jonas, passando a sua palma da mão mesmo acima do corpo de Libby. Gritou e afastou a mão bruscamente, embalando o seu braço contra o peito e virando-se ligeiramente para observar Tyson atentamente, que estava a olhar para eles através do vidro.

— Ela tem de ir para casa, para junto das outras. Vou convocá-las a todas e pedir-lhes para ficarem à espera dela. Ela não está nada bem. Podes levá-la para o carro, Jonas?

— Talvez ela pudesse ser examinada por um médico — arriscou Jonas. — Já vos vi a todas em vários estados de colapso, mas nunca desta maneira. Isto parece demasiado real.

— Ela precisa de estar em casa. Nós conseguimos cuidar dela — repetiu Elle, e desta vez ouviu-se uma ordem bem clara no seu tom.

O olhar de Jackson estreitou-se sobre o rosto de Elle.

— Tu estás a dar-lhe a tua força. — Ele agigantou-se sobre ela, alcançando-a para afastar alguns fios rubros das faces dela. — Já estás a tremer, Elle.

Elle empurrou a mão dele para longe de si.

— Ela é minha irmã. Dou-lhe tudo o que ela precisar. Ela passa a vida a dar a toda a gente. — Olhou para Irene de relance, com um ar de reprovação estampado no rosto. — Ninguém é tão bondosa e atenciosa quanto a Libby. Ela está constantemente a dar, até ficar exausta.

— Desculpa! Desculpa! — Irene esforçou-se para se controlar a si própria, assoando o nariz ruidosamente.

— Não arriscando tu a tua própria vida. Ela não ia querer que fizesses

isso. — Jackson baixou-se, envolvendo o pulso de Elle com os dedos. — Põe-te a andar, Drake!

Era impossível que Elle conseguisse retirar a mão do delegado do braço dela, portanto permitiu que ele a puxasse para cima sem resistir; contudo, manteve o olhar fixo na irmã enquanto Jonas pegava em Libby ao colo. O cabelo escuro de Libby soltou-se e caiu, qual cascata, pelo braço de Jonas. O rosto dela estava extremamente branco, tinha os olhos fechados e sangue vermelho-escuro a escorrer lentamente pelas faces. Jonas trocou um olhar demorado com Jackson.

— Não tenho outra hipótese, Jackson — disse Elle em jeito de declaração. — Eu sinto o que ela está a sentir e não consigo desligar-me dela. Ela não vai conseguir sobreviver sem a minha ajuda. A ajuda de Hannah já chegou a nós e as outras chegarão em breve. Assim que partilharmos a dor e os ferimentos entre todas, será mais fácil.

Irene empurrou-se a si própria para se levantar do chão.

— Elle! Lamento mesmo muito. Não sei o que me deu. Acho que fiquei um bocadinho maluca. A Libby sempre foi boa para nós. Magoei-a? Por favor, diz-me que não a magoei.

Elle olhou de relance para as feições rígidas de Jackson, para a sombra escura do maxilar e para os olhos sombrios e gelados dele. Ele estava de olhar baixado para ela, sem qualquer expressão, mas os dedos dele apertaram-se à volta do braço dela. Ela suspirou.

— O pior mal que lhe fizeram atingiu-a antes de lhe bateres, Irene. É melhor ires ver como está o Drew.

— Ele não me deixa entrar no quarto.

Elle fechou os olhos por um instante; sombras passearam-se pelo seu rosto enquanto ela se concentrava. Voltou a suspirar ao olhar atentamente para Irene, parecendo subitamente cansada.

— Ele precisa que o consolem e quer que estejas lá. Ele está muito baralhado e assustado. Tens de ir para ao pé dele.

Irene acenou que sim com a cabeça e, ainda agarrada à bolsa, correu pelo corredor fora em direção ao quarto onde o cirurgião ortopédico estava a preparar tudo para levar o rapaz para a sala de operações.

— Foste muito simpática, Elle — disse Jonas ao começar a percorrer o corredor em direção às portas duplas com Libby nos braços.

— Eu não sou simpática, Jonas. — Elle olhou para Jackson quando admitiu aquilo. Um ténue sorriso tocou brevemente os lábios do delegado, desaparecendo antes de conseguir chegar ao seu olhar ou de lhe conferir uma expressão mais cordial.

Jonas olhou de relance para a irmã mais nova das Drake. Era óbvio que ela estava a sofrer enquanto Jackson a apoiava à medida que ela andava.

— És sim senhora, Elle. Proteger a Libby quando alguém estava a agredi-la a soco nem é uma coisa assim tão má. Tu não fizeste mal à Irene.

Viu-se o brilho de lágrimas e Elle baixou a cabeça.

— Eu queria fazer-lhe mal.

— Eu sei, querida — disse Jonas docemente —, mas não o fizeste e é isso que interessa.

Elle fez rapidamente um sorriso triste.

— Obrigada, Jonas. Tu também não és assim tão mau.

Jonas deitou Libby no banco de trás do carro, colocando a cabeça dela ao colo de Elle.

— Jackson, vai registar o depoimento do Pete. Vê se consegues que ele te conte alguma coisa enquanto vou levar a Libby a casa. Volto assim que puder. Eles vão levar o Drew para uma intervenção cirúrgica e vai demorar algum tempo até podermos voltar a falar com ele. Ele não o admitiu, mas não há dúvida que foi para aquele penhasco de propósito. Se não tivesse acertado naquele afloramento, teria caído ao mar. Quero que alguém fale com ele antes de ele sair do hospital.

Jackson assentiu com a cabeça e voltou a puxar o cabelo de Elle para trás, com um gesto casual, mas demorando com os dedos sobre a pele dela. Ela olhou para ele com um olhar carrancudo enquanto ele se afastava.

— Porque é que tentas sempre provocá-lo deliberadamente? — Jonas deslizou para trás do volante, olhando para ela de relance através do espelho retrovisor.

Elle pegou na mão de Libby, envolvendo a palma da mão da irmã firmemente com os dedos, como se pudesse abraçá-la com eles.

— Ele quer sempre controlar tudo e acha que toda a gente devia fazer tudo o que ele manda. E toda a gente faz o que ele quer. Ele pensa que pode mandar em mim.

Jonas manteve os olhos na estrada estreita e sinuosa. A autoestrada era íngreme e fazia vários ziguezagues ao longo da encosta escarpada. A montanha elevava-se de um lado e o oceano tremeluzia do outro.

— És a única que chateias aquele homem com parvoíces.

— Alguém tem de o fazer. — Elle recostou-se e fechou os olhos. — E tenho mesmo jeito para o fazer. — Tinha a cabeça a latejar violentamente e parecia que o seu peito estava desfeito em mil pedaços. Conseguiu sentir a presença das irmãs, à medida que estas se juntavam a ela no abraço a Libby. Ela aceitara os ferimentos graves de outra pessoa como sendo seus e tudo o que elas podiam fazer era partilhar parte dessa dor, de modo a dar uma hipótese ao corpo de Libby para tentar curar-se.

— O que é que se passa entre ti e o Jackson? — perguntou Jonas, curioso.

— Absolutamente nada. — Elle franziu o sobrolho. — Jonas? Quem era o homem que foi tratado mesmo antes de a Irene ficar *doida*? Sabes se os ferimentos dele eram muito graves?

— Tyson Derrick. Ele tirou o Drew do penhasco. Eles estavam a ser içados para a parte de cima dos penhascos quando aconteceu alguma coisa ao arnês de segurança dele; ele caiu nas rochas de uma altura de nove metros. O Dr. Shayner disse que ele estava muito mal: traumatismo craniano, lesões internas. — Fez uma pausa e olhou para ela de relance através do espelho retrovisor. — Se ele estava assim tão mal, como raio é que ele estava a ver tudo através do vidro? Raios partam, ela curou-o, não curou? Vocês, às vezes, tiram-me do sério.

— Porque é que a Libby se arriscaria tanto? Ela costuma ser muito cuidadosa. Quer dizer, ela pode ter tentado afastar-se, mas apoderar-se dos ferimentos é demasiado arriscado, não só para ela como para todas nós e ela já sabe isso muito bem.

— Não compreendo nenhuma de vocês, por isso não me perguntes isso a mim.

— Tu adoras-nos — disse Elle totalmente confiante.

Ele fez de conta que não ouviu. Até podia ser verdade, mas não ia admitir nada em voz alta.

— Como é que sabias que a Irene ia atacar a Libby? — Ergueu uma mão, antes de Elle conseguir responder. — Esquece que perguntei. Não quero saber. — Ele estacionou o carro o mais perto possível da casa Drake.

A casa Drake estava situada no topo dos penhascos; a sua torre bem alta e o Passeio do Capitão proporcionavam uma vista de tirar a respiração do oceano lá em baixo. Jonas levou Libby ao colo escadas acima, e para lá do alpendre coberto, até à sala de estar, onde as outras irmãs dela estavam à espera.

— Leva-a para o quarto dela, Jonas — aconselhou Sarah, a mais velha. — Podemos deixá-la mais confortável lá. A Hannah diz que isto pode demorar algum tempo.

Jonas observou as irmãs de Libby a rodearem a cama. Conseguiu sentir a precipitação de poder assim que elas deram as mãos. Ele conhecia-as a todas desde sempre e, ainda assim, elas nunca deixavam de o surpreender com os seus poderes reunidos. Libby era a curandeira, a Drake bondosa. Ele não era capaz de imaginar um mundo sem Libby e, neste momento, mal conseguia detetar a respiração dela. Reprimiu a vontade súbita de tentar sentir a pulsação dela e afastou-se.

Ele tomava conta das irmãs Drake desde que se lembrava de si próprio como gente. Nem sempre era fácil e a maior parte das vezes não o era: elas ficavam irritadas com ele e acusavam-no de ser um mandão. Mas

elas passavam a vida a arriscarem-se em situações perigosas. Ele baixou o olhar carrancudo para Libby. Como agora. Sentia uma vontade enorme de a abanar, de as abanar a todas, por se meterem constantemente em perigo.

Sarah suspirou.

— Jonas. Vai lá baixo e faz chá.

— Porquê? Se queres chá, a Hannah só tem de abanar os braços e aparece logo uma chávena a flutuar pelo ar. — Soou mais sarcástico do que pretendia, contudo o poder feminino naquela casa deixava-o sempre alterado.

— Estamos a tentar trabalhar — disse ela — e tu estás a emitir a tua desaprovação alto e bom som.

— Eu não emito nada. Aqui o normal sou eu — insistiu ele. — Ela vai ficar bem?

Foi perfurado por seis pares de olhos e levantou as mãos como se se rendesse.

— Vou fazer chá. De que tipo? Vocês têm uma loja de chá lá em baixo. Não me apetece nada acabar por fazer o que tem a língua de lagarto esmagada.

— A lata está em cima da banca à tua espera — disse Sarah. — E é claro que a Libby vai ficar bem. Não permitiríamos que ela ficasse de outra maneira qualquer.



Capítulo 4

Libby encostou a cabeça às costas da cadeira e fixou o olhar no azul reluzente do mar. O movimento ascendente e descendente das ondas e a espuma branca, que adornava as cristas destas lá longe no oceano, transmitiam algo incrivelmente relaxante. O grito constante das gaivotas e o aroma fresco a praia amenizavam sempre a tristeza que ela nunca conseguia muito bem sacudir para longe. O tempo estava frio mas estava pouco vento e sabia bem estar sentada ao sol a ouvir a rebentação.

Colocou o agasalho fino à volta das pernas e manteve o olhar na água cintilante. Fora tão descuidada no que dizia respeito à sua própria vida e, pior, à vida das suas irmãs. Curar as lesões cerebrais de Tyson Derrick fora criminalmente estúpido. Ela não conseguia lembrar-se dos acontecimentos que a tinham levado a tocar na cabeça dele. Não conseguia lembrar-se da maior parte das coisas que tinham acontecido depois disso. Ela permanecera deitada durante quase duas semanas, perigosamente doente. Sem a ajuda das irmãs, provavelmente teria morrido, ou pior, teria ficado num estado vegetativo. Atualmente, ainda ficava com a cabeça a latejar quando a mexia muito e tinha vontade de vomitar muitas vezes.

Sarah tentara falar com ela acerca do motivo que a levara a arriscar a sua vida, mas Libby, sinceramente, não sabia. Era assustador. Perdera dez dias da sua vida. Desapareceram. Sem memórias. Nunca passara por tamanha amnésia. Elle simplesmente dissera às irmãs e a Libby que o impulso para curar Tyson fora algo que estava para lá da capacidade que Libby tinha para resistir.

Caiu uma sombra sobre ela e ela ergueu o olhar. O seu coração

disparou e ficou com a boca seca. O livro que tinha nas mãos escorregou-lhe dos dedos, caindo na areia. — Ty. — O nome dele saiu-lhe como um coaxo. Era a última pessoa que ela estava à espera de ver.

Libby ficou contente por estar de óculos de sol e mudou o olhar instantaneamente para o mar. Onde estariam as suas irmãs? Porque é que ela lhes dissera que queria ficar sozinha por um bocadinho? Não se sentia com forças para o enfrentar, sentia-se frágil e à beira de chorar, e com um sentimento de culpa atarrador.

Tyson observou-a durante bastante tempo. Ele não fazia ideia porque é que ela o afetava daquela maneira, mas bastava vê-la para que alguma coisa solitária dentro dele mudasse e o fizesse sentir-se estranhamente vivo. Tentara vê-la várias vezes durante a última semana e meia. Nunca ninguém captara o interesse dele do modo como Libby Drake o fizera. Tudo sobre ela o intrigava.

Uma vez, no campus da universidade, vira-a a correr para o lado de uma rapariga que fora atropelada por um carro. Ele observara como a mulher passara de um estado em que se contorcia de dores para um em que apenas tinha alguns arranhões ensanguentados, enquanto que Libby ficara hospitalizada durante dois dias. Toda a gente pensou que quem fora atropelada fora Libby. A verdadeira vítima ficara encoberta pelo carro, por isso ele não conseguia perceber muito bem se ela ficara muito ferida, mas Libby acreditara que sim.

Fora nesse dia que ele começou a suspeitar que Libby Drake precisava de ajuda. A família dela fizera-lhe uma lavagem cerebral para a fazer acreditar que conseguia curar as pessoas. A memória da vítima começara a desvanecer-se até ele conseguir lembrar-se somente da agonia no rosto de Libby. Alguém tinha de a salvar, de a convencer que a magia dela não existia. Ela era inteligente e intrigante e, no entanto, deixava-se envolver tanto no legado da sua família de artistas vigaristas que chegava mesmo a apresentar os sintomas de uma suposta vítima, de um modo muito semelhante a uma gravidez falsa.

Ele puxou a cadeira de madeira para o lado dela. Perto. Tão perto que os braços das cadeiras tocavam um no outro.

— Importas-te que me sente e converse alguns minutos contigo?

Libby torceu os dedos no agasalho fino.

— Como é que conseguiste chegar aqui? Esta praia é privada.

Ele não esperou pela autorização e sentou-se ao lado dela, tão perto que o seu braço roçou no dela. Libby mexeu-se na cadeira, afastando-se um pouco dele, e levantou as pernas para ficar mais pequena.

— Eu vi-te lá de cima. As tuas irmãs disseram-te que passei cá há alguns dias para te visitar? Elas disseram que estavas doente.

— Não é nada de grave. — Poderia ela ter soado ainda mais afetada? Elle, supostamente, não tinha telepatia? E onde estava Sarah? Sarah sabia coisas, não sabia? Será que ela não sabia que Libby estava em apuros? De que servia ter irmãs, se elas não corriam em seu auxílio? — Como estás?

— Tenho algumas costelas e o esterno partidos. Cartilagem e músculos rasgados, esse tipo de coisas, mas a minha cabeça está inteirinha.

— Tu tiraste o Drew das rochas e salvaste-lhe a vida — disse Libby. As suas irmãs tinham sido obrigadas a repetir inúmeras vezes os acontecimentos que tinham dado origem às lesões dela até ela ser capaz de reter as informações. Ela não se lembrava do que acontecera em primeira mão e sentia-se vulnerável para falar de fosse o que fosse que acontecera nesse dia no hospital.

— Já reparaste que a maré não está tão baixa nem tão alta como costuma estar?

Apareceu um sobrolho ligeiramente franzido. Libby não fazia ideia absolutamente nenhuma de onde ele queria chegar com aquela conversa. A forma como saltara do acidente para a maré fez com que todo o seu corpo vibrasse com o ricochete da frustração. Apesar de o seu cérebro ainda estar a recuperar do trauma da semana anterior, ela estava a tentar parecer normal.

— São marés mortas — respondeu ela.

— Exatamente. — Soou como um professor satisfeito. — Quando a Lua está em quarto minguante ou em quarto crescente, a força gravitacional do Sol fica numa direção perpendicular à da Lua. O Sol puxa a água de zonas de maré alta para zonas de maré baixa, resultando em marés altas mais baixas e marés baixas mais altas. É assim que temos as marés mortas.

Ele era muito mais atraente ao perto do que ao longe; e ali ao perto deixava-a nervosa, mas se ele queria brincar aos cromos cientistas e começar a recitar pequenos factos científicos, ela não lhe ficava nada atrás.

— Absolutamente fascinante. Sabias que quando as marés dos oceanos estão na sua altura máxima, se chamam marés de águas vivas?

Um sorriso, que surgiu lentamente, veio suavizar os traços sérios do rosto dele.

— Penso que isso foi a Libby Drake, sua alteza real, a meter-me no meu lugar. — E ele também gostou disso. Ele gostava do facto de ela ser uma adversária à altura dele. A mente dele simplesmente atirava boca fora coisas ao acaso e a maior parte das pessoas ficavam a olhar para ele, como se lhe tivessem nascido mais duas cabeças. Ainda não satisfeita, Libby disparou vários factos na cara dele. Ela tinha à sua disposição os mesmos dados que ele. De certo modo, isso fazia com que ele se sentisse menos anormal.

Ele estendeu a mão.

— Anda, vamos dar uma volta.

Libby fitou a mão dele, horrorizada.

— Ainda estou um bocadinho fraca. — Ele deixava-a constantemente desorientada.

Ele pegou no pulso dela e exerceu pressão suficiente para a fazer levantar-se.

— Acho que consigo manter-te de pé. — Olhou para ela de cima a baixo do alto da sua altura superior. — Estás a precisar de ganhar um pouco mais de peso, Drake. Não estás anorética, pois não?

Ela inspirou com alguma dificuldade, sentindo a sua pressão arterial a aumentar de forma alarmante. Detestava o facto de ser pequena. Ela teria adorado usar a palavra baixinha, mas ela era simplesmente pequena. Era um pau, uma miniatura de Hannah sem os seios. E esse facto nunca a incomodara tanto durante toda a sua vida como quando estava perto de Ty, o rapaz discretamente atraente-de-uma-maneira-tipo-génio-totó por quem ela tinha um fraquinho desde a primeira vez em que ele entrara para a turma dela no sétimo ano. Há anos que nem sequer o via e ali estava ela, insegura outra vez.

— Sinto-me praticamente assoberbada pelos teus elogios extraordinários, Derrick — disse Libby, com a voz a transbordar de sarcasmo. Ela não permitiria, *não permitiria*, que ele visse como a forma como ele a destituía de qualidades femininas ainda tinha o poder de a magoar. — Uma mulher adora sempre ouvir alguém dizer que ela parece esfomeada e doente, obrigada.

Ela cometeu o erro de olhar para cima, para ele, ficando o seu olhar preso no dele.

Ele estava a observá-la com um olhar que ela nunca vira num homem, pelo menos não quando aqueles olhos estavam direccionados para ela. Parecia faminto, qual lobo predatório. Ela engoliu em seco e virou a cara para o mar. Simplesmente não conseguia olhar para ele e ser racional. Tudo o que ele dizia a irritava. Ele era a *única* pessoa no mundo que conseguia enervá-la. Contudo, por um qualquer motivo masoquista sem lógica nenhuma, ela desejava-o. Sempre o desejara.

— Eu nunca disse que tinhas mau aspeto, Drake. Foi apenas uma observação e uma preocupação sincera quanto à tua saúde. Não tinha reparado que eras tão sensível. — Fez deslizar os dedos pelo pulso dela, de modo a capturar-lhe a mão, puxando-a depois até ela o seguir. — Reparei na pintura da tua casa. É muito invulgar.

Ela pestanejou ao olhar para ele, sentindo-se mais desorientada que nunca e tentando desesperadamente seguir a conversa. Começava a doer-lhe a cabeça.

— A pintura? Ah, a pintura. O que é que se passa com os homens e a pintura?

— Perdão?

— O Damon, o noivo da Sarah, também estava bastante interessado na pintura. Ele nunca teve tempo para a examinar.

— A sério? A primeira coisa que fiz foi tirar uma amostra.

— Tu lascaste a tinta da nossa casa? — Libby quase parou de repente, mas ele continuou a andar como se arrancar tinta da casa das outras pessoas fosse a coisa mais natural do mundo.

— Claro. Não queres saber se um antepassado teu descobriu algum tipo de conservante que pode beneficiar o mundo inteiro? Mesmo que ele tenha optado por mantê-lo em segredo para fazer com que as pessoas da cidade acreditassem que era magia, tu tens agora a hipótese de esclarecer tudo.

Libby sentiu a forte precipitação de uma emoção tão invulgar nela que chegou mesmo a demorar alguns segundos a identificá-la. Raiva. Autêntica, enfurecida, o tipo de raiva de não-sou-nada-uma-rapariga-boazinha. Arrancou a sua mão bruscamente da dele.

— Em primeiro lugar, Derrick, a maioria dos meus antepassados que viveram em Sea Haven eram mulheres, portanto, se alguém descobriu um conservante, se é que há algum, é muito mais provável que tenha sido uma delas e não um homem. Caso não saibas, as mulheres são perfeitamente capazes de dominar a ciência.

Ele não pareceu absolutamente nada impressionado com a explosão dela. Esticou o braço para lhe meter uma madeixa de cabelo escuro por trás da orelha dela, detendo os dedos sobre o rosto dela.

— Se bem me lembro, na maioria das vezes, eras quase tão boa quanto eu a ciências.

— *Na maioria das vezes?* — repetiu ela por entre dentes cerrados. — Eu dei-te uma coça no segundo semestre em Harvard.

— Não me parece, Drake, nunca chegaste perto disso sequer. À parte disso, o conservante é importante. A tinta nunca dura muito tempo num sítio cujo ar é salgado. Sabias que os egípcios antigos usavam vernizes e esmaltes à base de cera de abelhas, gelatina e barro ainda antes de 3000 a.C.?

— Fascinante — disse Libby por entre os seus dentes cerrados. — Sabias que os druidas de antigamente também sabiam produzir revestimentos protetores duradouros, recorrendo ao sangue de boi e lima?

Ele sorriu-lhe, sem reparar no tom de voz dela.

— Lembro-me da primeira vez que Sam me falou de ti e das tuas irmãs, quando eu ainda era pequeno. Todas vocês me intimidavam. As irmãs Drake, a realeza de Sea Haven. Vocês eram todas tão bonitas. Eu

perguntava-me como é que vocês conseguiam ter cabelos tão brilhantes e porque é que passavam a vida a rir. Foi há tanto tempo e o teu cabelo continua brilhante e tu continuas a rir sempre que estás com as tuas irmãs.

Por instantes, Libby pensou que o chão lhe fugira de debaixo dos pés; sentiu-se subitamente sem equilíbrio. Agora que ela já estava pronta para o enfiar num foguetão e mandá-lo para Marte, ele tinha de dizer uma coisa daquelas.

— Pensavas em nós como pertencendo à realeza?

— Toda a gente pensa em vocês como se vocês pertencessem à realeza.

— Ah, claro. Foi exatamente nisso que a Irene pensou quando me deu com a bolsa dela na cabeça. A Elle contou-me que ela se divertiu a espancar-me. — A sua voz foi sorratamente invadida por um tom divertido.

O pequeno apontamento de riso, de diversão partilhada, surpreendeu-o. Houvera sempre uma sensação de embaraço entre eles. Os traços da boca dele suavizaram-se e começaram a curvar-se com um sorriso, contudo as palavras que ela escolheu atingiram-no. Uma vez mais, ele fê-la parar, tirando-lhe os óculos de sol e olhando-a diretamente nos olhos.

— Não te lembras de ela te bater com a bolsa? A tua irmã teve de to contar? Ela provocou-te algum traumatismo craniano? É isso que te tem afetado? Raios, Libby, devias ter-me dito. Devias estar sentada.

— Eu estou muitíssimo bem. E não quero falar sobre isso. — Recuperou os óculos de sol e empurrou-os para cima do nariz, franzindo-lhe o sobrolho.

Ty sentiu uma compulsão muito estranha e perturbadora de se inclinar e de a beijar até aquela expressão carregada desaparecer do rosto dela. Hesitou, por não querer irritá-la ainda mais, mas refletiu se deveria tentar insistir com ela para que voltasse para a sua cadeira.

— Sempre que falas comigo, transmites esse tom ligeiro de desaprovação na tua voz, ou ficas com esse semblante carregado — disse ele em vez disso. Esfregou os lábios dela com a almofadinha do seu polegar como se pudesse apagar a expressão dela. Ele sentiu como a respiração dela estava quente contra a sua pele; os lábios dela eram macios. Sentiu um nó no estômago e a sua virilha endureceu numa reação instantânea.

— Isso não é verdade — ripostou Libby, mas até ela ouviu o tom de desaprovação. — De que é que estás à espera, se fazes coisas dessas? — Ela tinha de se afastar dele. Aquele toque ao de leve, estranhamente íntimo, fez com que a sua pulsação disparasse. Ela era demasiado velha para agir como uma pateta só porque ele era mesmo muito giro. Libby pressionou os lábios um contra o outro para se impedir de deixar escapar alguma coisa ridícula, do género «cala-te e deixa-me só olhar para ti».

— Que tipo de coisas?

Agora ele soara divertido e ela cerrou os dentes.

— Vieste aqui só para dar comigo em doida? — Ela reprimiu um gemido e a necessidade de tapar o rosto. Ele conseguia sempre reduzi-la a uma simples idiota passados cinco minutos de conversa. É que ela tinha plena consciência dele como homem. Conseguia sentir o calor do corpo dele, ou talvez fosse o calor do seu próprio corpo. Não havia dúvida de que a temperatura dela estava a aumentar. Ele era, definitivamente, feito do mesmo material que os rapazes rebeldes e, por mais que tentasse, ela não era feita do material das raparigas rebeldes.

— Eu dou contigo em doida? — Soou satisfeito.

Desta vez foi ela que tirou os óculos de sol para o fitar atentamente.

— Estás a fazer isso de propósito, não estás?

O sorriso dele deixou-a fascinada. Ela não se apercebera de que ele era capaz de sorrir. Na maior parte das vezes ele parecia concentrado e altamente inteligente, alheado ou arrogante e demasiado superior para falar. Agora que ela o vira a sorrir, sentia-se definitivamente perdida. Libby voltou a empurrar os óculos para o seu lugar e tentou não ser atingida pela aparência dele. Era algo demasiado fútil. Ela não era uma pessoa fútil, pois não? Porque ele não era assim tão simpático.

Ele pegou na mão dela e continuou a caminhar pela praia, em direção às poças formadas pela maré, sem lhe responder. Estava sempre a baralhá-la e, em vez de ela assumir o controlo e acabar com aquilo, Libby deu por si, satisfeita, a caminhar ao lado dele. O corpo entroncado dele fê-la sentir-se ridiculamente feminina, fê-la sentir algo diferente que jamais admitiria perante as suas irmãs. Ela não dava a mão a ninguém. Não se lembrava de alguma vez ter andado de mãos dadas com um homem, mas estava a gostar de passear de mãos dadas com ele, de sentir os dedos dele envoltos com força nos seus. Ele parou para examinar um caranguejo e colocou a mão dela sobre o seu peito.

— Os caranguejos-eremitas são fascinantes. A pinça direita é maior e tem um formato diferente do da pinça esquerda. Eles usam-na para se protegerem e para segurarem na comida, enquanto que a esquerda é usada para comer. — O seu rosto foi atravessado por um sorriso malicioso que lhe iluminou os seus olhos azuis cintilantes. — O macho arrasta a fêmea para todo o lado, usando a pinça mais pequena, quase como um homem das cavernas. — Ele torceu os dedos no cabelo sedoso de Libby. — Enquanto isso, luta contra os outros machos com a sua pinça maior, agarrando-se à sua parceira até que ela esteja pronta para a muda da carapaça e se torne recetiva e fértil. — Experimentou puxar o cabelo de Libby.

— Felizmente, não sou nenhuma fêmea de caranguejo — disse ela.

— És rezingona — observou ele. Deixou que os fios sedosos de cabelo dela deslizassem entre os seus dedos.

O coração dela deu um pulo.

— Por acaso tive dois caranguejos-eremitas como animais de estimação e deviam ser os dois machos, porque eles não se arrastavam um ao outro. Chamavam-se *Escova de Dentes* e *Pasta de Dentes*. Eles fugiram numa missão suicida: atiraram-se da varanda. Chorei durante uma semana.

As sobrancelhas dele subiram rapidamente.

— Choraste por causa de um caranguejo?

— Claro, eles eram os meus animais de estimação.

— Tu não és normal, Libby — disse ele com um sorriso desmaiado e um tom de voz carinhoso.

— Suponho que não. Toda a gente gozou comigo. — Ela apontou para a poça formada pela maré. — Segui em frente para as estrelas-do-mar, mas deixo-as no meio ambiente delas.

— Estrelas-do-mar? — Ele deu um pequeno suspiro. — Isso não diz muito a favor do teu gosto. As estrelas-do-mar são carnívoras. Comem tudo o que pisam. Elas evertem os estômagos para fora da boca e digerem a presa ao contrário. Só depois de o animal ter sido completamente digerido é que elas puxam o estômago de volta para dentro.

— Que nojo! Pareces a Abigail. Deixa-me *algumas* ilusões.

Tyson riu-se alto, o que o surpreendeu. Ele nunca se ria. Fazia de conta que se ria em alturas apropriadas para bem do seu primo; era uma das suas pequenas cedências em delicadezas sociais, mas nunca era um sorriso autêntico. Libby fizera-o rir mesmo de verdade. Ela fascinava-o. Era uma mulher que nascera no meio de uma família de vigaristas. Só o facto de saber isso era motivo suficiente para o manter longe dela, contudo ele nunca conseguia. Ela era simplesmente tão... tão simpática. Tão real. À medida que o tempo passara, ele começara a acreditar que ela não fazia parte das vigarices da família dela, mas que, em vez disso, era uma mera vítima das pessoas que a deviam ter amado; de certo modo, tal como ele era. Ele duvidava se seria capaz de funcionar em sociedade sem a influência da sua tia.

— Estás a ficar queimada pelo sol. Acho que é melhor irmos para debaixo de uma sombra.

— Eu pus protetor solar.

— Bem, o teu nariz está a ficar vermelho.

— Boa! — É claro que o nariz dela tinha de ficar queimado. Ela tinha uma pele tão clara que, sempre que tirava os óculos de sol, parecia um guaxinim. Os óculos dela iam ficar firmemente no seu lugar. — Não tenho a certeza se há assim muita sombra neste lado da praia. — Por um qualquer

motivo idiota, ela queria ter a companhia dele por mais um pouco, mesmo apesar de saber que devia sair de debaixo do sol.

Ele pegou na mão dela e puxou-a delicadamente até ela o seguir de volta para as cadeiras.

— Onde está o teu protetor solar? — Ele levantou ambas as cadeiras, como se estas não pesassem nada e mudou-as para junto da parede do penhasco, à sombra. — Senta-te aqui. Precisas mesmo do protetor mas pode ser que isto sirva.

Ela *não* ia ficar com o nariz todo branco, coberto de zinco, enquanto estivesse ali sentada a conversar com ele.

— Deixei-o lá em cima, em casa.

Ele cruzou os braços sobre o peito. Tinha uns braços notáveis: ondedados por músculos. Ele era bioquímico. Como é que ficava com uns braços daqueles? Libby mordeu o lábio, de modo a impedir-se a si própria de suspirar. Precisava de uns óculos mais escuros para poder olhar para ele fixamente sem se notar. Se ele se mantivesse calado, ela conseguiria sonhar acordada e a sua vida voltaria, então, a ser magnífica. Se, pelo menos, ele não falasse.

— Vi os eletroencefalogramas que me tiraram depois do acidente.

Libby ficou tensa. Ficou totalmente tensa de imediato, desconfiada quanto ao verdadeiro motivo de ele a ter ido procurar. A voz dele tinha um tom beligerante. Ela permaneceu silenciosa e fixou o olhar na rebentação cheia de espuma.

— O Shayner disse-me que eu tinha lesões muito graves na cabeça: fraturas, inchaço no cérebro, coágulos de sangue, esse tipo de coisas. Basicamente, em vez de cerebelo, tinha ovos mexidos.

— Interessante.

— Ele disse que eu devia estar agora como um vegetal. Em vez disso, aqui ando eu com o peito esmagado e algumas costelas partidas.

— Estou a perceber.

— Estás a perceber o quê? — Tyson inclinou-se para perto dela, perfurando-a com os seus olhos penetrantes. — Que diabos é que tu fizeste? E não me venhas com essas tretas da vossa magia. Não acredito nisso e quero ouvir a verdadeira explicação. Tu fizeste alguma coisa. Só podes ter feito. O Shayner disse que eu estava como um vegetal antes de teres estado comigo naquele quarto. Depois disso, e à exceção de algumas costelas rachadas e outras lesões menores, eu já estava absolutamente bem. Que diabos é que fizeste?

— Tretas? — repetiu Libby. — A treta da nossa magia? — A fúria tremeluziu pelo corpo dela e dominou-a com tanta força que ela chegou mesmo a procurar alguma coisa que pudesse atirar-lhe. Ela colocara as suas

irmãs em perigo, bem como arriscara a sua própria vida e ele chamava ao que ela fizera de *tretas*! — É isso que chamas ao que faço?

Ele passou uma mão pelo cabelo dele.

— Tu percebeste, não estou a dizer que aquilo que fazes não é minimamente válido, só estou a dizer que não é feito com magia. Tu não acreditas mesmo em bruxas e vudu e feitiços, pois não? Tu és médica. Há uma explicação científica razoável para aquilo que fazes.

— Há?

— Claro! E eu quero saber qual é.

— Porquê?

Ele encolheu os ombros.

— Porquê?! Estás a falar a sério? Libby, se o que toda a gente diz for verdade, tu recuperaste aquilo que, para todos os efeitos, era um cérebro irreparavelmente danificado, o meu cérebro. Se realmente foste capaz de o fazer, os benefícios disso para a medicina e para a ciência são para lá de assombrosos. Quem é que *não gostaria* de saber como é que fizeste o que fizeste?

Ela observou-o atentamente durante muito tempo, enquanto as gai-votas grassavam acima deles e as ondas batiam na praia. Se a sua pressão arterial subisse um pouco mais perante a descrença total revelada pela voz dele, ela teria um ataque.

— Descobre tu como é que eu e as minhas irmãs fazemos essa treta da magia e vem dizer-nos. Vais fazer-nos rir um bom bocado.

Ele olhou furioso para ela. Estava a ficar zangado. Tinha vindo com a melhor das intenções, mas não queria ouvi-la a defender-se a si própria nem à família dela.

— Não me importo nada se sou a vítima das vossas piadas. Vocês andam a enganar esta cidade toda, mas eu não caio nisso. Diz-me!

— Porque é que não comesças por analisar os exames? Podem ter sido falsificados.

— Já fiz isso. Parecem ser autênticos. E tu estavas ocupada noutra sítio do hospital quando dei entrada lá, por isso não estou a ver como é que poderias ter tido tempo para falsificares os registos.

— Tu foste verificar se eu tinha falsificado os registos? — Libby ficou chocada. Respirou bem fundo. — Vai-te embora!

— *Tive* de excluir a possibilidade de os documentos terem sido falsificados. Esse é o esquema mais antigo que há — disse Ty com indiferença. — Diz-me só como é que o fizeste?

— Achas que te dei algum tipo de medicamento novo que não partilho com outros doentes com lesões cerebrais? — Libby estava furiosa. — Eu não fiz nada. O eletroencefalograma devia estar mal. Talvez tenha havido

uma falha técnica durante o exame. Estou cansada e estás a incomodar-me. Vai-te embora!

Tyson deixou passar alguns segundos de silêncio, na esperança de que ela se acalmasse.

— Estás a mandar-me embora, porque sabes que vou ficar obcecado com isto. Isso é pura maldade, Drake. — Protegeu os olhos com a mão e ergueu o olhar para o penhasco. — E já agora, explica-me lá porque é que vocês não têm erosão perto da vossa casa, enquanto que todos os outros penhascos por aqui estão a desmoronar-se aos poucos. E, sim, também tirei amostras da terra.

— Estou curiosa com a tua conversa brilhante, a sério que estou, mas erosão e tinta não me interessam absolutamente nada. Estou a ler. Estou a descansar. Ou estava, até teres aparecido. Se já acabaste de insultar a minha família, Tyson, porque é que não voltas para o teu laboratório? Tenho a certeza que dormir no chão e comer doces *Cracker Jacks*, enquanto descobres a cura para as doenças mais fatais do mundo, te vai fazer sentir muito mais realizado do que andares por Sea Haven a chateares os habitantes locais.

Lentamente, um sorriso substituiu a expressão de teimosia da boca dele.

— Andaste a investigar-me. Eu durmo no sofá, não é no chão, mas realmente como *Cracker Jacks*. A princesa Libby Drake está suficientemente interessada para me investigar. Com quem é que andaste a falar?

Libby sentiu um rubor a trepar-lhe do pescoço até ao rosto. Baixou a cabeça de modo a que o seu cabelo caísse qual nuvem em torno dela, enquanto fingia estar a examinar as suas unhas.

— Costumo passar pelo Sam, de vez em quando, e ele deve ter referido isso.

— Ai não, não referiu. O Sam não sabe absolutamente nada sobre aquilo que costumo comer no laboratório e não está minimamente interessado ao ponto de mo perguntar. — Soou triunfante. — Tu perguntaste mesmo por mim. E quando me levaram para o hospital depois da queda, foste ver-me.

Ela encolheu os ombros.

— Sou capaz de ter ido. Porque é que não havia de ir? Andámos juntos na escola. Fui ver como estavas e fui embora. Eras paciente do Shayner e eu estava a caminho de casa.

— E é suposto eu acreditar que vais ver como estão todos os pacientes do Shayner? Desculpe, princesa, mas isso simplesmente não cola. Usaste uma entoação moralista e um tom ligeiramente mordaz, que normalmente deixa as pessoas sem reação, mas tu não estás a deixar-me sem reação. Desta vez não. Admite! Estás interessada em mim...

Libby engasgou-se.

— Não estou *nada* interessada em ti. És um arrogante... — Ela calou-se de um modo abrupto assim que uma sombra passou sobre eles, bloqueando o Sol forte por momentos. Distraída, olhou em volta. — Há alguma coisa que não está bem.

— Porque é que dizes isso?

— A sombra. — Ela estava mais do que distraída, levantando-se para examinar tudo à sua volta.

— Era um pássaro, Libby, uma gaivota.

— Não era um pássaro.

O alarme dela era contagioso e estava a irritá-lo. Estava tudo bem.

— Vá lá, Drake. Achas mesmo que vou cair nisso? Tu só não queres admitir que estás interessada em mim.

Libby ignorou-o, erguendo os braços para o céu. O vento respondeu de imediato, passando velozmente por eles numa pequena rajada, vinda do mar e indo na direção da casa no cimo do penhasco.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Ty, desconfiado.

— Essa treta de magia em que não acreditas. Cala-te por um minuto e deixa-me concentrar. Há alguma coisa que não está mesmo nada bem. Eu sinto-o. — Ela ficou com um semblante carregado, virando-se de frente para o mar com o olhar inquieto, que percorreu toda a praia à volta deles.

Ty deu uma longa vista de olhos à sua volta, primeiro ao mar. Estava relativamente calmo e não avistou qualquer sinal de uma onda gigante e muito menos de um tsunami. Que mais é que podia não estar bem? Ergueu o olhar para o céu.

— Uma gaivota qualquer pode bombardear-nos — informou ele —, mas não estou a ver nenhum avião a cair.

Ela lançou-lhe um olhar com a intenção de o silenciar.

Ele começou a sorrir-lhe, divertido com a certeza dela, contudo, as suas estranhas reagiram, sentiu o instinto que lhe dizia para se mexer depressa. Ty levantou-se abruptamente, agarrou-a pela cintura e arrastou-a para longe das cadeiras, indo em direção aos degraus. Ela era leve, mas as costelas e o esterno esmagado dele queixaram-se e ele sentiu-se como se estivesse a ser dilacerado. Não parou. Não acreditava em magia, mas confiava nos seus instintos e os seus próprios alarmes estavam a tocar ruidosamente. Um bom cientista precisava de ter bons instintos e os seus tinham sido refinados pelo seu treino como bombeiro.

Já tinham dado alguns passos a correr em direção ao caminho que subia o penhasco, quando ele ouviu um som vindo de cima deles. Era um som que ele já ouvira enquanto alpinista. Cobrindo a cabeça de Libby com ambas as mãos, correu os restantes passos para a empurrar contra a parede

do penhasco, agachando-se sobre ela de uma forma protetora enquanto choviam rochas, terra e lama sobre ambos. Ele tornou-se o mais pequeno possível, estremecendo de cada vez que os detritos lhe batiam nos ombros e nos braços. Derramou-se terra sobre eles e Libby tossiu.

Ele meteu a boca ao lado do ouvido dela.

— Tenta não respirar.

Ela não respondeu, mas a sua mão deslizou para dentro da dele. Ele pressionou a cabeça dela contra o seu peito. Ela sentiu-se pequena e frágil nos braços dele, ao contrário da Libby que parecia tão segura de si aos olhos dele. Ele abraçou-a com mais força e colocou o queixo por cima da cabeça dela. O tempo que passou até o deslize de rochas acabar pareceu uma eternidade.

Ele permaneceu abraçado a ela.

— Achas que é seguro mexermos-nos?

— Obrigada. — Ela endireitou-se, libertando a mão da dele, e deixando algum espaço livre entre eles.

Ele ainda conseguia sentir o corpo dela contra o seu — uma ilusão —, mas, ao mesmo tempo, ela sentiu como se pertencesse ali.

— Porquê?

Libby passou cuidadosamente por cima dos destroços e apontou na direção das cadeiras onde tinham estado sentados há alguns minutos. As cadeiras de madeira tinham sido completamente esmagadas por vários pedregulhos grandes.

— Tinhas de falar na erosão dos penhascos, não tinhas?

O tom provocador na voz dela deixou-o sem fôlego, sem qualquer aviso. Ela parecia estar prestes a desatar a rir. Foi o suficiente para fazer com que o coração dele parasse. Ele colocou a mão sobre o seu peito dorido.

— Não fazia ideia que o poder da minha sugestão era assim tão forte. Da próxima vez, terei mais cuidado.

— O Jonas referiu que tem havido vários deslizamentos desde a última grande chuvada que tivemos. Sea Lion Cove foi atingida com uma grande violência. O penhasco está mesmo muito instável, mas acho que não prestámos atenção a isso como devíamos ter prestado.

Ty examinou a superfície de rocha que se elevava sobre eles.

— Não parecia estar assim tão instável. Nem sequer houve nenhum terramoto. Reparaste se os pedregulhos pareciam poder cair quando andaste a passear pela praia?

— Não estava a prestar atenção a isso, Ty — admitiu Libby. — Não me lembro da última vez em que alguma de nós olhou para ele. O Jonas vai dar-nos um dos seus muitos, muitos sermões.

— Exatamente onde é que o Jonas encaixa na tua família? — perguntou

Ty. — Lembro-me que ele andava sempre à vossa volta, mas ele não é vosso parente, pois não? — Alcançou-a para sacudir terra do cabelo dela.

Libby ergueu uma mão para tentar limpar o volume de seda preta-azulada que lhe caía à volta do rosto. Ty apanhou-lhe o pulso, impedindo-a de se agitar.

— Estás linda, mesmo assim toda suja.

Libby respirou fundo. Há dez minutos a vontade dela era de atirar aquele homem ao mar, agora, tudo em que conseguia pensar era em beijá-lo.

— É muito simpático da tua parte dizeres isso, Ty. Neste momento não me sinto particularmente bonita, por isso, é muito bom ouvir-te dizer isso.

Ele encolheu os ombros.

— Estava só a constatar um facto. Ias dizer-me onde é que o Jonas encaixa na tua família — lembrou ele. Ele passara várias noites horríveis acordado, a lembrar-se da expressão facial de Jonas Harrington ao ver Libby destrocada e a sangrar no chão do hospital. Ty ainda não conseguira apagar a imagem de Jonas a levar Libby ao colo pelo corredor do hospital.

Libby encolheu os ombros.

— O Jonas faz parte da nossa família quer tenhamos laços de sangue quer não. Ele será sempre da família. Acho que ele gostava de nos renegar, mas não consegue. Está preso a nós e nós damos com ele em doido.

Ele conseguia imaginar. Jonas fazia parte das forças policiais. Sendo a família composta por charlatões descarados, o homem era obrigado a ficar numa posição complicada ao tentar protegê-las. Ty não queria pensar na família de Libby, só naquele sorriso intrigante que ela lhe lançara. Pegou na mão dela. Por mais pateta que soasse, gostava de segurar na mão dela.

— Vamos lá levar-te para casa. Achas que consegues subir até lá cima?

— Eu estou bem — respondeu Libby. Já há dias que andava com dores de cabeça, mas não ia admiti-lo a Ty. Não tentou libertar a mão, extremamente consciente da forma como o polegar dele estava a esfregar a pele dela, provocando-lhe uma pequena agitação no estômago. Nunca ninguém a fizera sentir aquela agitação no estômago.

— Eu consigo subir as escadas sem problemas.

Ty colocou a mão dela sobre o peito dele e deu início à longa subida. As escadas tinham sido escavadas há cem anos e cada geração ajudara a tornar a subida mais fácil. Algures a meio do caminho fora construído um corrimão de um dos lados. Como segurança, Tyson manteve Libby bem perto do corrimão.

— É muito bom que te sintas bem, não quero que uses este pequeno contratempo como desculpa para evitares o nosso encontro. — Dirigiu-lhe um sorriso tolo e pretensioso.

— Encontro? — A voz dela fez-se ouvir com um tom agudo. — Não temos nenhum encontro.

— Temos, temos.

Libby abanou a cabeça decididamente.

— Eu nunca saio para encontros.

— Bem, vais sair num comigo. Eu perguntei. Tu disseste que sim. Estás a voltar atrás? — desafiou ele. — Eu sei que te sentes atraída por mim.

Libby pareceu horrorizada. Era tudo o que podia fazer para se impedir de rir.

— Não sinto nada. Onde é que foste buscar essa ideia?

— A ti. Tu é que o disseste, quando te convidei para saíres comigo.

— Ele inclinou a cabeça, examinando o rosto dela, olhando-a diretamente nos olhos. — Vá lá, Drake, no hospital. Não vais fazer de conta que não me disseste que querias sair comigo.

— Que mais é que eu disse? — A voz dela transmitiu uma sensação de pura suspeita.

— Que eu sou brilhante. Que por acaso até sou.

— Isto não tem piada nenhuma, Ty. Nunca tivemos essa conversa. Eu nunca saio com ninguém.

— Sais, sais. Saíste com aquele médico idiota do CDC. Lembras-te dele? Ele tinha um capachinho.

— Não tinha nada. O cabelo é mesmo dele. E ele não era nenhum idiota. — Ela estreitou o olhar, fixando-o nele. — Como é que podias saber que saí com ele?

— O Sam disse-me. Ele é um poço de informações. Lembras-te de que ele te disse que eu como *Cracker Jacks*? E o médico do CDC era um idiota. Tive uma conversa com ele que bastou para me dizer que ele só conseguiu aquele cargo através de ligações familiares ou políticas.

Libby suspirou.

— Bem, eu não costumo ter encontros, por isso é impossível eu ter dito que sim. E só fui jantar com ele uma vez.

— Porque ele era um idiota — insistiu Ty. — Vá lá, Drake, diz a verdade. Ele era uma seca, só falou sobre ele e não tinha cérebro.

— Seja como for. Sabes muito bem que não tivemos conversa nenhuma no hospital.

Ele levou uma mão ao coração.

— Não acredito que pensas isso. Tu foste ao meu quarto e disseste-me para aguentar, que eu tinha de sobreviver, porque era tão valioso.

As sobancelhas dela dispararam para cima.

— Ok, pronto, disseste que o meu cérebro era valioso, é a mesma coisa, Drake, quer queiras admiti-lo quer não.

— E eu disse que tu eras brilhante. — A voz dela transbordou de sarcasmo.

— Bem — esquivou-se ele —, não foi exatamente assim.

— Pois, aposto que não foi exatamente assim. — Libby virou-se e continuou a subir as escadas. Ela não conseguia lembrar-se de nada daquele dia no hospital. Ele contara-lhe acerca da sua conversa com Irene. Não fora a bolsa de Irene que lhe fizera mal. Libby tivera um colapso por si só. Ele percebera que ela estava com problemas, mas ninguém seria capaz de lhe dizer se ela realmente conversara com Tyson Derrick. — Tu estavas inconsciente.

— Não estava não.

— Estavas num estado vegetativo.

— De acordo com o Dr. Shayner, foi um milagre. Talvez eu tenha voltado ao normal só por me teres sussurrado todos aqueles elogios.

— És tão convencido. — A voz dela voltou a transparecer diversão. — Estás a inventar isto tudo.

Havia alguma coisa no riso dela que o afetava mais do que ele gostaria de admitir. Não era só por ela fazer com que o corpo dele ficasse tenso e que todas as suas células ganhassem vida, era algo bem mais profundo do que isso. Ele analisava informações minuciosamente e ela estava a perturbar bem mais do que as hormonas dele. Quando ela se ria, as entranhas dele embrulhavam-se e o coração parecia ficar mais leve. Não tinha lógica nenhuma, mas ela era quase como uma droga para o sistema dele. Bastava estar perto dela para sentir exatamente a mesma precipitação de adrenalina por que era tão viciado.

— Pareço-te homem de inventar coisas? — contra-atacou ele.

Ela voltou a parar na escada, acima dele, virando-se para olhar para o rosto dele. Ao virar-se, as nádegas dela roçaram na virilha dele e a dor ligeira que ele sentia transformou-se numa dor horrível. Ele agarrou-a pelos braços e segurou-a à sua frente.

O sorriso desapareceu do rosto dela. Ty não se apercebeu de que estava tão perto, curvando a cabeça na direção dela. A boca dela estava criminosamente tentadora: de lábios carnudos, macios e entreabertos só aquele bocadinho. Ele viu como os olhos dela se arregalaram de choque e a boca dele se apoderou da dela. Ele não estava a pensar. Se não tinha havido um tremor de terra há uns instantes, de certeza absoluta que estava a haver um agora.

A Terra moveu-se. Talvez tenha girado. Ele não sabia. Não queria saber. Voltou a beijá-la; a língua dele provocou-a e fez uma dança até ela o deixar entrar. A boca dela colou-se à sua. O beijo intensificou-se. Ele não conseguia largá-la, puxando-a para mais perto, transformando o beijo em

algo menos dócil. O seu sangue aqueceu, precipitou-se pelas suas veias e começou a bater violentamente como se ele tivesse sido injetado com uma droga potente à base de testosterona. Continuou a puxá-la para ainda mais perto de si, sentindo necessidade de tocar na pele dela, de sentir o calor dela, para se banquetear com o sabor viciante dela.

O corpo dela moveu-se de encontro ao seu e ele esqueceu-se das costas e do peito esmagado. Esqueceu-se completamente da nova droga e não se perguntou mais quanto ao porquê de o seu arnês de segurança ter falhado. Sentiu simplesmente como o seu corpo estava totalmente vivo, todas as suas terminações nervosas crepitaram como se ele estivesse suspenso por uma corda a quinze metros de altura, por cima de um incêndio abrasador numa floresta, em que o calor intenso apenas o derretia a ele. Devorou-lhe o pescoço sofregamente e voltou a subir para a boca inacreditável dela. Há uma eternidade que ele sonhava com a boca dela, mas não houvera uma única fantasia erótica que o tivesse preparado para a necessidade delirante de a beijar uma e outra vez sem parar.

Os braços de Libby foram subindo sorrateiramente até ao pescoço dele, à medida que se ia entregando aos beijos de Tyson Derrick. Ela queria mais. Sempre mais. Queria estar mais perto, tocar na pele despida dele, sentir os músculos duros dele, aquecer o seu corpo no calor dele. Ela precisava de sentir que o desejo dele condizia com o fulgor súbito do seu próprio desejo. Este aparecera do nada, uma necessidade tão profunda, tão primitiva, que ela nem se reconhecia a si própria. Os beijos dele livraram-na da âncora da responsabilidade, que a prendia sempre ao chão com o seu peso. Ela flutuou. Ela crepitou. Ela sentiu-se sexualmente atraente.

Ela estava diferente. Ela era diferente, nos braços dele. Nunca ninguém a beijara daquela maneira, como se ele estivesse a arder. Como se ele precisasse dela, como se tivesse de a possuir. Como se ela fosse tudo para ele. Ela passou a mão pelo peito dele e ele estremeceu. A sanidade foi regressando sob a forma de uma ligeira comichão. Libby tentou afastar-se. A mão dele envolveu a nuca dela para a manter quieta e a boca dele continuou a comandar a dela.

O cérebro dela entrou em curto-circuito. Ela perdeu toda a sua capacidade de pensar, caindo para dentro de um poço de uma sensação sexual pura. Era impossível respirar. Eles estavam a trocar ar entre si, mas não era suficiente. O corpo dela ardia de desejo pelo dele, os dedos dela enrolavam-se no cabelo escuro dele.

— Libby. — Ele sussurrou o nome contra os lábios dela.

— Não consigo respirar.

— Nem eu. Também não consigo mexer-me. Vamos ter de ficar assim

aqui, de pé, para sempre, a não ser que estejas disposta a procurar um cantinho bem escondido na praia.

Libby obrigou-se a afastar-se.

— Isto não é real, sabes? Eu estou drogada. Completamente drogada. — Ela pressionou os lábios inchados com uma mão, por saber que estava com um aspeto de ter sido beijada intensamente. A barba por fazer do maxilar dele deixara a pele sensível dela toda vermelha e, de repente, ela apercebeu-se de ter o pescoço a latejar. Pressionou a pele com a mão.

— Não te atreveste a fazer-me um chupão, pois não?

— Anda cá, deixa ver. — Ele puxou-lhe a mão para baixo. — Para ser sincero, não sei que raio é que fiz. — Levantou-lhe o cabelo e observou o pescoço dela durante muito tempo. Por fim, inclinou-se para a frente e pressionou os lábios contra a marca ofensiva. — Eu diria que tens um chupão, a não ser que tenhas algum sinal de nascença rosado.

Libby ergueu o olhar para ele, incapaz de acreditar que ele conseguira apoderar-se dela daquela maneira. Ela controlava sempre tudo. *Sempre*. Ela não perdia a cabeça por causa de homens. Não era seduzida por eles e certamente que não tinha reações sexuais tão fortes como aquela, não por um homem arrogante que não possuía quaisquer aptidões sociais, principalmente um que insultara toda a sua família. O que é que se passava com ela? Ela ainda não estava completamente recuperada. Era a única explicação para a sua loucura.

— Que droga?

Ela pestanejou.

— De que é que estás a falar? Eu sou inteligente, Ty, mas porque é que nunca sei de que é que estás a falar? — Ela permitiu que a sua mão deslizesse sobre o peito dele e ali pousasse só por um instante antes de deslizar à volta das costelas dele.

Ele emaranhou os dedos no cabelo dela, esfregando os fios entre os dedos e o polegar.

— Tu disseste que estavas drogada, que isto não era real. Quero saber que droga é que andas a tomar.

— Aspirina. Eu estava com uma dor de cabeça.

— E a aspirina faz com que fiques excitada sexualmente? Faz com que as pessoas fiquem com uma vontade terrível de te beijar? Deixa-te absolutamente tentadora?

— Obviamente.

Ele acenou que sim com a cabeça.

— Certifica-te de que tomas uma antes do nosso jantar.

Um leve sorriso voltou a chamar a atenção dele para a boca dela.

— Ty, nós não temos nenhum encontro. Eu lembrar-me-ia disso.

— Não necessariamente. Eu não sou assim tão digno de memória, a não ser que esteja a beijar-te, e eu não te beijei no hospital. Agora percebo que foi um grande erro que cometi.

Libby abanou a cabeça e deu um passo experimental para subir as escadas. Sentiu-se desequilibrada sem os braços dele à sua volta.

— A que horas é o nosso encontro?

Ele olhou de relance para o relógio.

— Daqui a cerca de meia hora.

— Não consigo estar pronta em meia hora. O meu cabelo está um caos e preciso de me maquilhar para sair. — Agarrou-se com firmeza ao corrimão e puxou-se a si própria para o degrau seguinte. Era uma louca por sair com ele. Ele era arrogante e antissocial, não acreditava em magia e pensava que todas as suas irmãs eram vigaristas. Ele daria com ela em doída. Libby tocou nos lábios com os dedos. Mas o homem sabia beijar e isso contava para alguma coisa.

— Tu não precisas de maquilhagem, Libby. Eu gosto do aspeto natural. Ela riu-se.

— Tu gostas de maquilhagem aplicada com astúcia que faz com que uma mulher *pareça* natural. Se eu fosse assim como estou, ias dizer-me que tenho um escaldão no nariz.

— E tens.

— Vai embora, Ty, antes que eu caia em mim e mude de ideias.

— Uma hora, Libby. Vou voltar e acho bem que não te escondas em casa.

— Pelo menos sabes o meu primeiro nome. Se continuasses a chamar-me Drake, ia atirar-te do penhasco abaixo.

— Eu beijei-te. Não posso chamar-te Drake depois de te ter beijado.

— Vais ter de te esquecer que me beijaste. Não vai haver mais beijos.

Ele tocou na marca vermelha do pescoço dela.

— Há provas. Não vou esquecer-me, e tu também não. Toma a aspirina, Libby.



Capítulo 5

— **T**ens a cara cheia de terra e um chupão no pescoço. — Hannah recebeu a irmã com uma chávena de chá. — Suponho que não queiras contar-me o que andaste a fazer enquanto fui às compras à mercearia.

Libby soprou para a chávena fumegante.

— Tenho terra na cara? — Ficou envergonhada. É claro que ela tinha terra na cara. Terra, um chupão e um nariz vermelho queimado pelo sol. Estava tão elegante quanto possível. Estar ao lado de Hannah também não ajudava. Alta, loura, uma supermodelo com um aspeto incrivelmente exótico, Hannah já aparecera na capa de todas as revistas que existiam. Hannah era magra, mas nem mesmo se tentasse conseguiria ter mau aspeto.

— Tens. Tens a cara toda suja de terra, como se fizesses parte de um grupo de comandos ou algo do género. O que é que andaste a fazer? E estou particularmente interessada no chupão.

— É um sinal. Um sinal de nascença. — Libby tentou dar um ar de inocente enquanto bebericava o chá quente.

Hannah acenou com a cabeça.

— A mãe vai ficar interessada nesse sinal de nascença. Aposto em como nunca o viu. Ela deve chegar a casa daqui a uma ou duas semanas. Ela ligou e disse que a tia Carol e o pai andavam a explorar o vale de Napa, ou melhor, os estabelecimentos vinícolas, e ela andava ocupada a visitar todas as lojas com listas de casamento para tirar ideias. Acho que estão a divertir-se muito.

— Eles divertem-se sempre quando estão juntos — observou Libby.

— Depois de eu lhes ter pregado um susto de morte, faz-lhes bem terem algum tempo livre. — Fez uma pausa antes de largar a bomba. — Hoje à noite tenho um encontro e pensei em vestir algo mais elegante. Tipo umas calças de ganga e uma t-shirt, estás a ver?

Hannah quase virou a chávena de chá.

— Tu? Um encontro?

— Ei, então? — advertiu Libby com o sobrolho ligeiramente franzido em jeito de repreensão. — Isso não é nada simpático. Eu também costumo ser convidada para sair em encontros.

— Desculpa. Eu sei que costumam convidar-te para sair, só que tu nunca vais. Tencionas lavar a cara ou a pessoa com quem vais sair é do tipo selvagem?

Libby enterrou-se numa cadeira.

— Não faço a mínima ideia de como me meti nisto.

— Aposto em como o teu novo sinal de nascença tem alguma coisa a ver com isso — arriscou Hannah com um pequeno sorriso. — Não andaste a rebolar pela terra com ele, pois não? E quem é esse homem que te fez esquecer que és a *Doutora* Libby Drake, sempre formal e respeitável?

— Continuo a ser formal e respeitável.

— Quer dizer, a terra não combina lá muito bem com essa imagem e o chupão também não.

— *Sinal de nascença* — corrigiu Libby.

— Nem esse sinal de nascença enorme e notável que tens no pescoço. *Andaste* a rebolar pela terra com ele? Mentos curiosas querem saber.

— É claro que não. — Libby não conseguiu controlar o rubor que se apoderou do pescoço dela e lhe inundou as faces com um tom cor-de-rosa que ficou a condizer com o seu nariz. — É claro que não — repetiu.

Hannah abanou a cabeça; os seus caracóis de platina em espiral rodopiaram em torno dos seus ombros e pelas suas costas abaixo.

— Ai, Libby. Estás mesmo tramada com este, não estás? Quem é ele?

— Não te vou dizer. — Libby tirou os sapatos aos pontapés e colocou os pés em cima do pequeno sofá sem costas. — Eu nem sequer gosto dele.

— Ai, querida, isso é pior. Ele deve beijar como um maluquinho. Ele é atraente, não é?

— É um arrogante, um antissocial viciado em adrenalina. Com um corpo extraordinário. — Libby dirigiu um olhar carrancudo à irmã. — Eu quis dizer cérebro.

— Com que então um corpo!?

— *Cérebro*. Eu quis dizer cérebro. Ele tem um cérebro, apesar de não o usar na maior parte das vezes. E faltam-lhe aptidões sociais, que nem

imaginas. Se ele conseguisse estar calado, teríamos uma relação maravilhosa, mas ele insiste em falar.

— Que chatice — disse Hannah. — Ainda não me disseste o nome dele.

Libby revirou os olhos.

— Tyson Derrick.

Hannah engasgou-se com o chá.

— Oh, meu Deus. Perdeste o juízo, Libby. Sabes disso, não sabes? Não podes sair com ele. Ele é tão desastrado socialmente quanto o Jonas.

— Eu sei, eu sei. — Libby tapou o rosto com uma mão e espreitou por entre os dedos. — Acho que o meu cérebro ainda está a recuperar das lesões.

Uma sombra caiu sobre elas, fazendo com que erguessem o olhar para ver Jonas Harrington a preencher a entrada com os seus ombros largos. Hannah fez uma careta e Libby colocou uma mão no pescoço para esconder todas as provas.

— Jonas, que simpático da tua parte entrares assim à socapa.

— Se não entrar à socapa, a Hannah manda os cães atrás de mim. Já agora, não sou nada desastrado socialmente. Há muitas mulheres que me acham atraente.

Hannah conseguiu fazer com que uma rosnadela soasse a algo elegante. O xerife lançou-lhe um olhar furioso. Ela sorriu docemente e bebeu um gole de chá.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Libby.

— Recebi uma chamada da Elle. Estava preocupada contigo. Disse qualquer coisa sobre um desabamento de terras. Pedi-me para vir ver como estavas.

— Que estranho a Elle também o ter sentido — disse Hannah. — Foi por isso que vim para casa, Libby. Por uns instantes senti alguma coisa malévola que depois voltou a desaparecer.

— A Elle também usou essa palavra — disse Jonas —, mas os deslizamentos de terras não são coisas malévolas. Não transformes isto numa dessas coisas esquisitas que parecem acontecer quando vocês estão todas juntas. Não quero que comecem a sair coisas do nevoeiro ou que sombras tentem agarrar as pessoas pelas costas. Não vamos complicar as coisas.

— Eu fiquei alarmada, mas não consegui perceber porquê — concordou Libby.

Jonas atravessou o compartimento para se ir agachar à frente dela.

— Estás coberta de terra. Aconteceu mesmo alguma coisa, não aconteceu? — O tom provocador desapareceu da sua voz.

— Nada de especial. A Elle está tão ligada a todas nós que não

consegue deixar de se preocupar. Foi um pequeno incidente. Lembram-se daquela conversa sobre a erosão em quase todas as superfícies da falésia depois daquela chuvada forte? Eu estava sentada perto da parede do penhasco e houve um deslizamento. Um par de pedregulhos grandes deve ter-se deslocado e deve ter sido isso que começou tudo. As rochas esmagaram as cadeiras, mas eu estou bem, um bocadinho suja, mas sem um único arranhão.

— Mas ela tem um novo sinal de nascença no pescoço — contribuiu Hannah de um modo prestável.

Libby fulminou-a com o olhar.

— Sua traidora! E eu até estou a ajudar-te a falar sem gaguejares e tudo. O que é que te deu?

— Porque é que a Hannah havia de estar a gaguejar? — perguntou Jonas.

— Concentra-te nas coisas importantes, xerife todo poderoso — incitou Hannah. — Sinais. Pescoços. Rebolar na terra. Que raio de detetive és tu?

Jonas esticou-se e afastou a palma de Libby do pescoço dela. Examinou a marca durante bastante tempo, acabando por assobiar.

— Estou impressionado. Quem é que conseguiu deixar a sua própria marca em ti?

— Marca? — resmungou Libby, afrontada, com uma voz subitamente aguda. — Não é uma marca. É uma mancha *pequeninha*, um arranhão, provavelmente feito por uma rocha.

Jonas trocou um longo olhar com Hannah e ambos desataram a rir.

— Bela tentativa, Libby — disse ele. — Diz-me lá um nome.

— Não tens trabalho para fazer, Jonas? — perguntou Libby. — Eu estou ocupada.

— Não me pareces nada ocupada — observou Jonas.

— Ai, mas olha que está. Ela tem de se arranjar para um encontro hoje à noite — salientou Hannah. — Com o Tyson Derrick.

Jonas voltou a assobiar.

— Tyson Derrick, o multimilionário? Estás a subir na vida, Libby. Ele é muitíssimo melhor do que o tipo do capachinho. Corria água gelada nas veias daquele homem. O Ty procura excitação.

— Ele é bioquímico — disse Libby. — Não é milionário. E amadureceu ao longo dos anos. De certeza que já parou de fazer as coisas malucas que gostava de fazer.

— Bem, ele escalou uma montanha nos Himalaias no ano passado. E já fez *rafting* no Colorado várias vezes. Faz escalada e *parasailing* dos penhascos abaixo. Combate incêndios florestais e participa em salvamentos

de helicóptero, mas, provavelmente, deves ter razão. Fora isso, conduzir carros de corridas e apanhar multas por exceder os limites de velocidade com a mota dele...

— Não me digas mais nada. — Libby voltou a tapar o rosto. — Não aguento. Porque é que eu lhe disse que saía com ele? Nem sequer tenho a certeza de que o disse. Acho que ele me enganou.

— Como é que ele ia conseguir enganar-te? — perguntou Jonas. — Tu és muito inteligente, Libby.

— A maior parte das vezes — admitiu Libby. — Mas não me lembro de nada do que aconteceu no hospital e ele insiste que conversámos e que ele me convidou para sair. Não acredito nele. O Dr. Shayner disse que ele tinha lesões cerebrais graves nessa altura, o que impossibilitaria qualquer conversa. Tenho a certeza que ele inventou tudo.

— Tens a certeza? — gozou Jonas.

— Tenho *quase* a certeza. — Libby suspirou. — Estou baralhada. Eu nem sequer gosto dele. Para um homem com uma mente tão brilhante, o que, já agora, estou *certa* que não lho disse, ele diz as coisas mais estúpidas do mundo.

— Podes ter-lhe dito que ele é brilhante? — perguntou Jonas.

— Ele beija bem — disse Hannah de um modo prestável.

Jonas lançou-lhe um olhar fulminante.

— Acho bem que não saibas em primeira mão como é que aquele homem beija, Bonequinha. Ter duas de vocês completamente parvinhas por causa dele é demasiado.

Hannah pousou a chávena violentamente no pires.

— Eu beijo quem me apetecer, Harrington. És tão mandão que achas que podes dizer a toda a gente o que fazer.

— Estás a esquecer-te que tenho uma pistola — retorquiu ele com satisfação.

— Parece-me que estás a ameaçar dar-me um tiro — insistiu Hannah; nas profundezas dos seus olhos começavam a ver-se faíscas.

— A ti não. Que raio é que faria depois sem ti para me entreteres? Dava-lhe um tiro a *ele*. Vê lá se atinas. Se souberes o que é melhor para eles, evita colar os teus lábios aos de alguém. — Levantou-se. — Vou examinar o penhasco para me certificar de que é seguro. Devo ter de interditar o acesso e de meter algumas placas de aviso por lá.

— Obrigada, Jonas — disse Libby. — Não olhei para o penhasco. O Ty estava comigo e eu estava distraída com a conversa brilhante dele.

— Queres dizer, com os beijos dele. — Hannah corrigiu-a.

Jonas estreitou o olhar.

— Pareces obcecada com os beijos dele, Hannah.

Ela encolheu os ombros.

— Já lá vai algum tempo. Tenho de ver se tenho um bocadinho de ação.

O sobrolho dele elevou-se de repente.

— A sério? — Jonas baixou-se, torcendo a mão por entre o cabelo dela e mantendo-lhe a cabeça absolutamente imóvel, enquanto a sua boca se apoderava da dela.

Libby engasgou-se com o choque. O beijo pareceu durar para sempre. E não havia dúvida de que era um beijo com língua. Hannah não só não estava a tentar resistir, como parecia estar a corresponder ao beijo.

Jonas afastou-se de uma forma igualmente abrupta, enfiando o chapéu na cabeça e virando-se para a sala de estar.

— Isto deve ocupar-te por algum tempo. Da próxima vez que te sentires um bocadinho com falta, liga-me. — Saiu do compartimento a passos largos.

Por um instante, Hannah pareceu atordoada, com uma expressão de choque, olhar vidrado e lábios ligeiramente inchados. Abriu a boca duas vezes até conseguir fazer com que alguma coisa emergisse de lá.

— *Que nojo!* — Hannah pareceu escandalizada. — Ele ficou maluco, Libby. Viste aquilo? Devia ter-lhe dado um pontapé. Ou ter-lhe dado com um joelho. Ou, no mínimo, tê-lo transformado num sapo. Ele *beijou-me*. Fui completamente violentada. — Lançou um olhar furioso à entrada vazia.

— Tu também o beijaste, Hannah.

— Não beijei *nada* — negou ela veementemente.

Jonas assobiou enquanto saía, batendo com a porta da sala de estar ao sair.

— Porque é que não lhe deste um pontapé? — perguntou Libby. Não havia qualquer dúvida de que houvera uma correspondência de beijo da parte de Hannah, contudo, Libby achou melhor não falar sobre isso.

— Não consegui pensar — defendeu-se Hannah. — Apanhou-me de surpresa. Ele nunca fez nada do género. Uh! Ainda consigo senti-lo. — Tocou nos lábios com as pontas dos dedos, quase como uma carícia, em vez de esfregar os lábios até fazer desaparecer o beijo. — É tão manhoso. Vou ter pesadelos. E vou pagar-lhe na mesma moeda.

— Vais atacá-lo de surpresa e beijá-lo? — perguntou Libby, de modo proveitoso.

— Não tem piada! Hei de descobrir um feitiço que lhe deixe os lábios dormentes.

Libby desatou às gargalhadas.

— É melhor teres cuidado. O Jonas perceberia e a vingança dele poderia ser bem pior.

— O facto de a casa o deixar entrar sempre me irritou, é como se ele fosse da família ou algo do género.

— Ele é da família, sua pateta — disse Libby carinhosamente. — O Jonas é o único irmão que temos.

Hannah fez uma careta.

— Meu não é. Ando a tentar descobrir uma maneira de fazer com que todas as portas lhe batam na cara sempre que ele tentar entrar. Já tentei com o portão, mas o trinco só cai assim que ele se aproxima e não consigo fazer nada quanto a isso.

— Perdes demasiado tempo a pensar em maneiras de irritar o Jonas.

— Bem, isso é porque ele me irrita a mim. No outro dia chamou-me magricela. *E* disse que eu tinha emagrecido outra vez e que, se eu perdesse mais peso, sepultaria o meu esqueleto.

— Quando é que ele disse isso? — Libby ouviu o sentimento de mágoa na voz da irmã.

— Oh, ele passou por cá ontem para ver como estavas. Estavas a dormir, por isso chateou-me a mim. Tenho de me manter magra senão perco o meu emprego.

Libby examinou Hannah por um instante. Ela era tão bonita que era muito fácil não reparar em nada mais para além do que estava à superfície, mas Jonas tinha razão, ela *estava* mais magra. Muito mais magra.

— Tu andas a perder peso, Hannah — disse-o do modo mais delicado possível. — Tens de comer mais.

— Não posso. Está-se a aproximar um grande espetáculo em Nova Iorque e disseram-me para me certificar de que não engordava um único grama. O Greg Simpson deu a entender que eu estava a engordar. — Hannah baixou o olhar para as suas mãos. — Eu tinha o telemóvel em alta voz quando o Jonas entrou e se passou ao ouvir o Greg a dizer-me para não engordar. O Jonas disse que é uma estupidez ser tão vaidosa e que eu estava a matar-me só para ser famosa e por causa da minha necessidade constante de me adorarem. — Hannah fez uma pausa, empurrando o cabelo para trás, num gesto inconscientemente sensual. — O Jonas até disse que conseguia envolver a minha coxa só com uma mão. Foi horrível e o meu agente ouviu tadinho.

— Hannah! Não contaste nada disso a nenhuma de nós. O Jonas consegue ser cá um imbecil! Mas tenho a certeza que ele pensava que estava a proteger-te. Tu és linda e já estás muito magra. Não consigo imaginar como é que poderias estar a engordar.

— Não, mas estou a ficar mais velha. Não se pode estar no topo para sempre.

Libby estendeu a mão à irmã.

— Tu não és velha e sabes disso.

— Este é um negócio para mulheres jovens. Poucas são as mulheres com vinte e muitos anos e trinta e poucos cujas carreiras ainda duram, e nunca na passarela.

— Tu guardaste praticamente cada cêntimo que ganhaste. Quanto tempo é que queres continuar com isso?

— O que é que eu tenho mais, Libby? Não consigo conversar com as pessoas, tu sabes disso. Sem ti e as outras a ajudarem-me, gaguejo e tenho ataques de pânico. Não tenho mais habilidades nenhuma.

— Tu falas várias línguas, Hannah.

Hannah riu-se.

— Libby, isso não me serve de muito se não sou capaz de dizer uma única palavra quando estou perto de outras pessoas. Assim que a minha carreira terminar, é o meu fim. Não sei quem sou nem o que faria.

— Não fazia ideia que te sentias assim. — Libby inclinou-se para mais perto. — Hannah, tu tens comida, não tens?

Hannah hesitou brevemente e depois encolheu os ombros.

— Já não sei como comer. Há sete anos que não como.

Libby ficou calada, tentando lembrar-se o que é que Hannah costumava fazer na hora das refeições. Ela costumava estar na cozinha. Ela cozinhava. Fazia bolos. Fazia chá. Ela chegava mesmo a comer? Libby não conseguia lembrar-se nem se sim, nem se não. Hannah parecia realmente demasiado magra. Bonita, mas demasiado magra. Provavelmente, Jonas era *mesmo capaz* de lhe envolver a coxa só com uma mão e isso significava que estava *demasiado* magra. Porque é que Libby não reparara nisso? Ela era médica.

— Lamento muito, querida, eu devia ter percebido que estavas com problemas. Concentro-me tanto a ajudar pessoas que me são completamente estranhas que não vi o que estava exatamente à frente do meu nariz.

— Não estou com problemas — negou Hannah. — À exceção de detestar o Jonas Harrington.

— Se não consegues comer, estás com problemas, Hannah, e tu sabes disso — retorquiui Libby. — Temos de te arranjar ajuda.

— Antes do evento em Nova Iorque não. É um espetáculo muito importante. Depois disso, concentrar-me-ei em ganhar um pouco de peso. — Hannah mudou de assunto com um aceno. — Entretanto, vou-me concentrando em descobrir um feitiço que mantenha o Jonas fora desta casa e da propriedade. Por falar nisso, o teu Tyson deve ter passado pelo portão para aceder ao caminho que dá para a praia.

Libby expirou. Hannah já não ia falar mais sobre os seus hábitos

alimentares, nem sobre o seu emprego, e estava a tentar arranjar uma maneira de mudar de assunto. Libby não queria deixar passar aquilo, contudo, não podia arriscar-se a perturbar a irmã. Tinha de falar com Sarah e de descobrir a melhor forma de lidar com a situação. Era altamente provável que Hannah tivesse um distúrbio alimentar.

— Ele não é o meu Tyson e o portão não estava trancado. Deixei-o aberto para o caso de a Inez passar por cá para me visitar. Ela disse que era capaz de vir fazer uma visitinha, se conseguisse sair da mercearia. — Olhou de relance para o relógio. — É melhor ir tomar um banho antes de o Ty chegar.

— Vais usar cuecas vermelhas hoje à noite? — perguntou Hannah maliciosamente.

Libby fez uma bola com um guardanapo e atirou-a à irmã.

— Hannah, acho bem que tu e o resto das minhas irmãs não tenham andado a mexer na minha roupa interior. A Abigail arranjou um belo sari-lho depois daquela cerimónia das cuecas vermelhas...

— Em que tu participaste — observou Hannah.

— Pela *Abbey*, não por mim. Não quero arranjar nenhum homem. E tira esse sorriso da cara. Se eu cair nisso, tu és a seguir.

— Isso jamais acontecerá. Não consigo falar com nenhum homem sem que vocês todas me apoiem. A única coisa que faço é gaguejar ou ter um ataque de pânico, por isso as probabilidades de eu arranjar um homem são praticamente nulas. — Hannah soou muito satisfeita. — Portanto, eu posso lançar feitiços, inventar poções de amor e participar nas cerimónias das cuecas vermelhas com vocês todas sempre que me apetecer.

— Estás tão tramada, Hannah — disse Libby.

O riso de Hannah seguiu-a escadas acima. Libby colocou-se à frente do espelho a olhar para si própria. Tinha o rosto completamente sujo de terra e tinha terra no cabelo. O seu nariz estava com um tom vermelho-vivo e, uma vez que usara óculos de sol, parecia que tinha uma máscara de guaxinim à volta dos olhos, tal como previra.

Resmungou e fez uma careta.

— Hannah! Anda cá! Não posso sair neste estado. Porque é que não me disseste que estava horrível?

Hannah correu para o quarto de Libby.

— Não vás para um sítio com muita luz e não terás problemas. Pões um bocadinho de maquilhagem que ninguém vai dar por isso.

— *Eu* vou dar por isso. Já me sinto suficientemente nervosa quando estou com ele sem parecer uma palhaça — choramingou Libby.

— Não queria nada dizer-te isto — disse Hannah —, mas ele já te viu assim e beijou-te na mesma. É um sinal excelente de que gosta de ti.

E convidou-te para jantar. Como está a tua cabeça? A mãe e o pai não vão ficar muito contentes por andares por aí. Foi preciso que nós as seis, mais a mãe e a tia Carol, interviéssemos para te salvarmos a vida, Libby. Se não estiveres a sentir-te bem, não devias ir.

Libby começou a atirar as suas roupas para todo o lado.

— Ainda me dói um bocadinho a cabeça e sinto-me um bocadinho fraca, mas não é nada grave. Confia em mim, Hannah, tenho perfeita consciência do quão estúpida fui ao arriscar a vida de toda a gente. Tu e a Elle é que sofreram as consequências. — Abraçou a irmã impulsivamente. — Não sei o que teria feito sem vocês.

— Bem, por acaso sinto o mesmo — disse Hannah. — Porque é que estás a espalhar a tua roupa toda?

— Detesto-a toda. Não tenho nada que me faça parecer... — Libby pensou numa descrição correta — bem, como tu. Preciso de umas mamas altivas. Se bem que, neste momento, quaisquer mamas serviam, fossem elas altivas ou não.

Hannah abanou a cabeça.

— Estás mesmo mal. Nunca te ouvi falar do teu aspeto. Acho que nem nunca pensaste nisso.

— Vais ter de lhe abrir a porta e dizeres-lhe que não posso sair com ele. Estou a falar a sério, Hannah. Eu, simplesmente, não consigo fazer isto. — Libby desmoronou sobre a cama, no meio das roupas espalhadas por todo o lado.

Hannah sentou-se ao lado dela.

— Tu gostas mesmo dele, Libby. Ele não te teria convidado para sair se não quisesse sair contigo. Tu és linda, inteligente e engraçada e é óbvio que ele pensa isso de ti.

— Ele diz que a nossa magia é uma «treta». É sarcástico, anda de mota e é multimilionário. Não quero sair com um multimilionário. Lembras-te sequer dos pais dele? É que eu não me lembro.

Hannah abanou a cabeça.

— Só me lembro que eles costumavam andar sempre a viajar e acho que não queriam passar assim tanto tempo com ele, porque passavam a vida a empurrá-lo para a tia dele. Ele viveu com a tia de quando em quando ao longo dos anos. O Sam contou-me que os pais do Tyson não o entendiam e se sentiam envergonhados por ele ser tão cromo. Eles faziam parte do *jet set* e estavam sempre na moda. Ele queria ver tudo por um microscópio e falar sobre coisas, tipo vírus, em que eles nem sequer queriam pensar. Eles morreram há alguns anos e deixaram-lhe uma fortuna. Acho que ele não fez nada com ela, mas os rumores dizem que o Sam anda a viver muito bem, por isso o Tyson deve ter partilhado com ele.

— Que estranho eu não saber nada disso — disse Libby. — Sei tudo sobre a educação dele e do trabalho que ele desenvolve, mas nunca tinha pensado sobre o porquê de ele viver com a Ida Chapman. Era óbvio que ela o adorava, portanto pareceu-me algo normal. — Abanou a cabeça. — Não posso mesmo sair com ele.

— Libby, vai tomar banho. Mereces divertir-te um bocadito.

Libby fez uma careta.

— Não tenho a certeza se sair com ele será divertido.

— Estás a empatar. Eu arranjo-te alguma coisa para vestires. É só um jantar, certo?

— Acho bem que ele não venha buscar-me de mota.

— Libby! — Hannah deu-lhe um pequeno empurrão. — Ele deve estar a chegar e depois é que vais mesmo entrar em pânico. O que é que faço se ele chegar enquanto estiveres a tomar banho?

— Bem, não o mandes cá para cima, por amor de Deus. Mantém-no ocupado.

— Com beijos? — provocou Hannah.

— O Jonas dá-lhe um tiro. É melhor não fazeres isso. — Libby pressionou o estômago com uma mão ao pensar em Tyson e Hannah juntos. — *Porque é que tens de ser tão bonita?*

Hannah ficou tensa.

— Mas até nem sou, sabias? — contrapôs ela. — Não vês homens a atirarem a porta abaixo para saírem comigo.

Libby virou-se suficientemente depressa para ver a mágoa no rosto de Hannah.

— Querida, desculpa. Não era minha intenção fazer com que te sentisses mal.

Hannah fez rapidamente um pequeno sorriso, mas este não lhe iluminou o olhar.

— Eu só estou sensível. O Greg perguntou-me se era possível fazer uma redução mamária. Eu já só visto um tamanho acima do mais pequeno, mas, ao que parece, alguém se queixou que as minhas mamas são demasiado grandes.

— Hannah, tu medes um metro e oitenta. És suficientemente inteligente para saber que o Greg é um idiota por querer que fiques ainda mais pequena. Tens sorte por ainda teres mamas sem pesares quase nada.

— Eu sei. É como te digo, sinto-me um bocadinho sensível. Não é nada de mais.

— Se estás a sentir-te mal contigo própria, para mim é.

— É melhor eu ir para a porta, para o caso de o teu acompanhante chegar — disse Hannah.

Libby abriu a água quente no nível que conseguia suportar e meteu-se debaixo do duche energético, refletindo sobre o que deveria fazer quanto à sua irmã mais nova. Hannah parecia estar sempre feliz. Ela era amorosa, bondosa e generosa no que dizia respeito ao tempo que dedicava às suas irmãs. Não fazia amigos com facilidade e era reservada; aparentemente, parecia sempre satisfeita por ficar na casa delas em Sea Haven entre os seus trabalhos como modelo. Hannah era a última pessoa que Libby alguma vez pensaria que estava infeliz. Porque é que ela não reparara nisso? Andaria ela tão embrenhada na sua própria vida que não reparara na perda de peso da irmã? No seu ar triste? Devia ter sentido a infelicidade dela. Jonas Harrington percebera antes de Libby que Hannah estava com problemas.

Pôs champô no cabelo enquanto pensava na melhor forma de ajudar Hannah. Será que ela fingia estar feliz por já se sentir um incómodo para as irmãs? Elas davam-lhe todo o seu apoio com frequência, com tanta frequência que já era algo automático. Nenhuma delas pensava fosse o que fosse sobre isso, mas talvez Hannah pensasse. Será que ela estava transtornada por sentir que precisava da ajuda das irmãs para poder estar em público e fazer o seu trabalho? Agora que Libby pensava sobre a personalidade dela, isso era provável. Todas elas tinham tido esperanças de que ela ultrapassaria a ansiedade que sentia em público, mas esta só piorara em vez de melhorar.

Libby embrulhou-se numa toalha de banho e tapou o cabelo com uma toalha, tipo turbante, ao sair do chuveiro. Quase esbarrou contra Jonas e deixou escapar um pequeno grito quando ele lhe agarrou nos ombros para que ela não caísse.

— O que é que estás a fazer? Estás cada dia mais esquisito, Jonas. Isto é *a casa de banho*.

— Como raio é que querias que eu soubesse que quarto era este? Eu não venho aqui acima assim tantas vezes. Tenho algumas perguntas.

— Como é que passaste pela Hannah?

— Ela está ocupada a inventar um feitiço qualquer contra mim — disse Jonas. — Ela até fica gira com aquela cara assim tão séria, a resmungar para ela própria.

— Os feitiços dela resultam mesmo, Jonas — avisou Libby.

— Em mim, não. Até agora, não. E faz com que ela esteja ocupada com alguma coisa para além de se meter em sarilhos. Onde é que anda a tua intuição psíquica toda? Devias ter percebido que eu estava na casa. E a Hannah também devia ter percebido, já agora.

Libby encolheu os ombros.

— Confiamos na casa para nos avisar. Ela conhece-te. Não és nenhuma ameaça para nós.

— Sou para a Hannah. Se ela não começar a cuidar dela própria, vou fazer alguma coisa drástica.

Libby ergueu o olhar ao ouvir o tom severo da voz dele. O maxilar dele apresentava aqueles traços de teimosia que ela conhecia tão bem.

— Vou certificar-me de que ela o faz. O que é que querias?

— Bem, tenho andado a pensar em como foi estranho teres interferido com alguém com ferimentos tão graves, sabendo tu que era extremamente perigoso. Nem parece teu. Tu tens sempre cuidado para que as tuas irmãs não sofram nenhum mal. E depois também foi aquilo com a Irene. Nem parecia ela ao começar a bater-te com a bolsa. E já fui examinar a erosão na falésia. Aquele deslizamento de terras não começou sozinho. Fizeste alguma coisa a alguma... — Calou-se e pigarreou. — Tu sabes. A alguma feiticeira? A alguma rainha do vudu? Talvez uma de vocês tenha invocado um espírito qualquer e agora ele esteja fulo por o terem trazido para aqui.

Libby desatou às gargalhadas.

— Jonas. És tão pateta. Sabes muito bem aquilo que fazemos e que não fazemos. E nós não invocamos espíritos, nem bons nem maus.

— Bem, há alguma coisa que não está bem, Libby. Um dos pedregulhos foi levantado do chão e provocou a derrocada. Encontrei duas marcas de escorregadelas na lama, mas nenhuma pegada. Fui lá abaixo à praia examinar os pedregulhos. A maior parte das rochas ainda estão intactas e vi alguns arranhões feitos por uma ferramenta qualquer. Como é que alguém entraria na vossa propriedade para fazer este tipo de estragos?

— Eu deixei os portões abertos para a Inez. Eu disse-lhe que estaria na praia. Talvez alguém tenha visto alguma coisa suspeita.

— Não dá para ver cá para cima lá de baixo na praia e, da maneira como o terreno desce a pique, alguém que passasse na estrada também não teria visto nada. A Hannah estava em casa nessa altura?

— Não, ela só voltou alguns minutos antes de eu vir da praia.

— Tens algum inimigo?

— Bem, é claro que tenho. As pessoas pensam que eu consigo ressuscitar os mortos. Tal como a Irene, elas acham que eu opto por deixar que os filhos delas morram. Se alguém acredita que sou capaz de curar o seu filho moribundo, e eu me recuso a fazê-lo, não achas que as pessoas vão ficar realmente chateadas comigo? Principalmente se essa criança morrer mesmo?

— Para além do Edward Martinelli, recebeste alguma ameaça recentemente?

— Escolhe à vontade. Passo a vida a recebê-las. — Ela não queria admitir a Jonas que não se lembrava quem era Edward Martinelli, mas deve

ter apresentado um ar confuso porque Jonas deu-lhe um abraço rápido, estando ela de toalha e tudo.

— Ele mandou alguém para falar contigo e pediu para ter uma reunião contigo, Libby. Não foram muito agradáveis e tu disseste que te sentiste ameaçada. Eles referiram o nome da Hannah. Já ando a investigar isso.

Ela levou uma mão à garganta.

— Detesto não me lembrar de um período tão grande da minha vida. O que sei é que tenho um arquivo de ameaças, Jonas. Posso dar-to, se achares que é necessário.

— É claro! Quero-o o mais rápido possível. Estou a levar isto muito a sério e quero que tu também o faças.

— É um bocadinho impossível levar seja o que for a sério quando estou aqui embrulhada numa toalha, Jonas — observou Libby.

— Harrington! — Tyson Derrick abriu a porta da casa de banho de rompante. — Que diabos estás a fazer no duche com a Libby?

— Ele está no duche com ela? — Hannah espremeu-se toda para passar para a frente de Tyson e lançar um olhar furioso a Jonas, de mãos nas ancas. — És um canalha!

— Como é que entraste aqui? — Libby interrogou Tyson, agarrando na toalha para se certificar de que esta não estava a cair. — Isto é a casa de banho, não é nenhum centro de convenções. Será que toda a gente perdeu o juízo?

— A Hannah deixou-me entrar — disse Ty. — E ainda bem que deixou.

— Então porquê? — perguntou Libby antes de conseguir impedir-se a si própria de o fazer.

— Vou meter o Harrington daqui para fora ao pontapé.

— Ai que bom — disse Hannah. — Finalmente, alguém com a ideia certa.

— Eu não estava no duche com ela, Derrick — sibilou Jonas por entre dentes. — Seja lá o que for que a Hannah tenha dado a entender, por acaso, estou a investigar aquilo que parece ter sido um atentado contra a vida da Libby, por isso, afasta-te. — Os seus olhos lançaram faíscas a Hannah.

Hannah envolveu Libby com um braço, com o riso a desvanecer-se-lhe do olhar.

— O que é que queres dizer com isso, Jonas? Achas que alguém anda a tentar fazer mal à Libby?

— Não sei, é isso que ando a tentar descobrir. Só há algumas coisas que não estão a fazer grande sentido.

Sarah, a irmã mais velha das Drake, avançou com dificuldade para dentro da casa de banho.

— O que é que estamos todos a fazer aqui dentro, a divertirmo-nos?
— Por trás dela, Kate e Abigail pairaram à entrada, a tentar ver em torno de Tyson.

Libby escondeu o rosto no braço de Hannah.

— Isto está a transformar-se num circo.

— Isto é sempre assim? — perguntou Ty, com uma das suas sobrancelhas pretas erguida em jeito de interrogatório.

— Praticamente, sim — respondeu Jonas.

— Libby, o que é isso no teu pescoço? — indagou Sarah.

Kate e Abigail foram encher ainda mais o compartimento para examinarem o pescoço exposto de Libby. Libby ficou vermelha e bateu com uma mão sobre a marca ofensiva.

— É um sinal de nascença novinho em folha — explicou Hannah.

As três irmãs Drake viraram-se em simultâneo para olharem para Jonas. Ele levantou as mãos.

— Não fui eu. Porque é que vocês me culpam sempre por tudo? Não estou prestes a andar por aí a morder o pescoço da Libby.

— Foi o Tyson Derrick. — Hannah revelou o nome sem hesitar.

Ty levantou a mão assim que todos os olhos se viraram para ele.

— Esse sou eu. Nem acredito que conheci toda a gente. Sarah e Kate, não é?

— Eu sou a Abigail.

— Prazer em conhecer-te. Eu e a Libby temos um encontro hoje à noite. Ela está atrasada.

— Não estaria atrasada se toda a gente parasse de entrar na casa de banho. Saiam! Toda a gente! Esta coisa de sair com alguém não é tão simples quanto parece.

— Ela está rabugenta — explicou Hannah às irmãs. — Vamos deixá-la vestir-se. O Jonas pode contar-nos porque é que acha que alguém tentou fazer mal à Libby.

— Boa ideia — disse Tyson. — Se houve um atentado contra a vida dela, quero saber tudo.

— Libby! — disse Sarah. — Porque é que não me contaste?

— Estou a ficar com dores de cabeça — choramingou Libby, pressionando a testa com a parte exterior da palma da mão. — E se não secar o cabelo, vou ficar com ele todo frisado.

— Libby — insistiu Sarah.

— O Jonas não tem a certeza. O penhasco desfez-se, mais ou menos, e aconteceu aquilo.

— Já te vi com o cabelo frisado — disse Ty. — Não estava assim tão mal. Estava mais como um cabelo frisado com espuma do que como se

tivesses enfiado o dedo numa tomada elétrica. Veste só alguma coisa para podermos ir embora. E eu estava com a Libby quando o penhasco se desfez. Foi, pura e simplesmente, erosão.

— Quando é que o meu cabelo pareceu estar frisado com espuma? — interrogou Libby.

Hannah acenou freneticamente, mas Ty franziu o sobrolho para o teto, não vendo, de todo, os acenos dela.

— Várias vezes. A ocasião mais memorável foi quando chegaste dez minutos atrasada à aula do Dr. Chang e bateste com a porta, interrompendo a aula. Se tivesse sido outra pessoa, ele tê-la-ia expulsado da sala, mas sua princesa real, Libby Drake, não. O teu cabelo estava com um aspeto selvagem e trazias umas calças de ganga com uma bainha gasta e um buraco no bolso direito de trás. A tua camisa ficava-te grande dois tamanhos e tu trazia-la amarrada com um nó à cintura.

Libby apontou para a porta.

— Sai! Sai já imediatamente!

— Estou bastante impressionada por ele se lembrar de cada pormenor do que levavas vestido, tendo isso acontecido há vários anos — disse Sarah.

— Tu, sai também! — ordenou Libby. — O meu cabelo não é selvagem. — Olhou, furiosa, para toda a gente até todos saírem. Assim que a porta se fechou, tirou a toalha do cabelo e fitou a sua imagem ao espelho. O cabelo dela era selvagem, mas a culpa não era dela. Ela tinha de o domar assim que saía do banho. E ainda tinha aquelas calças de ganga. Sempre foram as suas preferidas. Até pensara em usá-las para o jantar, mas agora teria de descobrir outra coisa qualquer. A água limpava a terra, contudo, ainda parecia que tinha a máscara de um guaxinim por causa da marca dos óculos de sol e o seu nariz tinha um tom vermelho-vivo. Libby suspirou e desistiu. Nenhum milagre salvaria aquela noite. Ty já a vira como ela realmente era.